

*Por Detrás*

*das Nuvens*

# 1,

Após dias e dia de aturado estudo do ar e das temperaturas no meu eremitério, concluí que o pouco dinheiro de que eu dispunha para ir à cidade gastava-o em reflexão, escrita e livros, enquanto a maior parte daqueles que eu conhecia e cuja vida via pela televisão, gastavam-no em coisas tão comuns como mulher e filhos. Muitas pessoas fixam-se em objectivos pessoais e profissionais e esquecem as pessoas, a simplicidade das relações, da vida quotidiana, dos pequenos gestos, dos pequenos pormenores como ver um cão chegar perto de nós e fazermos-lhe umas festas. Olhei para dentro de mim: com uma licenciatura em Filosofia, teria já um salário de professor, teria já feito o mestrado e já o doutoramento; mas nada me pagava o que aprendi com a antropologia, social e cultural, talvez tivesse podido ser um grande antropólogo, com um ou dois itens a denotar alguma falta de alguma coisa, podia ter ido a locais exóticos e estar por dentro da academia, portuguesa ou americana. Mas, de certo modo, eu fiz isso, com poucos lugares e numa geografia restrita. Fiz mais do que muitos, até porque uni a antropologia à sociologia e à filosofia, seguindo outros. E agora também estudo etologia e sociobiologia, como nos primeiros tempos da faculdade...No fundo, acho que eu e o Danny, enquanto cientistas sociais ou meros quarentões, perdemos o romanticismo e queremos a mulher perfeita, porque a religião, o costume, o afago dos amigos e o carinho provocam uma espécie de névoa na nossa libido, na nossa capacidade de acreditar no amor, no objecto de desejo. Quando não temos isso, nenhuma nos satisfaz porque a queremos encaixada no nosso esquematismo social mental, na nossa percepção da sociedade...Culpava a maior parte das pessoas por terem reservatório moral, achava isso mau, eu que tinha estado um ano num convento, tinha acabado essa tarefa mesmo tendo sido abusado, pelo que

a teoria de dois médicos de que eu não era feito para corridas de longo alcance, estava errada, dizia que a minha irmã não tinha reservatório, como os camelos têm, e que eu tinha, nessa altura estava a fumar Camel. Cedo mudei de novo, para Marlboro, por sofria mas as alegrias e o sentido de estar a viver eram imensos naqueles dias, em que o velhote se aguentava e a velhota ia, por mim e pelos outros seus, mais calma, mais feliz, mais descansada, mais sábia...Pois, afinal de contas, os meus velhotes eram bastante sábios, mais do que muita gente, pelo menos muito mais do que eu...Os terapeutas conduzem a frustração e a falta de qualidade de vida, de afecto, de incompatibilidade com o Outro para um cenário imaginário onde seríamos todos felizes, tipo Reino das Testemunhas de Jeová. A obsessão é uma presença de qualquer coisa no espírito, na mente, em vez do nada, que seja a consentaneidade para com o mundo circundante. Há o mito do homem social, burocrático, nas sociedades desenvolvidas. No Japão não é assim. A frustração é necessária à felicidade ou é qualquer coisa que se tende a eliminar nunca sociedade cada vez mais perfeita ou imperfeita, a frustração suspende o sonho de um mundo perfeito, que, afinal de contas, é um sonho monoteísta, monogâmico, essa é a norma, essa é a imposição, a fanaticidade, a fatalidade (?). Quando somos famosos, temos a mania da perfeição, será por agradar aos Outros ou a nós mesmos (diante dos outros)? Estamos sós, estaremos sempre sós ao longo de todo o universo, quando tentamos explicar tudo e não nos libertamos, quando não deixamos a natureza seguir o seu curso, à deriva, numa mar pleno e ao mesmo tempo vago de referências... Se sentimos culpa na masturbação, no porno até, se somos gozados, troçados, por ver pornô, sendo que os outros sabem, é porque há ainda na memória colectiva um modelo de vida perfeita, de casal perfeito, de encadeamento dos sentimentos e dos desejos, a ideia muito antropológica da seleção natural e do herói civilizador, mas há quem viva a sexualidade de uma melhor maneira, outro que levam a vida que querem au-delá dos Outros, do Outro, o Big Brother, essa ideia de um Deus que nos vê e observa cientificamente a todo o momento e a perda disso será perda em felicidade? Não será Deus a sociedade, não andamos apenas aos encontros uns aos outros estando apenas se talvez maravilhosamente sós nesta nave.

# 2,

Outras vezes ficamos sem palavras, pensando, moendo as imagens, agradáveis ou desagradáveis, deprimidos, tristas por tentarmos e metemo-nos na cama, porque talvez tenhamos tentado com muita força e demasiada perseverança, com um pouco de tolice, não queiramos envolvemos com ninguém porque temos uma carreira para apanhar e não a queremos perder, porque em tudo isto e aquilo apenas busquemos talvez afecto, entrega, amizade e todos os bons sentimentos.

Precisamente quando deixo de beber, a mãe arma um escândalo, com aquele jeitos pouco tranquilos, dizendo que não está para aturar um bêbado, enquanto eu permaneço tranquilo, ruminando, sem saber o que fazer, encadeado de imagens de corpos sobrepostos, como se fossem para Aushwitz, entregues à sua índole e eivados de uma força que os controla, enquanto espero por vários pedidos de emprego, várias actividades e deixo o barco andar. Depois, a minha mãe ia de mal a pior, não se lhe podia dizer nada, não podia eu pisar ou sair do risco, parecia que estava tudo contra minha, que quando as coisas se encaminhavam tudo desecambava, afinal talvez fossem assim as marés, não havia bêbeados na família, eu não tinha um problema de bebida, como muitos podiam julgar, apenas estava cansado, queria dar aulas de Filosofia e não tinha dinheiro para discutir a tese, podia ter uma doença crónica ou nem mesmo a tivesse, teria sido ela inventada pela sociedade que me rodeia, a quem dou e nada me dá em troca. Por último, a situação em que estava mergulhado exigia dinheiro e eu teria de pensar sem dinheiro, sem margem para erro, resolver as coisas de outra maneira, dar uma chapada bem forte ao adversário e sair por cima. Se me viesse com cantigas e falsas promessas, eu rejeitaria, viraria as coisas. Desde 97, portanto, há vinte anos, resolvera estudar filosofia, mas a filosofia pouco me dera e não valia a pena mais chamar a atenção dos filósofos, estando eles ou não na universidade. Mas será que toda a gente sabia o que se passava comigo? Não estariam

eles em situações bem piores? A este ponto, tu tens as formulações científicas e filosóficas, se tens de provar algo ou dar umas aulas, senão escreves o que bem entendes nos teus livros e levias uma vida pessoal e social mais ou menos regrada. Depois, Denis o Pimentinha a advogada feminista que vai para a televisão defender os direitos das mulheres como se fossem homens. A minha cabeça bamboleava ainda do dia anterior, a minha maior frustração não era não ter um lugar onde ir trabalhar no dia seguinte, nem ver a minha mãe infeliz, que eu sempre consertava isso, era não ter com quem falava, embora me sentisse naqueles dias bem com os meus pais. A filosofia perde-se na teoricidade, não tem lógica, enquanto a antropologia perde-se no tipicismo, na técnica, vou deixar tudo isso, dar umas aulas, fundar a minha universidade, viajar até à América, tratar dos meus assuntos online, continuar a escrever e a publicar, não me vou deixar ficar, tenho uma ajuda de Irene, as mulheres estão loucas, diz ela...

Interessava-me naquela altura o típico português radialista da vida ou pequena cidade, com sentido de classe e instrução que, podia o mundo acabar, estava sempre no seu posto e cumpria sempre a sua função em certo sentido social. Não poderia concordar mais com o meu irmão a este respeito. Isto, para mim (ainda) era o Paraíso. Como viver, porém, num país onde ninguém se entende sobre coisa nenhuma? Onde todos são apertados na educação, no percurso escolar, de modo a serem ensinados a estabelecer o seu feudo e aí gritarem liberdade? Que raio de liberdade é essa? Eu conheço outra liberdade, a do deixar de fumar, de largar a medicação, de fazer desporto, de pensar por si, a de sofrer por amor, de escrever e pensar o que bem me apetece num país mais americano que a América e ainda assim mais europeu e ao mesmo tempo menos europeu do que os outros, do norte, do leste. Ainda assim, há aspectos positivos e negativos, eu procuro o bem-estar e ao mesmo tempo não o procuro, sou antropólogo e não tenho necessidade de comentar coisas da superfície, do presente, a não ser, que eu saiba, que esteja ainda a fazer etnografia, quase sempre no mesmo local, superando a longo alcance o próprio Abélès... Cansado, com esta idade, de ser uma espécie de Nietzsche extraordinariamente antropólogo, de ter o respeito e a troça dos outros, por diversos motivos e ainda estar no início de muitas coisas, que

muitos tomam como fundamentais...se sou eu o Senhor (do Universo, talvez), porque então estou só, com os meus pais, a minha família? Talvez por isso... Sim, fazem de mim um monstro, quando eu apenas amo o mundo, não deveria escrever na primeira pessoa, isso parece um pouco débil e criminal, enquanto a maior parte escreve na terceira pessoa acerca de outras pessoas, outros personagens, não se preocupando com o texto em si, não perdendo tempo, apenas com o fito da fama, da promoção, da vantagem, de cá e de lá...como se não conseguissem controlar as hormonas e o seu controlo enervasse, metesse medo ou significasse qualquer coisa de louco, de anormal, de extraterrestre...às tantas é tudo isso e muito mais, sim, talvez nem fale com nenhum cientista social há séculos, com um filósofo há decénios e isso tão pouco ou nada me importa, depois dizem que levo tudo a nível pessoal, mas não foram vocês que tiveram de fugir de casa para estudar, outros nada faziam e trabalhavam para sair à noite, mas eu não, não importa agora, não é?, nunca se perguntaram sobre a minha vida sexual e às tantas acham-me um génio mas não compram os meus livros. Se ninguém se importa, haja um louco como eu, que se importa, como outros, que sei que se importam e sofrem pela vida que têm, como diversos autores (de suas vidas, de seus caminhos). Quis seguir a Igreja, Cristo, mas a força espiritual perdeu-se, aumentou-se a força animal, hormonal (social), fui conquistando moças, mas nenhuma ficava. Tenho algum defeito de fabrico? Isto não vai dar em nada, mas pode dar num grande amor, os meus pais envelhecem e talvez não conte a vida dos outros porque a minha não corre inteiramente bem e não sou capaz desse surplus de élan para falar do mundo, por isso falo e transmito a minha visão do mundo, a minha mundividência, nada de mais honesto, diriam alguns, autores célebres e premiados. Sim, anda tudo louco e acabrunhado, porque muitos têm receio de ser policitamente incorretos, têm receio de ir parar a um hospital, levar uma boa injeção de merda medicamentosa nas veias e ressurgir, possivelmente, ou ficar por ali, louco, errando pela mente e suportando o corpo que se desfaz no tempo... Eu olho para uma fotografia de mim há dez anos e vejo um tipo apaixonado por ele mesmo, com grande auto-estima, persistência, dotação (de sentido, inclusivé), talentoso, por isso sempre criticado e jogado de lado, que tem de se exercitar mental e

fisicamente, psiquicamente, para ultrapassar os mais diversos obstáculos e adversários.

# 3,

Qual seria, então, o sentido da vida? Procriação, diversão? Tudo isso tinha que ver com a sexualidade. Será que ela espelhava uma certa maneira de Ser? Andava de um lado para o outro em casa, sem saber o que fazer, meu coração estava vazio, não sabia se precisava de alguma ajuda ou não, mês sentia uma solidão tremenda dentro de mim. Sim, andava de um lado para o outro, parecia que a minha vida se tinha esvaziado como um balão que foge ao punho de onde levantou voo um falcão ou uma coruja. \_Que mais podia fazer? Estava certamente num beco sem saída, de modo que, como em tudo, indo eu depressa demais e demasiado à frente, tinha de recuar. Neste sentido, deixei de insistir nos mesmos projectos, nos mesmos objectivos. Passei de perdido em Lisboa para outra coisa que não sabia bem o que era, mas que me agradava bastante, uma coisa para a qual pendia, para a qual tendia progressivamente. Estava tão balanceado em mim mesmo e inclusive, que não conseguia parar, ter sempre qualquer coisa no pensamento ajudava-me a continuar, a manter-me vivo. Eu era, literalmente, “o homem que não conseguia parar de escrever”...

E lembrava-me do filme de Sokurov, “A mãe”, do meu primo e outros que mais, procurava evitar o porno, mesmo sabendo de mais logo, nesse dia, não conseguiria dormir facilmente sem ele...Por uma razão ou outra, não me dava conta da extensão da comunicabilidade dos meus actos, das minhas palavras, da minha opinião e tudo isto num contexto nacional, mas que revertia para outros além disso. Não conseguia estar quieto, ia até à sala via um pouco de televisão, mudava os canais, procurava parar qualquer coisa que não poderia ser parada, ia até à cozinha e lembrava-me que apenas anteontem havia tomado banho e olhava os azulejos, espalmando neles a minha mão ardente. Podia ser, o meu sintoma, apenas qualquer coisa de psiquiátrico, de físico, de espiritual, a vendedora da Vodafone dizia na sua agradável voz brasileira

certas coisas e a vizinha de baixo veio trazer correio que não cabia na caixa postal. Muito gostava de fazer filosofia e podia ser a decisão da bolsa dentro de alguns dias e eu estava nesta vida, entre a cidade e a casa, o mundo da casa e o mundo mais que aberto que a gente fecha da cidade...Estava enredado numa literatura de mínimos, se mínimo sentido e alguma contingência, o final de “Névoa” havia ficado em Riachos, bem como as primeiras seis páginas deste “Por detrás das Nuvens”. Depois, esqueci-me de toda a carne e, por amor aos meus, como se fosse um sacerdote laico, entreguei-me a toda a espécie de metafísica. De uma maneira ou de outra, o que a ciência não explica é dado como dado à religião, que melhora sabe lidar com o tempo do que a ciência. No final de contas, acabei achando-me um sortudo, tendo apoio monetário da minha mãe e da minha irmã e ainda por cima me dar ao luxo de fazer filosofia, beber uns copos, fumar e escrever. Afinal de contas, estava vivendo a vida...Por outro lado, faltava-me o sentido estratégico, um pouco como José Luís Peixoto, ou seja, era sincero para com o leitor como se estivesse conversando com ele na eminência do meu fim de vida à lareira, de algum modo, as personagens haviam-se eclipsado e eu fazia aquela volta desde o Saldanha até à Praça do Comércio como se fosse um robô que anda de uma lado para o outro com os fusíveis danificados e chispando lume. Depois de duas teses, onze livros, em dois anos, a minha irmã ainda exige de mim, bem como os meus pais, exigem e como se eles exigissem, também a sociedade exige, mas eu não estou mais para dar. Por vezes precisas de te desligar, mesmo que permaneçam na tua mente escolhos do dia (*spoils of the day*), mesmo que cimentado a isso tudo te demonstre a tua sensibilidade além disso, porque afinal, mesmo numa corrida há uma descida, a que se segue uma subida e, depois, um terreno plano onde pode acelerar a teu ritmo.

# 4,

Uma angústia persegue-me, uma solidão, como se fosse fugir de mim, do meu corpo, como se estivesse efectivamente *Além do Pensamento* e a minha mente se desmontasse para cumprir qualquer coisa de irreal. Devias estar ao telefone com pessoas do meio, falando pela tua importância, mas andas de um lado para o outro, sempre a criar, sempre tentando tirar coelhos da cartola para que te sintas bem e não percebes o que se passou contigo, o que se passa contigo, como se entregas, como a mar revolto, a essa solidão que te acerca, que te possui como besta demoníaca. Agora, nesta altura, nem uma quer estar contigo, nem miúdas, nem velhas, nem novas, é esse o preço de saberes filosofia, mais da vida, de fazer filosofia. E notas que estás quase no fundo e quanto mais resistes mais te cansas, entre o pacote de vinho e a garrafa de Super Bock. E deixas andar, como se estivesses à beira-mar, como se estivesse na floresta ou num bote em alto-mar, à espera de ser salvo. O teu Deus desapareceu e já não percebes isso, já não percebes nada, quando, ainda assim, procuras fazer sentido porque notas que a tua mente, além da da tua mãe, ainda trabalha... Mas fico mais calmo, se não tivesse acontecido “aquilo”, que eu tendo a ver como um percalço, estaria mais tenso, mais nervoso, mais fleumático. Estive extraordinariamente calmo há instantes, como que sorvendo o tempo, embrenhando-me nela, fazê-lo minha fêmea. É claro que elas não querem saber de mim, “ninguém te liga”, diz a minha mãe. Eu funciono bem com essas palavras de abandono, de esquecimento, de ostracismo, Ainda ontem era um VIP, hoje não sou ninguém, não espero grande coisa da vida, vida que não me deu grande coisa. Talvez tivesse de ser assim, como uma forma de destino. E sou feliz absurdamente, na minha forma de intimidade peculiar... Grande parte do meu problema é ser incauto, levar em demasiada consideração a ideia de finitude, como se o Se não se pudesse projectar a partir dela. E então ensaio

uma espécie de manhozisse ante a realidade, protegendo a minha vida enquanto ser pensante, como se o globo terrestre fosse a minha casa, a minha mente. E lembro-me da minha velhota e eu, estando lá cuidando dela, mudando-lhe as fraldas, levando-a de um lado para o outro, comendo com ela depois do meu pai...A minha velhota, sempre rezingona e eu com nenhuma mulher em Lisboa, não sei como fazer isto, lembro-me de Poulain...Mas...será que o único meio de chegar a uma consciência colectiva no seio da sociedade capitalista ocidental, como é a nossa, como é a inglesa, francesa, americana, é através da orgia? Não sei, há muito que estou tentando esticar a corda e perceber as coisas sob o ponto de vista teórico das ciências sociais. Sim, porque é isso que me interessa, no fundo tentar perceber padrões de pensamento no meu contexto cultural para ajudar, para compreender, talvez para intervir no sentido de melhorar, se é essa a questão, o seu destino, o seu “funcionamento”, como se essa consciência colectiva fosse uma máquina, um engenho e eu fosse o engenheiro de tudo isso...assim, tenho medo de sair de casa, como se estivesse fazendo algo de monstruoso, quando estou no fundo apenas contando uma história, ainda que sem dama, ainda que sem amor, contando uma história de amor, ao fim e ao cabo... Depois, percebi que nada havia de especial na vida senão proporcionar a nós mesmos a realização da nossa verve, nem filosofia, nem metafísica nem transcendência, porque na verdade, tudo não passa de uma utopia e ainda que realizemos os nossos sonhos, outros adiante irão ser planteados ante a nossa mente...

# 5,

O pragmatismo do meu irmão leva-o ao ponto de considerar o mundo uma emanção do sujeito, ou seja, o homem tem de levar à prática no plano social o que diz, ou seja, o acto elocutório deve ter consequências na vida vida prática, material, social. Depois, fui percebendo, toda a movência do mundo, do pensamento, do sentimento, não é como um homem quer, é mais tarde de tivermos alguma paciência, porque a mulher procura sempre aquilo que lhe traz vantagem, nisto lévi-strauss tem razão, o jovem-homem tem de garantir o abrigo para a mulher, para que ela se sinta só e em segurança, por mais estranho que possa parecer, estes pensamentos são repetidos, para que ela se sinta à-vontade, mansa, dialogar, propícia, nada mais interessa senão isso neste mundo, porque é como que um desígnio primitivo, mesmo nas mansões mais luxuosas e se ela tiver amigas com quem falar, ainda melhor... Estando assim, meio ébrio, com aquela mais que outra me chamando filho da puta, pensei, mais adiante vou-me divertir, e ainda que não o faça, não me importo. O mundo te pertence, mesmo depois de uma punheta. Porque sempre falaste aberto, sempre foste frontal, e ainda assim em terra de mouros estás desolado porque tens de dormir sózinho, e Deus sabe quanto isso custa, bem como outras coisas entretanto, não estás fora daqui, és testemunha de muita coisa, entre ti e os outros e mereces o beneplácito de aqui continuar, até que alguma coisa justa aconteça... Desço as escadas do prédio, desço as escadas interiores do metro, a tremelicar, quase a cir, caindo, não sei se me aguento, afinal ainda tenho vida, vou até ao MacDonald's no Saldanha, também as opções não são muitas, afinal vivo numa cidade tão pequena e ainda não recolhi grande simpatia, faz-me falta um grupo de amigos, coisa que nunca acontecerá, porque já deveria ter ido embora daqui, talvez esteja à espera do resultado da tese, talvez esteja à espera da morte do meu pai, inconscientemente, para ir às Américas. Revejo a tese no meu pensamento desde o Saldanha para cá, tudo mudou,

nada mudou, talvez apenas esteja estado procurando corpos, um ou dois corpos, na minha jornada e os meus quadros mentais tenham sido alterados, o PC da Torre está lento, por vezes mesmo, pá, tenho de passar ao *laptop*. Vejo os primeiros raios de sol deste dia entrarem pela janela do quarto, um quarto que tenho para alugar só pra conhecer pessoas. Passo pelo monhé e compro um martini em miniatura, um litro de cerveja, um litro de vinho de Barrancos...

# 6,

Tenho de comprar três prateleiras quando receber, uma para o estúdio, duas para a sala de estar. Tenho dois meses de comunicações em atraso, mesmo que desliguem peço para pagar a prestações. Semana de loucos, esta, dormi quatro horas por noite e sempre na internet, a ler umas coisas, sempre fazendo projetos e organizando a minha vida, presente o futura. A tese já está entregue para impressão, com o dinheiro do empréstimo pago a impressão de uns textos, as propinas da tese e a sua impressão, devo comprar um computador novo, este vai pata o quarto, o portátil ainda está na sala. Coisas desse tipo. Pontadas na cabeça, mesmo que não tenha bebido senão vinho e cerveja, na média d eum litro por dia. Não deixei de fumar um maço de cigarros por dia, embora menos num ou noutro dia. Lilly finalmente voltou para mim, está nos EUA e virá dentro de um mês para passar um mês. Sinto-me só, mas ainda não me decidi em ir a Riachos, vou ter em minha companhia um gatinho pequeno, já preparei as coisa. O apartamento parece um santuário da escrita e da criação...

Na verdade, o quotidiano divide-se entre aqueles que receiam a morte e os outros, que nem sequer se lembram dela. O filósofo será o único que mais consciência tem dela, ao lado do sacerdote, afinal, fazer filosofia é prepara-se para a morte e assim ser feliz. Porque a morte é o Nada, é Nada...

# 7,

Depois de duas semanas, percebi que estava no regito errado e que era, ainda que feliz, uma seca para muitos. Em termos práticos, iniciei uma relação com um novo partido político, esperava ainda o resultado da bolsa, o resultado de 4 candidaturas a lecionação e inventigação, respetivamente na Nova e na Clássica. Memso assim, apesar de não ter um amor a não ser Lídia e precisando muito de ter uma relação, continuava, como louco incansável à procura de qualquer coisa que nem eu nem os outros sabíamos bem que que era, o que seria. Depois, enunciando ao pintor, disse que farai a meia de Lisboa, entre os cem primeiros metros e os cem últimos, entre os cem primeiro classificados e os cem últimos. Sim, eu sapei como acabaria, algures em Lisboa numa residência para professores, remoendo não ter tido a possibilidade de não ter ido à América ou simplesmente por não ter sido capaz. Sim, o velhote dormia sózinho, a pensar, imaginar não sei bem sobre o quê, talvez gajas, como eu, umas boas mamocas, uma boa rata para lamber, como eu, como todo o homem que deseja (e não deseja). Ou então estava a pensar nos terrenos ou em, em como eu até era um tipo acertado e creio que o meu irmão também pensava isso, só que estrategicamente não queria admitir. Aliás, sou signo chinês cão, por isso tenha sempre algo que lamber, ainda que saiba a tabaco, mas as papilas gustativas, que eu saiba, estão na língua e não em baixo... Depois, estava puxando o desejo para a frente, com os meus méritos merecia uma boa dose de sexo (oral, já agora), ma snão insistia, sofria como um cão, pode tudo e todos, era como o Maxi que jogara do Benfica. Depois, arranjei uma estratégia, quando estive a saltar-me a tampa diriz cha-cha-cha com os lá brios protuberantes ou fazia aquela expressão do homenzinho com a boa e os lábios para trás e para a frente na Igreja. Era um truque que resultada. Nasci para estar vivo, daí qualquer coisa podia acontecer e memso em Riachos, não

sabendo em quanto tempo dali me daria o sono, sentia-me feliz. Estávamos vivendo uma onde comparável à dos anos 80 (e três), uma época de expressão deleuzina dos sentimentos e ardores da nossa geração, a de setente, oitenta e a de hoje, pois eles encostavam-se a nós para saber do Tempo... Se chovia se fazia sol, m se valia a pena arriscar algum esforço, como na América, que por ora nos conquistava e n'so avançando para qualque coisa que seria uma (nova) conquista europeia da América, da forma americana de viver a vida...Lembrei-me, por isso, da cigana no posto de correio e na beleza que se sentava a meu lado, a quem lhe explicava que talvez fossem os ciganos o grande segredo, aqueles que se iria m salvar e seria condição de salvação da humanidade. Ela roía os dedos, no calcão e desapareceu dali a pouco, quando ocupei o balcão deixado vazia por dois magnatas dos campos. Espantava o caso deste país de sacanas controladores das mulheres e eu passando fome, ou seja, nenhuma mulher se aproximava de mim e eu estava fazendo um esforço ingente com este doutoramento, se fosse outro deixava-me estar num registo de senso-comum, como a maior parte, tirando certos académicos, mas eu teimava em adiar para a vinda de Pirene, ou seja, passava tempo e mais tempos, dias e mais dias e...nada, não conseguia nada, enquanto investia com a maior força e teimosia numa carreira académica e de escritor. Os meus livros era lidos à socapa, não valia a pena mais esforço, Pirene chegaria dentro de duas semanas, se tudo corresse bem, estava safo, se aguentasse mais quinze dias, previa que ela não era nem de perto nem de longe uma beleza americana, mas eu sentia alguma ou até muita empatia com ela, há quatro meses que falava com ela pela internet e apenas deixara de o fazer naquele fim de semana em que viera para Riachos para descansar... A vida, assim, o sentido da vida, evidentemente, tem a ver com o que deixas neste tempo e neste modo (de viver) ou seja, mesmo com o conflito entre filosofia e carne e as altímetras sensações do espírito que busca através e além do tempo e do desejo ums entido, ou seja, as obras que deixas é que te darão imortalidade. Se viverás uma segunda vida, se viverás uma vida eterna, aqui que neste ou noutro mundo, ainda que alé ou áquem, em termos de carne de espírito, o que conta é, para este mundo em que estás, as obras que deixas por cá feitas...

# 8,

Sim, estávamos diante de um país hipócrita, digo isto pela dificuldade em arranjar mulher, não era gay, no mínimo seria bi, mas a minha opção eram as mulheres e a dificuldade em arranjar uma para compromisso obrigava-me a parecer macho, machão e não delicado e ternurento. Havia qualquer coisa de estranho em tudo isso, talvez fosse apenas por não frequentar certos ambientes festivos, como discotecas. Mas, na verdade, eu não "conseguia" engatilhar com nenhuma, estabelecer tão pouco um compromisso e isso estava me deixando louco, ainda que resistisse, ainda que aguentasse, ainda que desenvolvesse extraordinariamente a imaginação. Qualquer coisa de muito estranho de passava e embora tivesse algumas oscilações a minha representação social, em nada me ajudava, pois elas não se chegavam perto. Sim, fiquei pensando, não havia (por aí) uma mulher para mim, com todos os contributos que eu dera para a boa disposição de muita gente, com tudo o que havia conseguido na vida? Havia uma linguagem da ordem do psíquico-animal que interessava às mulheres, talvez que apenas elas conheciam, de modo a acasalar, de modo a que se juntassem sobre o mesmo teto... E eu começava a falar essa linguagem... Pergunto-me porque a maior parte das vezes acordo caqunsado. Voltei a sonhar e a atividade cerebral cansa...

# 9,

Andando de um lado para o outro, decidi continuar esta obra, enquanto aguardava por notícias das coisas em que me tinha metido. Fui até ao aeroporto, onde mais podia ir para respirar uma atmosfera internacional? Os velhos falavam alto, ora no talhante ora em suas casas, não sei bem, procurava não dar importância, por duas vezes me deu a vontade de ir para os USA de qualquer maneira, mas optei por estar aqui mais alguma tempo, e ver o que daria. Tentei, por três vezes, presencialmente e online, abrir conta no banco dos correios e online, mas não consegui, tanto era os entraves. Continuava sem mulher, neste país quem se esforça não é devidamente recompensado, encostam-se uns aos outros para se ampararem dos tombos e das quecas (das quecas, também) e assim vão andando até à cova sem que vivam vidas verdadeiramente significativas. Sim, eu tinha inimizade por muita gente, mas o que é mais injusto é o facto de muita gente ter inimizade por mim. Não queria chegar ao ponto de pedir algum tipo de ajuda, pois aí é que seria dar o braço a terceiro e notava que, se até agora praticamente ninguém me tinha ajudado, fá-lo-iam agora? Eu sabia, mais ou menos, que nunca iria vender grande coisa de livros, ter grandes prémios, estava numa esfera determinada entre ciência social, literatura e filosofia, creio que articulava as três bastante bem, mas deixo isso ao critério dos leitores. Deixei de me gabar e de dizer mal dos outros e comecei a ver as coisas pela outra tipa, embora não tivesse grande apoio de alguém. A América não me daía de vista e eu tornava-me mais tolerante às críticas, na rua, nos estabelecimentos, ainda que elas fossem, na sua maior parte injustas, mas tudo bem, tudo isso fazia parte. Se não tivérmos democracia criaremos cada vez mais ditadores dentro das casas. Ali, no canto da minha sala, onde ontem tinha visto estrelas de que não era dono, acendia mais um cigarro, desta vez um Marlboro Mini, de viés, na minha mente, parecia estar pegando num SG Ventil.

Normalmente, no quotidiano, quando dizia para mim próprio que não fazia uma coisa, é porque fazia mesmo, quando não via ou não lia, é que lia e via mesmo. Talvez estivesse em conflito, em espírito de contradição, talvez devesse ir ao médico, como dizia o meu irmão, mas sim, eu não podia quebrar, talvez fosse agora a minha vez de cuidar da minha família, para que eles não viessem a passar o que eu passei, nomeadamente os dois pequenitos. Em pouco tempo, havia voltado ao normal, lembrei do chinês que finalmente tinha dito algo (que não percebia, talvez apenas uma interjeição), lembrei do nepalês, que tinha regressado à sua família e vi que o rapaz, acompanhado da sua miúda, continuava o seu trabalho, no lado de lá do pátio, com uma luz de candeeiro. Na corrida daquele dia, tinha passado apenas por dois colegas, um contra outro a favor, dos quais um inglês, que me levantou braço em saúdação, quando eu já ia muito em baixo. A hipótese de correr a meia-maratona no mês seguinte mantinha-se em aberto e eu descansava as pálpabras, imaginando-me Georges Dupuy no seu caixão, para voltar novamente no dis seguinte à liça diária da sobrevivência. Lembrei-me que não precisava de estar exaltado, nem em Riachos, nem em Lisboa, bebendo um pouco. Apenas tinha de tomar uma Quietapina, coisa que eu fiz nesse dia, dando-me uma ou outra alucinação algo leve... A partir de agora, só confio no emplastro... E lembra-me entretanto, no Domingas e no teu que passámos rindo, no Café de Vila Fria, à beira-do mar comendo umas sardinhas na Praia da Vieira, na discoteca Stressless. Gostava de tê-lo aqui comigo ainda. Snif.

# 10,

Sim, estava recuperado de duas terríveis em que me sentira increvelmente sofrido mas ao mesmo tempo feliz, não que fosse sádico, mas porque a criação gera sempre sofrimento, como a gestação dos humanos, o parto, o crescimento das árvores, estava efectivamente descansando, quando decidira esperar pelos resultados de quatro concursos, dois de professor, dois de investigador, enquanto procurava dinheiro para a tese, não estava à espera do meu pai, sabia que lhe queria dar essa alegria antes que ele fosse, à minha mãe e irmã também, obviamente, além de a mim mesmo. Depois, pensei isto, absolutamente simples: usava uns óculos de lentes grossas, como escurecimento (que parecia um padre ou pior), eu sempre fora bonito, giro, lindo, tudo o que vocês quiserem, era tempo de arranjar umas lentes mais finas e brancas, ainda que tivesse hipersensibilidade à luz. Sim, a maior parte dos jovens, de nós mesmo, dá-mos demasiada importância ao aspecto... Sim, eu creio que o mal do mundo hoje em dia, de velhos e novos, é paciência, ou falta dela, os novos media deram uma imagem de que podemos chegar ao poder num minuto, mas esqueceram-se de dizer que esse poder é virtual...contudo, pode influenciar o real, porque ele, na realidade, deixou de existir, eclipsou-se... O sinal do rádio vai, o sinal volta, vou comer qualquer coisa, é claro que podia estar longe mas talvez o factor psicológico que ajuda a criar dinheiro para tal não esteja nas minhas melhores condições, pelo que acredito que a filosofia se faz em espaços mais restritos do que a antropologia; quanto à literatura e à sociologia, não sei bem...

# 11,

Depois, percebia os provincianos que tinha vindo para Lisboa como deputados e outras profissões e que falavam de „alavancar“ e outras coisas que mais. Percebi que o motivo do meu azar era o meu cinto, que nunca mais me deixara desde há mais de quinze anos. Mas ele era a minha identidade e eu não me podia livrar disso. Tomei um passo de homem e avancei para um crédito de seis mil euros, declarei que ganhava pouco mas legal e que não tinha proventos além disso, mais tarde disse até que os tinha, mas puxa, havia por ali tanto tipo que fazia falcatruas, isto e aquilo e eu não podia também dar um coice na lei? Eu tinha fundado uma universidade, fazia isto e aquilo, tinha uma vida de sacrifício, era lógico que tinha direito a um empréstimo para sair do buraco. Além do mais, eu era responsável e ninguém tinha nada com isso. Antes da meia-noite acordei de novo ainda sob o efeito da Quietiapina, que me dera bastantes prisões nos músculos diversos das pernas e das costas e as também diversas e respectivas alucinações. Fumei um cigarro, embora estando ansioso por fazer coisas e mais coisas, sentia-me bem naquela casa. Talvez fosse dela para sempre, ou seja até morrer, só ou acompanhado não sabia bem. Não tinha paciência para ler, mas sabia que um dia, não muito longínquo, iria assentar, com ou sem emprego, e voltaria de novo à leitura e`escrita mais acintosamente. Ora, por vezes, este transtorno de que sou portador, que está no sangue, essencialmente, tem a ver com as emoções, com os dejetos, coisa que qualquer pessoa não conheça a patologia não compreende, porque normalmente, no quotidiano, a pessoa está à vontade. Acontece quando tento fazer alguma coisa, com a roupa, a limpeza do corpo, a compulsão à masturbação. Não se trata de lutar contra, de fazer esforço, há que aguardar um pouco, sustentar a respiração e procurar estar atento ao mundo, às vezes, às vezes do mundo. Tira-se uma peça de roupa, joga-se outra fora e quando se julga ter

venciado a doença, leva-se um dia normal, embora se fique mais ou menos tempo na cama. O certo é que, como dizem várias canções, não vai desaparecer, mesmo que a mente opere como um pára-brisas, tal como pestanejamos... Porque, a pouco e pouco vais descobrindo as minhas, brincando contigo mesmo no âmbito, no meio, quando estás mergulhado na doença, uma doença que não se transmite mas que é hereditária...

# 12,

São cinco da tarde, casita está comigo, eu estou com ela, vou até ao Café e encontro mais dois personagens do meu filme, Tabarès e Cisco, a Gina lá está, sempre atraente, desta vez um pouco mal-disposta, mas escapa, das outras vezes é pior, regresso a Riachos sempre pensando em Lisboa, e num outro lugar, talvez a América, quem sabe e encontro também a mão sempre mal-disposta e reponstona, a minha irmã nada diz, é como o meu pai e eu para queimar tempo de três semanas de grande actividade, decido vir aqui ao écran em branco, não com muita convicção, mas com um kantiano sentido do dever. Depois, os estereótipos do filósofo incompetente sexualmente e do homem das obras vigoroso e cumpridor do desejo da mulher, não a contrariando, sendo uma espécie de pau ou vibrador anatómico. Por muitos destes estereótipos continuam não só a bater-se em mulheres por dá cá aquela palha, como continuam-se a ensinar estereótipos bem presentes em certa escrita, em certa arte, em certa música, nomeadamente a exploração do corpo da mulher que ela sempre permitiu ao longo da história e agora é o palco de todas as polémicas, pois todo o homem quer subir a esse palco e nele se recrear e, andando de palco em palco, o homem não encontra descanso porque está desnorteado, talvez pela ideia arreigada de que se pode fazer tudo (e à mulher ainda mais) e que não se pode ter carência de alguma espécie que é como se fosse uma espécie de puritanismo qual casca de que nos devemos livrar. Seja como for, a escrita saía um pouco forçada, como que para ocupar o tempo com algo válido, lembrando os tempos do jornal. Deixara descansado o diário e fizera cento e cinquenta notas em páginas A5 para usar na defesa da tese, ainda tinha de as passar a computador, entretanto, depois de três semanas estafantes, que quase me puseram KO, inscrevia-me no pós-doutoramento em Letras. Em pouco tempo, digamos que quinze dias, despachara a tese, estando a dormir uma média de quatro horas por noite, e colocara-a a imprimir na reprografia da faculdade, onde

tinha de passar mais umas vezes para um revisão geral, arranjar uns quinhentos os seiscientos euros e, claro, depois arranjar dinheiro para a levar ali bem parto, à reitoria, para a submeter a discussão. Este livro tinha, então, ficado parado um mês, mas enfim, apenas descansara dois dias e dois dias depois viera para Riachos, onde vi que o casalinho de ladrões deixara a casa que dava para a entrada da minha Casa do Jardim, o atelier onde eu ainda estava. A questão dos direitos de autor, por ter roubado livros, não me atormentava mais, sabia que não havia volta a dar nessa questão, eu próprio confessara o meu erro no texto da tese, pelo que não via, como outros, problema algum nisso. A minha confiança inflava e apesar de ainda estar só e ter muito pouco sexo, iam já quase três meses desde a última vez, gozava de um positividade muito grande, talvez fosse por estar esperando Lily, que vinha do Brasil para me ver e, quem sabe, ficar para sempre. É claro que eu preferia uma loira, devo confessar, mas uma loira dá muito mais trabalho e, amando, o céu me esperava com esta nengrinha instruída. Brígida continuava no café, eu tinha uma certa atracção por ela, mas não sabia como abordar, enquanto falava com o meu amigo Stéreo, a mesas poucas de Mendès. Sim, estava ansioso, mas procurava estar calmo, já tinha tido problemas e equívocos que chegasse, em Lisboa, os velhotes continuavam a falar de mim, na rua também, eu ouvia o seu falatório através das paredes ressoando dentro do meu crânio. Mas sim, quando não temos um amor é que damos por falta dele, o mesmo quanto ao sexo, a nossa cabeça não pára sempre pensando nas envolvências dos corpos e dos genitais, nas penetrações e nos esfreganços. Mesmo assim, estava ainda um pouco cansado, em Lisboa não tinha muita gente conhecida, nem mesmo em Riachos, mas podia ser bem pior, onde fosse era bem recebido, talvez mesmo onde quer que fosse, tanto lá como cá. E tudo talvez se devesse a uma efeito registado pela filosofia, pelo estudo da filosofia, que gerava um certo efeito de solidão, como se tudo estivesse emais ou menos resolvido, como se até não houvesse tanto espaço para brincadeiras ou à-vontades. Era um certo preço que se pagava pela filosofia e eu estava, ainda disposto a pagá-lo, embora soubesse que começando a dar aulas, esse efeito se poderia intensificar, por um lado, mas poderiam abrir-se outras ideias, outras pessoas, outras sociabilidades...Depois, porque tenho um pai que nunca depositou em

mim confiança para nada, talvez tenha sido por isso que fiz sempre tudo sózinho, ninguém verdadeiramente acreditou em mim, desde o seminário às várias faculdades e sempre fui fazendo as coisas sózinho, sem precisar de grandes padrinhos...ao ponto que superei a maior parte de todos eles e cheguei ao ponto de não só prescindir, bem como ao meu pai, mas prescindir de qualquer ajuda de uma entidade ou pessoa. É, pois, digno o meu percurso, mas ainda assim pouca gente lhe presta atenção e lhe reserva algum mérito, a começar com os meus pais e os meus irmãos que, na maior parte das vezes, nunca me entusiasmam para nada, antes criticando e rebaixando tudo o que eu faço. Se é assim com os meus familiares, como será com os estranhos? Por isso é que talvez ande sozinho em Lisboa e por Riachos, indo ao café como um homem qualquer... Depois, estou imerso num ambiente ultra-conservador, um apêndice do cavaquistão, onde as pessoas não têm vida nenhuma, não são capazes de um improviso ou simpatia e a minha irmã deseja-me tudo e mais alguma coisa só porque pensa que estou a competir com ela, de repente começo a falar com ela e ela exalta-se, de repente todos têm pena do velhote que ainda leva algum tempo para ir embora e têm-lhe uma veneração como se fosse um deus, na verdade, a minha irmã saíu-me uma borrasca valente, nem eu em anos de solidão e sofrimento em Lisboa me tornei tão mau e vil quanto ela e a minha irmã está feita com ela, em adoração ao chefe, de quem não se pode dizer nada, ou porque se enerva ou porque é o dono do dinheiro. Haverá situações como está? Merecem os leitores saber isto? E, na mesma situação que eu, o que fariam, neste puzzle, neste labirinto? Sim, agora vejo que ele nunca gostou de mim, eu sempre fui uma espécie de abre-latas, que divertia, um géniosinho a quem quanto menos afecto se dá melhor é, parece que melhorar com o tempo, não existe, não está lá, ali mesmo ao lado, mas aparece quando é preciso... Sim, ela diz que me ponho na situação de vítima...de violência doméstica? Sei lá, se calhar até é, se for bem a ver e sempre que me tento afirmar a minha mãe insurge-se, como se fosse ele a impedir que eu me afirme. Já viram isto? A minha mãe trata-me mal, censura-me por tudo e mais alguma coisa e quando me tento afirmar, sim, porque fiz mais do que qualquer um dos que anda por aqui, ela põe barreiras, como se quisesse abafar-me. Depois, podia facilmente fazer chantagem com o facto de a

minha irmã me ter internado várias vezes, mas já não vou por aí, ela sempre, de uma maneira ou de outra, me desejou mal, ao mesmo tempo que copiava o comportamento e as ideias, no fundo sempre foi inferior, como o meu irmão, sempre distante, mas não era capaz de levar a cabo os seus intentos, porque apesar de ser o filho menos amado, sempre sou filho e o meu pai não pode negar isso, tem de levar com ele, digamos assim... O problema é também que o meu pai não me ajuda em nada desde há bastante tempo, para ele a doença que eu tive não me impede de trabalho, ele, bem como a minha mãe, ainda estão à espera que eu tenha energia para trabalhar àrduamente e eu nunca me pus numa situação de inferioridade, de vítima, como ela diz, sempre disse que era capaz e fui efectivamente procurando emprego ao longo deste quinze, vinte anos. Não há tanta gente que está desempregada? Porquê tanto celeuma, porque, talvez, eu tenha arriscado bastante desde 97 estudando filosofia, como se tivesse embarcado numa espécie de férias mentais e físicas, sim, o meu pai diz que eu não faço nada, a minha mãe também e eu percebo isso como uma falta de amor, mas não são eles os culpados, mas a sociedade em geral, pois não tenho sentido apoio em lado nenhum, já disse, nem apoio nem palmadinhas nas costas, em Lisboa estou só a maior parte do tempo e todos falando de mim...como se estivesse sempre em risco qualquer coisa de importante pelo facto de eu ser antropólogo. Merda de profissão, só dá chatices! Não tenho descanso um minuto que seja e agora tenho que arcar com o ódio da minha irmã, a única pessoa que me vai ajudando... Neste momento, aqui, a esta hora da noite, não tenho com quem falar, telefonar para o meu irmão é mentira, não tenho com quem desabafar, oxalá Lily venha logo, talvez nem sequer a leve a Riachos, não vale a pena iludir quando as coisas estão mal... O governo mandava-me um recado através do noticiário: "Não queremos missionários, apenas pessoas que façam as coisas". Eu não cheguei a perceber que tipo de coisas e nbem sequer era um missionário. De modo que percebi que só teria de arranjar algum dinheiro, voltar para Lisboa e lá viver o meu dia-a-dia, a minha irmã não me podia ajudar mais, o meu pai nem pensar, de modo que tinha de pensar numa solução. Sentia-me efectivamente sem amigos e talvez tudo se devesse ao facto de ter eneredado pela filosofia. Isso dizia muito sobre as pessoas, se andasse por aí bêbado

de café em café, talvez tivesse mais amigos. Mas...seriam verdadeiros amigos?... Entretanto, Juliana morreu de cancro, da família que vivia a nosso lado apenas restava Marieta, que havia vivido lá em Lisboa, onde eu mesmo tinha a casa e nisto tudo eu não conseguia ditar uma narrativa mais ou menos romântica e feliz, as pessoas iam-se embora e eu sem discutir a tese, sem prosseguir para o pósdoc e ainda assim tinha a força para pensar que as coisas, andando devagar, podiam andar muito mais depressa, sim, porque eu ainda tinha pressa, ainda queria as mesmas "coisas" de sempre, namorada, um carro, estudos, felicidade apenas. Mas, bom, ouvia "Tom Waits", de António Pinho Vargas e o meu sentir enternecia-se, ainda que não estivesse em Lisboa, o meu palco de eleição para desempenhar inúmeras tarefas, sentia que quanto mais só estivesse, mais coisas fazia, não perdia o tino, ainda que custasse estar só, ia até ao café, podia sempre ir ao café e encontrar os meus amigos de infância, mandar umas larachase voltar mais alegre para casa, onde a minha mãe, sempre resmungona, dizia que eu não fazia nada e eu nada fazia, andava de um lado para o outro, como no corredor do apartamento em Lisboa, inventando frases, expressões, no fundo continuar as minhas mais de cinquenta obras e manear uma tese de pósdoc e meios de encontrar dinheiro agora que não haviam há dois dias nem internet nem televisão. Sim, meu pai pouco falava de uma futura situação em que viria morar para a aldeia com alguma mulher, que podia ser da terra ou não, pouco falava, não me dava conta de situação alguma face a esse cenário, mas eu sabia que ele sabia que não viria a ser o meu irmão, nem tão pouco a minha irmã a assegurar isso, essa transmissão, de modo que me sentia confortável face a essa situação em Riachos que, aliás, era clara para mim e que eu expressava facilmente, sem grandes complexos: nunca iria definitivamente morar em Riachos, iria sempre andar de um lado para o outro, uma vez de comboio outra de carro, entre Lisboa e Riachos, era essa a minha estratégia para não enlouquecer, para viver mais ou menos são nos dias que me restavam e que eu esperava fossem ainda muitos, senão o dobro da idade que tinha, talvez perto disso. Fazia vento, eu ouvia música, na aldeia, com possibilidade sempre de ir até ao café, um desalento inundava o meu espírito, que se espraiava no desalento de nada, ninguém a não ser uma certa menção colectiva e alguma

deferência em certos locais, me havia tocado, continuava desorientado e procurando o norte, teria mais uns meses até resolver esta situação da tese, do dar aulas, do fazer investigação, do ir um pouco mais além, de derrota em derrota até à consagração final, sentia que a tese era pouco para mim, que queria muito mais e que teria alcance a minha acção com umas aulas em que pudesse falar a certos e determinados alunos sobre certos e determinados assuntos, tudo iria ficar bem, dizia a canção, e eu acreditava mais do que tudo, mais do que muitos, em mim mesmo... De outra maneira, nunca percebi porque os caminhos de sabedoria e espiritualidade não fazem menção ao sexo ou à sexualidade, sendo que é isso que, na maior parte dos casos, mais importa à humana natureza, senão estariam todos loucos, pelo que há que compreender essa forma de expressão da humana condição, caso contrário estamos todos mais ou menos loucos. Sim, não sinto apoio para nada, sinto-me só fazendo tudo sozinho, quando o meu pai nada diz, anda tonto, melhor de saúde mas tonto, enquanto a minha mãe fica espavorida com qualquer coisa que faça, qualquer dia empalam-me e fico aqui empanhado na Casa do Jardim, à vista de todos, o génio a quem ninguém deu valor em vida, ao contrário gozavam com ele e que serviu uma boa parte da humanidade. Sim, podia a breve trecho voltar para as vozes dos vizinhos, dos velhos e daquele que vivia por cima, daquele casal cujo par não se cansava de falar de mim, para bem e para mal, mais daqui a pouco, daqui a umas horas, estaria de novos em Lisboa. Sim, nesta terra em que estou a mais por ser o melhor, tudo pega naquilo que eu digo, em Lisboa é igual, devo ter nascido predestinado a ser imitado, fui dizer ao Stéreo que a minha mãe me trata mal e agora, por tudo e por nada ele falou com o meu pai e disse-lhe, fraco amigo esse, não falo mais com ele, apenas espero o dinheiro da minha irmã, que virou do avesso, parece agora que está tudo contra mim, até a minha mãe, que sempre me tem tratado mal, e que se atira a mim com merdas antigas, agora percebo o que dizia Lily, o irmão do meio nunca tem afecto, tem toda a censura e por mais que se esforce nunca é considerado e, pasme-se, neste caminho nem uma mulher, uma confidente, nem um amigo...nada, nada mesmo!... Só me apetece viajar até Lisboa e estar por lá, nem devia ter vindo, ela porá o dinheiro e porá mais ainda porque tem ressentimento,

porque não há outra saída, ainda que posso pedir dinheiro a outras pessoas, não o fará, porque o cozinhado é todo da minha mãe e dela, elas entendem-se uma à outra, enquanto o Victor está empalhado na casa do jardim produzindo textos para bem do pacifismo geral... Sim, agora que eu pensava que tinha um amigo, nesta terra onde não se passa nada, onde as mulheres não se aproximam, há qualquer coisa de muito doente, de muito dolente, quando vejo a minha irmã a atirar-se a mim e adorar a minha irmã, fico com inveja, claro, mas quando olho para o meu pai, cobarde, irresponsável quanto a mim, desde sempre, percebo a situação de Lily, a filha do meio que por mais que se esforçasse, nunca seria aceite, assim sou eu e só espero pelas cinco e meia para me dirigir de novo a Lisboa e, finalmente, arranjar um trabalho, sózinho, sempre sózinho, ainda que queira ficar mais um tempo por aqui, já não há nada, os livros já nada me dizem, enquanto ainda estou empenhado num lugar de professor na FCSH ou na Clássica, quando o meu melhor amigo não aparece, nestas situações, a não ser definitivas como funerais, ele não aparece, porque sempre teve interesse numa situação ou noutra, vamos ver, até às cinco ainda faltam duas horas e a minha mãe atirada a mim e eu não ter quem me defenda, é preciso ter coragem. Está tudo louco e eu, desde há dias, discerni de novo as coisas e estou perfeitamente lúcido...enquanto o meu irmão não diz nada, não quer saber, faz uma gestão do silêncio como ele diz, pouca gente é mais aberta do que eu, falando de uma coisa ou outra sem desvelo... Sim, sempre tive em muitas situações, de fazer um twist de ceder, sendo que não estou em situação muito boa por causa disso, se entendem isso como vitimização entendem mal, trata-se de ser homem, pois homem não é aquele que está sempre de arma apontada, mas também aquele que sabe ceder, a este título a minha irmã não tem muita razão de queixa, pois, afinal, estou (quase) sózinho eu Lisboa e ainda esperam muito de mim, como se não tivesse feito muito, ainda exigem o máximo de mim, ainda que nenhuma mulher se aproxima, ainda que esta situação em Riachos seja algo parecido com um antropoceno algo esquisita, sei que a maior parte das pessoas não gosta de mim, mas têm boa moeda de volta, de troca, pois eu também não gosto da maior parte das pessoas por aqui, são muito mesquinhas e exigentes, quando nada dão em troca, pouco generosas, é coisa que não sou nem

nunca fui, mas também não gosto das pessoas de Leiria e Pombal, nada me deram e estou hesitando em voltar algum dia a algum desses lugares. Chego a Lisboa, há reunião de condomínio e o velho não diz sequer onde, está chateado por não lhe foder a mulher e ainda por cima ainda me pergunta se a pequenita é minha sobrinha, sim tenho consciência de que agora que avancei para o pós-doutoramento, está a doer a minha gente, não tenho internet nem televisão, mas não me preocupo em absoluto que isso mexa em alguma coisa que tenha a fazer, afinal ninguém, mesmo querendo, me impediu de chegar Aqui... Na prática, eu estava atravancado há anos na impossibilidade de dar aulas; quando na prática detinha o mestrado em Antropologia, o ministério da educação não permitia a entrada dos antropólogos nas escolas. Mas compreende-se, nem sequer entravam psicólogos. O lema „uma escola um psicólogo“ jamais se realizaria com os sociólogos ou antropólogos, além do mais porque a escola desses tempos era pouco madura, mesmo ao nível da optativa do 12º ano, e não percebia o que seria a antropologia ou a sociologia. Os problemas da escola era outros, ainda que o antropólogo em muito podia ajudar, mas cultivava-se uma cultura do escândalo e do desnorte, pelo que os antropólogos fugiam todos das escolas secundárias, mesmo que alguns dessem aulas ao primeiro ciclo, por muito estranho que parecesse... A civilização das culturas esbatia-se, agora as culturas estavam todas fragmentadas numa só pessoa, num só aluno, diante da playstation com o tablet... Mesmo assim, depois de estar cansado e beber um pouco de vinha gaseificado, ainda pensava em Brígida e como lhe queria bem...

# 13,

Sim, naquele dia eu percebia que ainda não tinha chegado ao zénite da minha produção, talvez com a velhice viesse esse aprontamento e ajustamento de uma maneira de ser, de saber, estava quase em pleno pós em Filosofia, se fosse outra coisa seria, seria o que seria, apenas me bastava discutir a tese de doutoramento e pagar a internet para poder voltar a rolar um pouco. Liguei para Emeraldm e não atendeu. Talvez estivesse ocupada. Liguei para o meu irmão e ele atendeu-me, talvez fosse a única pessoa neste mundo que me compreendesse... sim, ainda iria ao aeroporto, a fim de tomar novos ares dos loiros, transmitindo aos negros, enfim, era esse o papel do moreno. Ou talvez não, ou talvez os outros pensassem todo o resto de outra maneira, nem eu sequer tive a pretensão alguma vez de saber tudo, ainda que o meu sistema filosófico fosse virtualmente perfeito. Fui ao caá abaixo e não me consegui logar, como dizem os brasileiros, talvez tenha tomado a resolução de ir ver o mar, em vez de persistir numa ideia que nem mulher me trazia. O meu velhote é como muitos que andam por aí, eu nunca serei assim, pois desde já não tenho filhos, isto deixo para a posteridade, é uma pessoa que está à espera de Deus até ao fim, não dá nada conta aos filhos, talvez dê ao genro, mas a mim não, nunca, ele nem sequer seria capaz de tal fraqueza, está até ao fim à espera de qualquer coisa, talvez seja Deus, em quem nunca acreditou, senão teria-me dito alguma coisa, ou contado alguma coisa a mim, comigo, mas não, nunca o fez e minha mãe foi consentânea com tudo isso e isso me fez descrer de muita coisa inclusivé deles próprios de mim e do mundo. E estava eu, a meio da tarde, sem net e um pouquinho de esperança para que o meu irmão me resolvesse o problema, sentindo-me um bode expiatório e alguma culpa por estudar filosofia, mas a minha determinação não tinha par, nem que eu conseguisse encontrar

alguma companhia feminina para me dar alento, no dia anterior combinara um encontro e pareceu-me que ela não quis saber...Entretanto, tinha o cabelo desalinha, sempre as mesmas lentes grossas e escuras, o que em nada ajudava, fui almoçar ao centro e estava relativamente bem ciente das coisas que ainda tinha a fazer, mas começava a ser uma tarefa um pouco subhumana, infrahumana, pós-humana, manter os estudos, quando a maioria não dava exemplo algum de ter pertinácia em suas questões e eu, essencialmente, procurava um lugar de professor, de investigador, de estudante de pós-doutoramento, isso, sim, as três coisas, uma mão lava a outra, diria Pôncio Pilatos. Nestes termos, tudo o que eu dizia era apenas para debitar palavras, apenas queria realizar as minhas coisas ou até brincasse com toda a minha situação, tendo esgotado toda a paciência, tinha entredo num reino que pouca gente entendia, nem sequer os loucos, ainda que soubesse ser o mais são de todos, todos os que estavam alienados e levavam a vida a partir do instante, pois foi isso que tramou muita gente e fez muita gente arrepender-se da vida que levou durante anos e anos...sem sequer se interrogarem se teria valido a pena viver. Qualquer dia, como diz o Herman, recebo um prémio nobel de bom comportamento, face ao que me têm feito e a maior parte do caso é de esquecimento, pois eu vou usar a mesma arma, há bastante tempo que estou fora do vão das gajas daqui, sei que isto é pequeno e que depende essencialmente da reputação que se tem ou não, e eu tenho muito melhor reputação que muitos, não me julgo o melhor, mas estou lá perto, mas elas não têm aparecido ainda que eu seja bem parecido. Mais, acho que as gajas daqui de Lisboa são, na sua maior parte, umas tolas, são poucas as inteligentes e mesmo essas nunca agarram o toiro pelos cornos, vão sempre com o outro que não interessa, para elas foder é como comer, não tem enredo nenhum, apenas querem um carneiro para estar de noite com elas na cama e ouvir as suas misérias infindas, lamurientas concepções que a nad a leva, mas bom, há muita americana que é pior do que estas. Porquê? Alguma gaja sabe foder? As gajas não sabem foder, pá, porque nem sequer têm pau... e aquela que se interessa por foda é logo considerada puta, quanbdo na verdade está na mouche e percebe no assunto, como eu, percebo tanto de fodilhanço quanto de filosofia e no resto nem fodo há três meses....

# 14,

Depois, dias depois de estar com carências afectivas absolutas, ao ponto de imaginar as unhas de Santo António cravadas nas escadas da Sé de Lisboa, ao ponto de querer continuar o meu „Paulo de Tarso“, cedi mais uma vez a ver amplexos e mulheres nuas, ainda que por pouco tempo, o necessário para me aliviar, parece mal um antropólogo metido nestas coisas, mas eu assum, gosto, não tenho problema...então percebi, o mundo social influencia o sujeito, de modo que muita gente podia estar pensanedo e fazendo força e até falando para que nos tornássemos máquinas, máquinas de fazer, de pensar de falar, eu e os meus irmãos. Porque o esquecimento, a haver, gera revolta e inimizade, gera pessoas duras e insensíveis, cruéis, que não se importam de morrer só pra mostrar um ponto. Ao mesmo tempo, a minha própria mãe, que tem a neura que já a minha avó tinha, diz-me na cara „ninguém quer saber de ti“, armou-se ela e a minha irmã contra mim e eu levanto-me num Domingo, confuso, deprimido, sem saber o que fazer, porque onde vivo também não tenho amigos, parece que tudo está contra mim. Ao mesmo tempo, alimento uma relação à distância com Lily e ela vira um dia, mais cedo ou mais tarde, para estar comigo. E escreve-se aqui o uqe o meu amigo partido disse, no final vão-te pedir ajuda, eu não queria isso, apenas viver uma vida normal, mas parece que nem isso consigo e até que não sou o verdadeiro culpado disso. Que me irão pedir ajuda não duvido, mas nessa altura será tarde, terei pretextos para lhes (quem? O governo? Os informais?) dizer que não, farei obviamente um manguito. Porquê? Porque o meu trabalho do pensar tem limites e, para já, como acontece com muitos, nada recebo para produzir, estamos longe (ou não estamos) de uma sociedade medieval em que uns têm de sofrer pelos outros. No entanto, isso acontece, mesmo em pleno capitalismo, parecendo que há muitos distraídos sem querer e outros por querer, é ver

que é mais insidioso e maligno com o próximo, já não há lugar a alguma forma de solidariedade, isto é o meu espírito a escrever, ou seja, o sujeito não pode lutar todo o tempo contra os grupos de interesse, a sociedade inteira, em algum ponto tem de ceder, em algum ponto tem de se transformar num dele, num daqueles que contesta.

# 15,

Ainda que sendo consentâneo com uma certa forma de ser português, passando mal, vencera, ou seja, tinha a tese pronta para ser discutida e a inscrição no pósdoc absolutamente válida, o que me dava azo para ser, efectivamente, o Rei de Lisboa, o homem por onde passava todo o bom comércio em Lisboa e eu ria-me, porque afinal, nada mais me interessava senão o amor de uma mulher, quando a outros lhe interessam coisa absortas e exteriores e elas lhes pedem carinho e não o dão, enquanto eles lhes batem sem apelo nem agravo, o mundo continuava a andar, a circular, os cães ladravam e eu sorvia mais um pouco de vinho, ainda só, pois talvez não estivesse assim tão novo, mas tudo iria se desenrolar ao ponto de eu vir a ser feliz na parte terminal, ainda que não o tivésse sido em toda a vida, frustrações amorosas e tudo o mais, mulheres que não se empenhavam em projecto algum, por isso o meu amor era negro e belo e belo porque negro, sem bloqueios nem preconceitos, afinal, o Rei de Lisboa vivia em Moscavide e ainda que já tivesse escrito o livro de tal personagem fictícia, baseada em realidades, voltaria a escrevê-lo de novo, estendendo no écran em branco a sua incomensurável beleza. Nesse momento, perdi o medo, saí de casa e assumi de uma vez por todas que queria ser professor na faculdade de Letras, ainda que a maior parte, incluindo certos professores, pouco valor lhe davam, sim, porque ainda tinha os dicionários de Grego e Latim, ainda alguma coisa podia ensinar, além da psicologia de massas...Depois, parecia que só eu acreditava, eles eram lastros de outras eras, nesses governos social-democratas, cavaquistões onde eu ia passar o fim de semana e ao menos dois dias, Riachos podiuia perfeitamente ser erguida a Vila e eles não percebiam, continuavam a não perceber...No funbdo, ninguém quer dar o pêlo, quer as vitórias morais e não quer sofrer com isso e quando sofre com isso fica-se acahndo dono do mundo, estando com este e com aquele e ao mesmo tempo nada chegando do mundo porque afinal não é do mundo, é i-mundo...

Daqui se vê que Einstein e outros quejandos não foram senão bobos intérpretes do que o tempo lhes foi pedindo, sendo que o génio é sempre social e o verdadeiro génio prefere estar vivendo, ainda que nada sabendo, eis o verdadeiro génio, nada saber e ao mesmo tempo desconfiar de qualquer coisa que será sua eminência (parda ou escura) de um certo sentido do ser, do amar...sendo que hoje em dia pouco se sabe disso mesmo... Os meus professores estariam ainda preocupados com a minha metodologia. Mas eu não. Aliás, nenhum deles havia feito literatura. Nem eu mesmo. Nem ciência social. Nem filosofia, tão pouco. Fui até à cozinha e olhei de soslaio a garrafa de William Lawson's de 200 ml. Pareceu-me imensamente pequena. Desejei descansar sem mudar de cuecas. Ao menos tinha ainda algum sono. E este livro poderia continuar, ao contrário de certas coisas da minha vida, que estavam imensamente dependentes dos outros, apreciações dos outros. Este é o país em que fode quer quer e ao mesmo tempo se impede (os estrangeiros, como eu), de foder. Fracas quecas, essas. E acabo o meu cigarro. E vou dormir. Ah! Vi o Gladiador e a cena final do regresso do „Hispânico“ à sua terra. Sinto-me um pouco assim, mas talvez cada vez mais francês...

# 16,

Nestes dias, conheci Berto e Berta, esperto e esperta. A sua mente atingia um nível de complexidade que exigia a presença regular no médico, sendo que o médico age, na maior parte dos casos, por instinto-intuição, tirou um curso de medicina, creio que os cursos de ciência sociais ou o que sobre deles, são bem mais complexos, para não falar de filosofia, pois quando te empenhas numa interrogação radical sobre o real, o mundo, o irreal, o onírico, dali a um tempo perdes o chão, ficas te movimentando em areias movediças, perdes o controle e o ponto, o cabelo e a sujidade, perdes tudo, até mesmo a noção do corpo. E o que fazes nessa altura? Agarras-te ao desejo, porque é ele que te dá algumas várias sensações de contacto com o mundo. Mesmo o TOC é um isolamento do mundo, sendo que não podes estar todo o tempo i-mundo, in-mundo, de modo que até a tua percepção é relacionar, mas não é tanto assim, quando te comprometes ficas dependente disso e perdes a noção da cidade, da civilidade, quando vives para os amigos, o teu mundo está anquilosado porque vês o mundo através deles, das suas percepções e opiniões. Só a vida meditativa, provavelmente isolada, só, dura, íngreme, te traz algumas respostas. E, depois, deixas isso e voltas a ter amigos, porque o mundo social é volátil. Nas coisas que fazes, perdes o equilíbrio, caís, mas sempre te levantas. Muitos não têm formação para perceber que a vida não é carros, apartamentos, dinheiro e festa a toda a hora. Eles jamais perceberão algum tipo de medo que os mais corajosos experimentam. Para eles, que pelejam na América e na Europa, a vida é apenas instinto, agressividade, saber-fazer, mostrar, parecer, são seres que reajem, não são seres absorventes, contemplativos. O que uns têm, outros não e infelizmente a mulher de hoje busca tudo isso, impulsionado por alguma indústria de cinema. Porque o homem é assim, um bicho que precisa de ser trabalhado, um reajente que vai apanhando pancadas e experimentações até ficar bom e quando fica bom é tarde, fenece. Por isso

mesmo os mais novos aproximam-se, na sua maior parte, dos mais velhos, porque querem caminho. Mas não há caminho, o caminho é cada um de nós. Afaguei então a garrafa de William Lawson's com as minhas mãos, tirei o preço, comprei-a nos mónhés a sete e meio, duzentos centilitros, soube-me bem o primeiro trago, mas estava deprimido por uma vida aziaga e tentava levar-me para a frente. Acendi a têvê e lembrei-me da Luisa Costa Gomes e do medo da coragem de sentir o calor e o sol do Saldanha, o movimento do Marquês de Pombal, as pretas que passavam e olhavam para mim, as loiras que desviavam o olhar quando eu olhava tensamente para a forma do sencrâneo encefálico. Regressei, pouco depois de ter sentido um momento de liberdade quando a loirinha passou no skate, por mim, senti uma chispa e virei-lhe as costas, como que lhe dando força. Podia estar longe de conseguir muita coisa, ou alguma coisa, mas deixei de ser um padrego com intenções perversas, tornei-me num homem culto e civilizado, obviamente com inimigos mas leal e quase sempre amigo de toda a gente, se não conseguia tirar satisfação das relações talvez fosse porque assim mesmo, fosse...mas continuava a produzir, tinha a defesa da tese com cento e setenta páginas, este livro conhecia um novo fôlego imaginando-vendo o corpo curtido e torneado da brasileirinha que veio atrás de mim na estação do Oriente, sabia que antes de pegar no álcool, a minha vida era um inferno, sabia que não devia beber, mas eu preferia o purgatório ao Inferno, por muitas tentações que tivesse e ainda que não as realizando, sentia uma certa vontade e afã de viver e, note-se, cada vez mais me sentia enfrornado nesta magnífica cidade, onde nada e tudo acontece... Depois, lembrei-me dos tempos em que andávamos nas obras, do Zé Cadete e do Fernando, do Fernandito, do Três Tetas, do Granjeiro, que mesmo cego andava a encher placa na Calvaria e na Canavieira, e depois, saltando no tempo, meti-me num pósdoc e fui de vela, ou seja, mulheres, nem com pau nem sem pau, mas a minha amda estava quase chegando e apesar de ser evangelista, era liberal e deixar-me-ia ter uma ou outra menina, loira ou não, ainda tinha de ir ao aeroporto, o Ricardo Araújo Pereira tinha certa razão e eu grassava, grassava e não via fundo ao pote, não sabia se estava a fazer literatura se filosofia, se ciência social, talvez um pouco das três, num registo seco, quase antipático, depois, pensei, o país não precisa de mais advogados, gestores

talvez, nem sequer precisa de engenheiros ou arquitectos, há muito quem saiba fazer casas, precisa de um elite intelectual que pense, há maneira americana e portuguesa, angolana, bantu, com os pés assentes na terra, que saibam alguma coisa de geografia humana e sociologia, porque afinal estas coisas da sociedade são bastante mais importantes do que alguma vez julguei, sendo que a interdisciplinariedade é sempre útil e necessária.

# 17,

Por vezes, o escritor tem de se calar. Porque precisa de viver. Porque precisa de amar, sendo que a escrita se mistura com o amor, evidentemente. É bom estar na academia, ter um ou outro amor didáctico, é bom estar na rua e digo é bom mesmo contando com o desagrado, a antipatia, as cuspidelas no chão. Porque Lisboa se tornou mais bela e civilizada, até mesmo o circo é mais ordeiro. Isso tanto nos aproxima da América como de uma França ou Alemanha, de uma Dinamarca... De algum modo, andarei eu a penas, invectivo de tanta ausência de tantos personagens, porque não tive a chica no tempo devido, na adolescência, quando o silêncio corta os pulmões do primeiro sopor travado, quando a escola é o mundo e quando o mundo é qualquer coisa que está e-minente, minado, no futuro, um futuro minado que muitos escrevem com drogas e que mais, violência, assassínio, enquanto eu, percebia mais adiante, preferia passar por burro e estar vivo. Afinal, quem carrega o Sábio? Não é o burro? No fundo, sou um produto da eficácia do capitalismo, ou seja, queres ou não queres, passo a outra, do lucro ligado ao sexo, quando também sou um romântico, não me farto de falar de mim mesmo, alguém o faça por mim... O que se passa, entre mim e Lisboa, é que eu tento, tento e não consigo, a um tempo quis e noutra tempo não quis, mas terei perdurado mais do que muitos que tenham querido, não facilitei porque acho que o amor não é coisa de rua, fácil, circunstante, é coisa especial, coisa que não se diz porque se sente, por isso que ganhei eu? Um licenciatura e em breve um doutoramento, não sei bem quando, enquanto caminho sózinho e sei que ninguém me tem mais a coragem de abordar porque rebentei com todos os limites, em todos os sentidos e ainda assim, não chega, nunca nada chega, porque há sempre na cidade qualquer coisa de novo a acontecer que eu quero apanhar, que eu sou...por isso continuo na minha demanda, ainda que só...o Rei, para que se saiba...

Enquanto ainda andava, apesar da falta, procurando alguém quer no Oriente, Saldanha, Aeroporto, não conseguia encontrar e quando estava quase rendido, elas apareciam, é bonito, mas havia três meses que nada...enquanto Lily ainda não viera, isto era pior do que um convento, porque nele percebemos sempre quando elas querem, começam com aquelas carências e trejeitos, enrolando e puxando o cabelo, agora por aqui já nada dava, acho que a maior parte se metia em cenas estranhas relacionadas com o crime e os polícias. Sim, enquanto estamos na festa não apreciamos a obra de arte, porque bela nasce da falta, de um extrema e dramática solidão, de um apelo, ela é um apelo ao mundo, para que não nos deixe sós, para que não nos abandone, porque no fundo, estamos todos muitos ligados, ainda que uns sejam mais mansos e outros mais manhosos e interesseiros. Acerca de Cosmopolitismo...pouca gente em Lisboa compreendia o meu, o daqui tinha a ver como uma espécie de saloio mais ou menos urbana, em que elas vinham e eles se serviam delas como alarves. EU não fazia, nunca fizera, parte disso... Depois, cheguei a casa desta evz com um Jameson, que me pareceu igualmente pequenino, como o império americano, *pussy riot* e coisas do género, die graças estar e viver, habitar, um país que é democrático, mas o que é a democracia afina?, não sei bem, se tivesse sido académico, talvez explicasse, mas também não sou tosco, explico com mais força, vontade de grossura e compreendo os mais variados âmbitos, não abuso das instituições, pois quando for professor, muita coisa vai vir ao decima, não seja eu como o Papa, franciscano, que não me contento com a felicidade que tenho, sendo que a pretendo espalhar a todo o leme. Custa-me a acreditar quanto um ser tão atormentado possa ser tão esquecido, sobretudo em tempos de wikileaks, mas eu vejo-as no metro, querem todas o tiro certo, viver além disto e dos outros, pois eu estou bem com os outros e o dia-a-dia, sou o *working class hero* e isso nem hollywood cobriu em tantos anos de película. Por aquilo que sou e acho que não ganheir, muitos vêm atrás de mim reivindicar-se de muitas coisas. Muitos estão na faculdade e da academia por menos. É tudo ficção? Não, é tudo nada, as gaijas andam doidas porque eles só pensam no grelo.

# 18,

Decididamente, resolvi, ainda que tarde, não ser mais honesto com o mundo, sendo que vi muita gente preenchendo lugares de interesse público sem grande capacidade, leitores beirãos ou transmontanos, quando Lisboa não precisava disso, demasaida gente compenetrada e ignota nos meios de transporte, ciosa de si mesma, enquanto um sujeito procurava abarcar tudo, procurar o caminho, porque eram muito religiosos, mas eu, ainda esperavaa por uma dama, para mim nada mais importava, fosse francês fosse espanhol, estava farto do mesmo carrossel de sempre em que nada lucrava. Depois, olhavam para o Victor como Joseph, fazendo ou não bem à saúde, a maior parte eram doidas, como aquelas com quem vocês haviam casado. Sim, eu dependia economicamente da minha irmã, mas tinha estado internado seis vezes e sem amigos, amiguinhos, não era fácil conseguir emprego, mama... Mesmo assim, esperava alguma coisa das faculdades, vir a ser professor e se isso acontecesse, seria qualquer coisa de admirável, enquanto escrevia este livro e elas andavam por aí, loucas, perdidas, acreditando ainda em Portugal, quando eu apenas acreditava em Camilo Pessanha. Lisboa parecia-me uma cena de putaria do pior, triste, tramalgada, só hollywood poderia alguma dia ser mais triste, em relação a Paris, ou Madrid, por exemplo. Elas queria parecer interessantes e ia com o primeiro que as fodesse bem fundo, às putas loiras e ruivas, enquanto as morenas e brasileiras eram bem mais honestas...Mas pronto, enquanto na Faculdade de Letras acham que eu tempo um problema com a bebida, no ISCTE acham que sou um revolucionário. Depois, só um tolo, como eu, para continuar a apostar neste país e não receber nada em troca, apenas a expectativa de um lugar de professor, de investigador, de pós-doutorando.... Ainda assim, tentei uma aproximação antropológica à América, tanto quanto podia. Deti-me num ponto, achei-me ousado no outro, seriam dois pontos, segundo a tradição chinesas, japonesa, coreana, mas não me detive aí, por aí, muito tempo, estive detido

na instância da Iberia, qual gladiador, mas depois apercebi-me que o corpo não era o mais importante, que, afinal, estava galando um alemã no metro e quase conseguira sair com ela, afinal é tudo isto o que mais impropria, o jogo de sedução, por isso é que Paris tem a fama que tem e por alguma coisa eu não lá estou, porque elas fugiriam como gazelas ante um macho dominante e alfa até mais mais, ante um cão rancoroso e tão genial que poderá vir a ser, não nos eu tempo, mas premiado no tempo, pelo tempo, um dos maiores escritores de sempre, pela sua amplitude, pelo seu rasgo, talvez espanhol, pela sua delicadeza, talvez francesa, ante certas situações sinvulgares e noticiosas, português ante o sentimento, apaixonado e calmo, pacífico embora estando perante o atlântico.

# 19,

Depois, percebi que não podia sair, a polícia estava à minha espera, em cada esquina, estarei fazendo-me de vítima, o certo é que já lá iam dois meses depois que NADA, dois meses, desde o Natal e nem sequer tinha mulher.. A relação com o meu irmão piorara, com a minha irmão pior, ainda pior, não estava nem virado para aí, eu ainda não tinha uma fonte de rendimento de eco algum das comunidades filosófica ou antropológica, muito menos, estava fazendo um trabalho sujo em nome de outros que não me davam conta de nada. Sim, resolvi sair, mais dali a pouco, em nome da mesquinhece do que estava escrevendo, ainda assim tinha já somado cinquenta obras, esta seria a cinquenta e um e nenhum admirador, nada, talvez a promessa a mim próprio de um empergo e, de resto, nada, a ignoraância de toda a população intelectual...seria tudo isto por ser filosófica? Não, ser maldade e vergonha humana. No fundo, a compreensão do humano advém sempre de uma carência: quando temos uma mulher que nos compreende, nem sequer precisamos de explicações ou filosofias. Saio de casa, aparece-me o cromo de cima, que já me ofereceu porrada duas vezes e se calhar às tantas estive num seminário ou num convento, artolas, não estou em Manhantan por falta de orçamento, não é por falta de capacidade e não preciso dos *hotspots* de hollywood para me sentir o melhor escritor do mundo. Volto a casa e não está ninguém, muitos nasceram para estar sózinhos e estão acompanhados, os melhores são os que estão sós, alguns, pelos vistos não eu, porque sinto angústia, a vontade de partilhar alguma coisa com alguém que não seja o vizinho da frente ou o cromo de cima, por exemplo, o Quim, que talvez tenha muitas pretendentes e esteja com os velhotes. Lisboa é assim, contrastes entranhados que não assustam. O meu irmão quer que eu vá para um hospital, talvez para me tornar economicamente viável, talvez porque não arranje moça, eu nem quero saber delas... Lisboa passa de uma cidade da conspiração cinzenta e peidorrenta a uma explosão

balôfa de violência. Não sei de quê estes gajos se queixam, nunca sofreram nem andaram na escola... A pouco e pouco, entre iluminações e talento, fui desejando não amar, não trabalhar, não me empenhar socialmente, não só porque em dois anos, em Mosca, ninguém me dissera alguma coisa de reconfortante, quanto Lisboa estava para mim fora do prazo, esforçando-me em muito mais do que um bando de preguiçosos que pululavam na cidade. A estes termos, deveria ser já habitante de Nova Iorque, mas não era. O que me faltaria? Seria apenas uma questão de dinheiro, de representação social? Ainda assim, quando desci na estação de Moscavide vindo do Aeroporto, dei-me de caras com os seguranças. Faziam-me lembrar os franceses. Faziam a comidinha toda entre eles e não deixavam nada para ninguém. Nem eu queria, comida dessa, na minha terra, costuma-se dar aos cães ou, pior, aos porcos. Depois, comecei vendo o meu pai morto, a minha mãe morta, a minha irmã há muito tempo que me achava uma aberração, mesmo sendo eu o homem mais bonito da aldeia e de Lisboa, estes aspectos doentios escondiam uma outra faceta da minha irmã, de origem nervosa, bem como da minha mãe e do meu pai, sempre reprimida, o bócio, uma doença da laringe com origem nervosa. O meu irmão sempre fora também bastante nervoso e pouco se importara comigo ao longo dos tempos, a não ser a altura em que andava em Leiria. Mas bom, quem sou eu, afinal estou no meio da noite, neste mundo cosmopolita e democrático e não tenho mulher há dois, três meses e quanto mais força faço pior é... Estava numa situação em que, por mal ou bem, a minha família nada me dizia, em Riachos ninguém tinha uma conversa franca comigo, em Mosca muito menos, eu achei por instantes que isto seria uma sociedade da dissimulação em que as mulheres eram meros objectos de recriação e na qual poucas tinham força e direito de reivindicar autonomia face ao que lhes fazia ou não, quanto mais não ter vontade própria...e eu estava com elas, mas em casa continuava sózinho...Podia estar dormindo, despreocupado, mas ligava a toda a gente, falava a toda a gente e no final (do dia) permanecia só. Talvez não posso um homem tão político quanto isso e não devesse ter deixado o seminário...

Quase quatro da tarde, estou já em Riachos, cansado, vou ao café e parecem-me todos sobrecarregados. Eu, com o cabelo algo acastanhado, pareço um enfrinhado, embora esteja relativamente bem-disposto. Encontro a mãe mais calma e perdoo a mim próprio não fazer mais em Lisboa. Chego, bebo um bocadito de vinho, penso numa ou noutra personagem, mas talvez não tenha paciência para enveredar por muito mais coisas. Acho que, geralmente, as pessoas, tanto lá como cá, não percebem o alcance do empreendimento e me censuram por estar dependente da minha irmã. Mas podia ser bem pior, tanto para mim quanto para "eles", muito fiz eu e agora quero descansar um pouco, de modo que me preparo para daqui a umas horas vir a dormir. Detinha o dilema do suicídio para desvendar e consegui, essencialmente com a equação de que o sujeito tem para com o Outro, o dever moral de não acabar com a sua própria vida. O mesmo se aplica à eutanásia. Tinha bastantes pensamentos intrusivos, sobre pessoas e coisas, sobre pormenores e esgares, mas prosseguia jornada, como se nada fosse, nem me dava conta disso. Durmo então, um pouco, procuro ocupar o tempo, pois sei que não vou ficar até cedo, que não irei dormir tão cedo, arranjarei alguma coisa com que me entreter por aqui no estúdio, mas não estava especialmente inspirado, sabia que tinha de acabar esta obra em poucos dias, semanas, não sei bem, talvez a este ponto estivesse verdadeiramente fazendo fenomenologia e metafísica, talvez estivesse grassando num território novo que seria a paz a felicidade, a serenidade, algo que eu perseguia há já bastante tempo. Poderia voltar a ler, a relacionar-me com as pessoas, quem sabe começar tudo de novo, com menos maldade e com um pouco de pureza. Talvez fosse esse o território do pósdoc, finalmente, uma instância onde me podia instalar, enquanto aguardava pela minha Lily, vinda de um bairro de lata do Guaraná. Talvez o pornô fosse apenas e nada mais do que isso, um mal menor, uma muleta. Talvez tivesse de fazer como o meu pai, construir uma obra de vida desde as fundações até ao telhado, passando pela estrutura, as pessoas estruturadas podem parecer chatas, quando não há sequer esse conceito, em sentido filosófico, de pessoa estruturada, pois quem pensa não tem, entraves, limites, estruturas, condições, não, na verdade não há condições para quem

arrisca pensar, talvez a maior aventura das aventuras invisíveis do homem.

Fiquei atentamente pensando na sorte do protestante quanto à visão do mundo e da sexualidade, fiquei pensando na cruz do católico. O país talvez estivesse na melhor condição desde o 25 de Abril, a panela de pressão social havia sido destapada, mas nunca houve tantos problemas quanto naquele tempo: violência doméstica, direitos, desemprego, saúde mental. Talvez fosse apenas uma crise de crescimento... Havia certas coisas que eu pensava e que não tinham graça absolutamente nenhuma, desde já a hipocrisia de certas pessoas da sociedade, sempre os mesmos temas, a mesma dança triste, as duas holandesas falando de mim no metro, enquanto a maioria das pessoas era burra e reativa, não tendo muito por onde se gabar, a fríngia intelectual era bacôca e elitista, sectária, até. Sim, porque deste lado do globo cultivava-se uma cultura do *big best* que tinha a ver antes de mais com a feitura do capitalismo. As pessoas só se sentiam bem, ainda que não verdadeiramente felizes, na realização do anátema "quanto maior melhor", esquecendo o esquecido lema "small is beautiful". A holandesa dizia que eu estava perdido, Lost, na verdade estava, mas não mais, se quisesse encarar a minha relação com Lily a sério, não estaria nunca perdido, além de a maior parte dos turistas ficar espantado com Portugal, alguns olhavam para ele como uma ideia não inteiramente americana, não inteiramente europeia e africana. Então, nesse quase fim de vida para os meus pais, estava sob a paz de Riachos, tentando descansar e só não o fazia se fosse parvo. Ainda hesitando algum estudo de filosofia ou de outra coisa. Comprara na Praça da Figueira um exemplar do Borda d'Água, que seria suposto pretexto e objecto de estudos para as minhas reflexões posteriores, essencialmente porque punha em jogo uma visão astrológica e astronómica do mundo. A vida em Lisboa levava-se nessa tremura, nessa eminência de um cataclismo, enquanto ainda ouvia o vizinho desequilibrado de cima, não refreando na bebida, enquanto me preparava para os concursos a que concorrera nas faculdades e fazia a capa da tese para dar à Mena e ao David. Com tudo isto, os Procol Harum vinham a Lisboa e eu adiava ainda mais um pouco a minha vontade de sair à noite...Depois, à medida que me dava sono, pensava em Miriam, por vezes os meus sentimentos e sentimentos sobre ela eram mais violentamente arrebatadores do

que as imagens pornográficas que percorriam a minha mente a quase todo o instante, na rua, no comboio, por um motivo qualquer, diante da minha mãe e do meu pai, mesmo que eles não merecesse isso, havia portanto um ponto de vista moral em tudo isto, no fundo, o sal da vida era apenas isso, os nossos amores e dores, as nossas desilusões e, enfim, deixá-las cair, voar, as passarinhas. Sim, estava para dizer que comprei um exemplar do *Borda d'Água*, motivo de uma dissertação de pósdoc, enfim, poderei ter outro, dependendo das condições financeiras, procurando não viver amargurado, pensando o máximo em Lily, que voltou para mim desde há quatro meses e que quer que vá para o Brasil, para o Paraná, mas aquilo por lá está mal, acho que essencialmente eles têm mais liberdade, ou mais libertinagem, por cá as coisas são um pouco mais secas, mesmo em termos das relações, os casos de abuso sexual sucedem-se, acho que as pessoas não se sabem divertir e estão estrambelhadas, poucos são os que recorrem ao porno como fuga, como compensação, mas haverá muitos, a vida social é efervescente e só compreendi isso desde há algum tempo, de vida à minha parte portuguesa. Na verdade, por cá também se sabe viver, um misto de africano e inglês. Francês também.

Depois, finalmente, já que não iria arranjar emprego tão cedo -que história essa- eu nem sequer queria trabalhar, comecei a ler um dos muitos livros que ainda tinha em Riachos, uma obra de John Steinbeck, "Viagens com o Charley". De resto, acham-me um tipo chato, estava perdendo o passo a muita coisa, mas alguém tinha de ficar para trás e analisar algumas coisas, perder algum tempo, não me achava especialmente dotado nessa época, mas tinha bastante potência de pensamento em certos assuntos e numa certa forma cosmológica de ver os assuntos sociais, de modo que se mantinha os autores que tinha em mente, os itens que tinha em mente, de resto o pós-doutoramento custava o mesmo que o doutoramento. Se algum mérito tinha seria não quebrar nos tempos mortos e saber investigar sózinho e independentemente, ainda que a maior parte das minhas ideias andava no ar, esta como assim património de todos. Os meus velhotes estavam já deitados, o meu espírito serenava e eu procurava dormir, a minha vida até então tinha sido sinuosa, eu suspendia-a um pouco, estivera para desistir de tudo há alguns meses mas voltara à carga e agora

percebia outra forma de fazer as coisas, mais madura, mais calma e ponderada, ainda que a sociedade te censurasse não teres um certo número de coisa, um empata-fodas, como se costuma dizer. Mas há um cansaço e coisas que não vale a pena forçar, nem sequer de Deus dependem, dependem de certas combinações de factores quando alinhados com o tempo e o sentimento.

Como resolveríamos então, filosoficamente, a questão da violência doméstica? Tenho defendido, seguindo certos autores, que a violência doméstica é essencialmente um fenómeno social (em certo sentido, total) e que se expõe pela simples justificação de que a violência do espaço público reflete-se na esfera doméstica, sendo normalmente o homem o seu agente. Mas também tem a ver com uma lógica de iniciação, ou seja, de punição dos neófitos e quanto ao tratamento que os mais velhos dão aos mais novos na entrada na vida adulta, o que gera uma espiral de violência e indisciplina. A mulher, por outro lado, tem conhecimento cada vez mais poder, em todos os sentidos, essencialmente simbólico e em termos de direitos. O homem, sempre focado na sua tarefa laboral, quase não se dá conta disso, depois a mulher acaba por se expôr mais em termos sexuais e libertinos, normalmente tem um ou dois filhos e pretende um novo companheiro. O homem que não é diplomático, ou religioso demais, acaba por não perceber que em casa quem manda é ela e se o contrariam fica aturdido, confuso. Na minha cama vazia de aldeia, uma melancolia incerta, lençóis embrulhados, um certo frio, uma lembrança de Stéphanie em Paris, nos arredores. Não dormi ao lado dela, nem tão pouco alguém viria tão cedo a dormir a meu lado. Todas estas coisas do sentimento e da sedução custam-nos bastante, articular, encenar, cumprir e a solidão é uma certa forma de completude, de realização de um âmbito que está para além de nós, que não tem a ver com o tempo... Não devia, mas fumei mais um cigarro, tomei mais um pouco de vinho, sentia-me desperfeito demais, ou seja, as pessoas comentava e exigiam demais da vida, por isso passavam ao lado dela sem cumprir nada de verdadeiramente significativo, eu estava sereno e sentia-me bem, ainda que cansado, talvez fosse uma pessoa única, talvez escrevesse apenas estas coisas sobre mim porque não vivesse no instante, no momento, ou porque talvez vivesse até demais, estando a maior parte nervoso e ansioso, sendo que

isso, parecendo uma desvantagem, mas dava não só um álibi quanto uma forma de entendimento do real sob outras formas, bem mais importantes do que as da maioria da gente. Adormeco e levanto-me às seis da manhã, fumdo um cigarro, sabe bem. Mais tarde, às dez, estou calmo, mas arrendido das merdas que vi ontem, a minha cabeça está desgovernada e estou no meio da calmaria da aldeia. Tomo um café. Regresso a casa com um pak de LM Red, pensando nos fundilhos, coisa própria e necessária à filosofia, dou com o meu velhote ainda lúcido e entretido nas coisas deles, a minha velhota também lúcida e activa, tenho saudades de Lily, estarei com ela em Lisboa, mesmo que me sinta triste agora, mas não sinto solidão, começo a apreciar verdadeiramente os humanos, mesmo estes, que cá como lá, nos dão para trás. O trabalho do antropólogo tem uma componente psicológica evidente e talvez não algo clínica, mas não pisa no do psiquiatra. Talvez devessem os antropólogos colaborar mais com os psicólogos e vice-versa e até com os outros psis, porque a população está triste e deprimida e não se dá conta, dá-me a ideia de que metade da população, não é exagero, está medicada. Entretanto, há movimentos de meditação e novos movimentos políticos, como o Volt. Coisas estúpidas que faça, na realidade quanto mais se percebe de pessoas e Si Mesmo, a menos se chega, menos se alcança e talvez seja o grande mistério de nós mesmos, ou seja, nós Mesmos na nossa infinidade racional e intelectual, ou seja, Nós Mesmos. Certo que Nós significa, etimologicamente, laços, ou seja, não propriamente a entidade colectiva, pois essa está construída e safa-se, mas as relações entre uns e outros e aqui remeto para Lévinas, "De Outro Modo que Ser". A inspiração deixa de estar na frente e passa a estar no corpo todo e a escrita passa a ser uma terapia para quem lê, ou seja, gerando palavras geramos qualquer coisa que vai além do sentido, qualquer coisa de transcendente e espiritual que é absolutamente útil e necessária aos Outros, até mesmo ao próprio Deus que se compraz em ver seus humanos tão atarefados uns com os outros e consigo mesmos. De modo que já sentia, também, um certo número de pressões, sabia do valor da minha tese e sentia que Danny estava também preocupado comigo, com a minha inserção académica, quando eu só queria dar umas aulas, já havia tido academia que chegasse, queria estar entre a rua e a academia, no

meu lugar, que não era estanque. Sabia que, uma eventual discussão da tese me catapultaria para uma nova ambição, quase perfeitamente delineada e trabalhada e não toleraria humilhações, fosse de quem fosse da academia em Lisboa... Tinha uma obra literária relevante, raramente beije os pés aos outros, não precisava disso, talvez fosse mais conhecido na América do que em Portugal, com alguns literatos e intelectuais, portanto, depois em termos acadêmicos, não fiz muito, nem teria de fazer, pois apenas preciso do diploma para dar aulas, não para que me chamem de Doutor. Talvez algo de maravilhos estivesse para acontecer, eu já não estaria por aqui para contar, talvez todas aquelas mulheres que tivesse visto fazendo sexo voltassem visitar a minha campá, talvez os seus vídeos postados me tivessem ajudado a franquear uma certa fronteira do Eu, do Ego, não sei bem, a encontrar finalmente o verdadeiro amor, nem que fosse apenas a minha pequenita sobrinha, sob a forma de um segundo pai que lhe abre horizontes e gosta dela à distância.

A minha casa de Lisboa estava tudo menos triste, desarrumada mas não suja, tinha de arrumá-la para Lily, cuja presença já sentia dentro do avião, embora estando sem internet em Riachos. Estava, assim, a meio da tarde atónito, por vezes nada podia dizer à minha mãe, e ao meu pai nada mesmo dizia, a minha irmã estava por chegar e mais um raspanete, era esta a minha condição, grande numas coisas, pequeno noutras, com a vida ainda por resolver e se nada fizesse nada aconteceria, a cabeça de novo stressada, com vontade de dormir mas esforçando-me por estar lúcido, talvez cada vez mais apaixonado pela vida social em particular e a vida em geral, sabendo que dois canários estavam já no ninho. Fumava mais um cigarro, a música repetia-se pela sala, eu estava descrevendo qualquer coisa que não sabia bem o que era, talvez fosse apenas a minha evolvência num espaço circundante... Depois, cagando sangue e porcaria, imaginava as dores de Miriam, as dores da menstruação das mulheres e aquelas e aqueles que queriam ter sexo anal. A mim acontecer-me várias vezes, cagar sangue. A casa estava triste e só a pequenita lhe dava alegria, era Carnaval e eu procurava preencher os meus da melhor maneira, sentia que estava perto de enlouquecer, talvez estivesse bastante louco, mas, em relação a muitos, que funcionavam por mei-bola e força, eu estaria bastante bem, são, não vou defender o

beneplácito, apenas sentia que não esta assim tão mal. Saí disso tudo, ainda que me doesse mais e mais, ainda que fosse de novo cagar sangue, a mão lá fora cavava um pouco no jardim e eu fui preparar um café, como me sentia, pouco importava, podia estar numa escola cheia de alunos, numa empresa cheia de colegas de trabalho, numa biblioteca cheia de leitores, mas estava num jardim cheio do Nada heideggeriano e acho que era isso a felicidade...

Depois, tinha em vista algumas considerações, a maior parte do tempo ficamos atónitos, embrenhados em nós mesmos no mundo, no fundo de qualquer coisa, vão, gerando energia, gerindo qualquer coisa como um princípio de felicidade. Nem sempre estamos excitados, mas procuramos excitação para nos sentirmos vivos, a maior parte do tempo queremos intercurso, compreensão amor, mesmo que confuso, pois é preferível à solidão, ainda que se respeite tal coisa pois é privado. Aqui e ali, no tempo vão, uma canção de Diogo Piçarra...

De algum modo, não me saía da cabeça vir e ver duas, três vezes, pornochachada, procurámos talvez todos nós a fé e muitas vezes o porno era uma forma, mais ou menos legítima e manifesta, de continuarmos vivos, ainda que muita gente visse, à socapa, ainda que alguma gente não visse...nada. Aprendi que algumas vezes fora mais bem tratado por certas prostitutas do que por certas mulheres, amadas ou não, mas sempre preferira as amadas, sempre me esforçara por ter uma relação mais ou menos duradoura, mas quer em Riachos, Lisboa, Palumbar e Leirena, não queria ter nada a ver comigo, ainda que não fosse a esses lugares simplesmente por não ter carro...

Mesmo com o que me tinha acontecido, com o que eu provocara em mim mesmo, ao ponto de quase me tornar um monstro da filosofia, tinha o encargo dos meus velhotes, portanto sempre teria de andar entre Lisboa e Riachos, enquanto aguardava por Lily, mesmo que a minha mãe não a quisesse ver. Enquanto achava que aquilo por que tinha passado seria meritório de grandes prémios, prosseguia, almejando dar aulas, conhecer uma miúda, que já conhecia, fazer investigação e dar as minhas aulas, ainda que muitos passassem indiferentes ao lado, ao largo e outro se rissem e troçasse de tudo e mais alguma coisa que fazia. Era tempo de cortar umas cabeças... Foi nessa

altura que percebi que Ricardo Araújo Pereira era um deficiente mental e o quanto Lara o admirava, a miúda que lhe achava jeito e que nunca tivera a coragem para se dar a mim, ainda que eu tivesse feito investidas, ainda que pudesse ter sido uma daquelas com quem poderia ter construído qualquer coisa em Riachos. Isto porque a literatura é volátil, nem tudo o que parece interessante ao autor o é obrigatoriamente para o leitor, nem um nem outro têm de se escravizar, tem de se dar tempo esquecendo o sofrimento e a dor. Despedi-me da minha mãe para vir dormir e um forte pensamento negativo descobriu-se sob o meu ser, encarando a minha mãe, quando franqueei a porta da Casa do Jardim, pensei: tenho de arranjar maneira de me divertir, estive para desistir há dois meses de tudo, pela dor que estes estudos me estão causando, mas resolvi investir de novo e com força, estou aqui e praticamente não falo com ninguém, a minha irmã fechou-se, a minha mãe está-me sempre a contrariar, em Lisboa é o mesmo, ou pior. Que poderei fazer? Meu pai nada diz, aliás, muitos troçam de mim e não esqueço em Lisboa não ter arranjado, pelo menos nos tempos da Expo e nestes dois anos... Não sabia o que fazer, logo pela manhã tinha uma mão cheia de maus pensamentos, negativos, imagens, imagens que me abatiam ao fundo, mas tinha de andar para a frente mesmo que pouca gente me desse importância. Esta doença é lixada: apanha-nos desprevenidos e atraiçoa-nos bem nos nossos melhores momentos. Mas...se ninguém me liga, porque me hei-de importar? Po isso, deixei de lado um pouco os acontecimentos e deixei de me queixar e foquei-me nas coisas que tinha de fazer, dar aulas, fazer investigação e prosseguir com a tese de pósdoc, quase estava finalizada, tinha de a escrever, melhor, passar a computador, enquanto tinha outras bastantes coisas a estudar, etologia, sociobiologia, psicologia social, antropologia filosófica, muita reflexão, muita paciência, muito trabalho estava à minha espera, tinha até dois meses para deslindar um texto (provisório) de cento e cinquenta páginas, e inscrever-me nalguns seminários do programa, que dura seis meses a um ano. De modo, que um pouquinho mais de paciência eu chegava lá, claro que ainda tinha de arranjar dinheiro para discutir a tese do doutoramento, mas as coisas estavam um pouco mais claras por esses dias, onde o sol irrompia pela sala-estúdio que tinha na aldeia. Apesar de tudo, alguma felicidade irrompia naqueles dias

e estava para breve a visita de Lily, pelo que eu estava um pouco entusiasmado. Pela hora do almoço, os pensamentos sobresexuais, suprassexuais, aumentavam, relativos aos meus, eu pensei em desistir de tudo e ir dormir, mas fiquei ficando a ver televisão, pouco tinha que me distraísse a não ser os livros, que ia folheando, cheirando e mudando de um lado para o outro, Virgínia Wolf, Pearl S. Buck e John Steinbeck. Fora ao café e não tinha dado conta de Danny. Amanhã no final da tarde já estaria em Lisboa, um ponto de partida para mais trabalho e muitas coisas mais. Tinha alguns livros de interesse para levar no dia seguinte, entre filosofia, lógica e literatura diversa. No fim destas linhas, deitei-me um pouco com a saudade de caminhar à beira-mar e fui tentando lembrar como seria se o estivesse a fazer neste momento. Enquanto Ricardo Araújo Pereira preferia a rádio e o gozo, a troça, para fazer passar a sua mensagem, eu descobria uma certa responsabilidade face aos meus, em vez da criancice dele mesmo. A minha mensagem podia ser bastante poderosa, combinando essencialmente três itens, mas eu apenas estava esperando mais dois meses até saber dos resultados de algumas coisas, concursos, enquanto se fosse outro já teria desistido há muito tempo. Claro que antes queria uma loira nórdica ou americana daquelas que costumo ver no metro, mas preteri muitas mulheres a Lily e, pelo menos, iria viver uma aventura com ela, estava um pouco mais ajuizado, mas ela era absolutamente liberal e eu senti naquela noite escurecida que não a podia perder, fosse no Brasil fosse por cá. Senti um arrepio na espinha ao ouvir Samuel Barber e John Legend percebi que se discutisse a tese havia superado Herzog, Bellow e Camus. Modéstia a minha...

Nesse fim de semana, Danny nada dissera e eu comecei com um certo número de ilações, pois era Sábado à noite, lembrava-me dos tempos em que saía com os primos de Vasco e quando ia até às Caldas ter com Carla, outras vezes que saía sózinho, outras vezes que saía ora com Danny ora com o Victor e uma ou outra vez com outros. Tinha quase perdido a imaginação, mas a pequenita dava-me alegria de viver, assim como o Rafa, Danny estaria um pouco ofendido por lhe contar descaradamente certas coisas, mas ele parecia abatido, não dava réplica, parecia conformado, aliás, o seu pai havia morrido há pouco tempo. Eu parecia ser um pouco insensível nestas

coisas, mas o certo é que não vivia o país por viver e o facto de gostar imensamente de sexo talvez fizesse com que eu passasse ao lado ou ficasse ignoto num pequeno canto fazendo fáiça. Mas eu passava bem com isso, sentia-me bem, ainda convivendo com os meus pensamentos intrusivos, talvez mesmo em forma para empreender as coisas que tinha em voga, inclusivé irei, não sei como, aos EUA. Meu primo do Canadá nunca mais dera notícias, mas eu sabia que ele estava bem. Um antigo amigo, com quem me encontrava na Estação do Oriente, Raúl, deu finalmente sinal de vida, mas foi para dizer mal, de modo que resolvi esquecê-lo. Olho para a minha mãe, sempre mal-disposta e rabugenta e vejo nela o meu avô e a minha avó, a minha tia, a minha alma ou espírito paira, no ar, é transportada pelo vento para longe daqui, nem sequer está em Lisboa, talvez esteja agora em Londres ou Bergen, um pouquinho em Nova Jérсия e muito no Rio e São Paulo...

Então, pensei como poderia continuar esta obra sem falar demasiado de mim... E Conan Osiris ganhava o Festival da Canção... Sem dinheiro não se tem liberdade, dizia Danny, entre outras coisas, pensava no meu quarto de Lisboa e no meu bigodinho no perfil do felizes, que escata acabando, vezes sem conta arrependi-me de ter falado só por falar, mas nem sempre podemos dizer as coisas certas, no lugar certo, cientificamente, só para agradar. Comemoramos dali a pouco o aniversário da pequenita e talvez ficasse mais um dia em Riachos, afinal era Carnaval e que faria eu em Lisboa sem eles? Pela primeira vez na vida estava conseguindo o melhor de dois mundos, viver e escrever ao mesmo tempo. Pouco mais se podia pedir da vida. Estou o certo que o resto, coisas de que já me lamentei não ter, haviam de chegar. Nesses tempos, o Ser era bem mais importante... Por vezes ficava pensando, uma profissão como esta, que era aquilo que queria e na situação que estou agora, claro, lançado em termos intelectuais e em vias de melhorar, mas sem carro, ter sempre de jogar com o Tempo e depender dos outros, não é fácil, ainda com esta idade, por vezes falando comigo Danny, parecia-me que estava no gozo em certas situações, éramos um pouco como amigos inimigos em termos intelectuais, mas tudo bem, eu estava lúcido e tinha as minhas coisas, a minha casa, em muitas circunstâncias era objeto de crítica, por parte da minha mãe, por parte do meu cunhado e da minha irmã, que me parecia triste

e desalentada, como se não tivesse valido a pena ajudar-me. Mas claro que valeu!

Por vezes, acontece neste país que quando alguém faz uma coisa, séria ou não, sózinho ou acompanhado, é objecto de troça. Ri-se facilmente, por isso se cai e se desce facilmente aos infernos da melancolia e depressão, da doença química. Eu, como outros, não sou bem assim. Embora avalie as pessoas, raramente as julgo, mas não tenho feito outra coisa em silêncio, sempre auto-referenciado... Mas enerva, quando alguém se ri de nós sem nos conhecer, depois, quem sobe é um alvo a abater, por uns, objecto de admiração por outros...Mas noto que tou desfasado quanto à realidade, por exemplo pelas (não) visitas no site felizes, por não vir ninguém cá a casa nem ir a Lisboa. É isto a filosofia? Preço alto a pagar, quando não há nem professores nem colegas que digam alguma coisa. Meu pai foi à malha, o casal de pombinhos foi passear no *terroir* e deixou cá os miúdos. A mãe diz que não lhes dão educação, e é bem verdade, estão sempre às turras um com o outro. Depois, as priminhas afastadas estavam no café, uma ensina francês e não gosta de homens, apenas se serviu de um para lhe dar um filho, a outra nem filhos teve, eu?, não sou pai delas, nem um par de açoites merece. Acho que essencialmente as pessoas deixaram de falar umas com as outras ou então estão todas em fuga para o regabofe, quando um meteorito lhes pode cair em cima, quando um maremoto pode inundar Lisboa. Não quer dizer que as pessoas devam ter medo. Só que, vizinhos de décadas ou anos, estão voltadas para si mesmas, são conservadoras e esqueceram certas regras antigas, como a simpatia face a quem não nos traz benefício imediato. Diminuiu, então, a amizade, de valor? Talvez sim. As pessoas, na sua maior parte, são sim, superficiais, certa elite norte-europeia é distinta, é diferente e a de cá imita-a, mas está enredada num tracional tipicismo que a faz não dar grande exemplo aos seus contemporâneos homens do senso-comum, porque na maior parte das vezes é interesseira em vez de ser interessante.

# 20,

Estava de novo só. Que melhor motivo para voltar a escrever? Voltei a fazer a barba, em três dias, o dia estava riando, eu estava bêbado, só me apetecia ir de novo para o convento, a rebarda caía no teclado, como *A Mosca* eu me estava desfazendo, contudo queria o fofo dos lençóis... Falei com Lily durante quatro meses e no quinto mês comecei duvidando dela.

Tinha a barba um pouco mais crescida. Já em Lisboa, voltei a ir até ao Saldanha pensando no penso higiénico que lambi a Miriam, comose fosse uma adoração de outro planete, de um astronauta. Cheguei depois a casa e nada demais, o meu espírito estava inquieto mas já não tinha força para tal. Gastei sete euros num uísqui, comi por dez euros no aeroporto, comprei uma água por dois euros, senti-me bem e mal, qual a verdade, o certo é que estava de novo sem dinheiro, ainda pra mais sem tabaco. Mas já me sentia plenamente no pósdoc, ainda que não tivesse discutido a tese de doutoramento. Dinheiro, seria apenas uma questão de dinheiro? Tinha eu, ainda, algum problema? Que faria eu nos EUA? Ao mesmo tempo, sentia-me um homem com poder, talvez mais do que Costa ou Trump, um tipo diferente de poder, que estava ainda por descortinar, talvez apenas o poder da opinião, nada mais, da cidadania, do finalmente ser pessoa e ter conseguido. Pedia a mim mesmo para ter calma, ante os acontecimentos do mundo. Talvez o meu irmão tivesse razão, eu não tinha jeito para resolver os assuntos domésticos enquanto estava ocupado em resolver os do mund. Mas a história ainda não havia chegado ao fim... Precisava de um orientador, mas talvez já tivesse pronta a tese, desde 2016, que fazia a terceira parte do texto que me daria o doutoramento e a possibilidade de ensinar. O pósdoc era apenas um luxo, uma cereja no topo do bolo, uma possibilidade mais de reforçar a minha intenção de dar aulas no superior. Talvez precisasse de reforço em Nova

Porque, talvez não, talvez estivesse muito bem assim e não tivesse de me esforçar mais grande coisa, pois percebia que, como muita coisa americana, nada pode ser em vão... Depois, pensei, acabo este livro, que não vende nada, como os outros, e começo a redigir os apontamentos do móvel creme e exalando alguma coisa do terceiro capítulo da tese, que seria inicialmente a tese de pósdoc, já em 1996, mesmo sem orientador...

# 21,

Depois, comecei a perceber que isto não era só questão de uma, duas teses, era uma questão de direito, de direitos, de cidadania, de coisas que podiam perfeitamente ser revertidas. Como mandava eu alguma coisa quando nems equer dinheiro para tabaco e comida tinha? Mas o facto é que mandava, e nem sequer mulher tinha. Mas mandava, tinha uma forma de poder que era perfeitamente humanista, não era interesseira nem utilitarista. Por isso era grande, talvez fosse o melhor, em vários domínios, por aqui, tanto em termos intelectuais como de senso-comum, tanto na academia como na rua. Mas não controlava nada, nem negócios limpos nem sujos, não lucrava com nada, ainda estava falido. No entanto mandave e controlava. Mas ninguém me dizia nada e isto seria apenas pretexto para mais um livro que ninguém lê. Os chineses, os indianos, os pretos, que eu tanto amava e respeitava, nas minhas coistas diziam mal de mim e ganhavam com seus negócios. Alguns dos locais, brancos, mestiços, portugueses, também, muitos me haviam prejudicado e feito mal em várias ocasiões. Isto não era só uma questão de dar aulas, de afzer investigação, um pósdoc, nada pagaria o que eu teria sofrido. No entanto, o mundo continuava rolando e eu esperava qualquer coisa nos termos de uma *Lógica das Compensações Fortuitas*, o único regime em alternativa à democracia ou, apenas, meramente, a única forma de a democracia funcionar... A este tempo, já pouco importava, as pessoas queriam cumprir certos itens e o mundo, a sociedade ia mudando e não se preocupavam assim tanto, talvez tivessem menos princípios uns e outros demais, mas as depressões e doenças crónicas do foro psiquiátrico aumentavam, a matriz porém, ia mudando, e tínhamos a agradecer aos hindus, norte-europeus, chineses e sorbetudo a alguns africanos, não quero dizer a todos, porque por África havia problemas ainda mais complicados, um dia sofreria toda a população, negra ou branca, de doenças, pobres africanos, estamos dependentes da geografia e eu, ainda estando só e

comprometendo-me a abrandar no fumo, ainda me conseguia sentir bem, vivo, solidário umas vezes e antipático e agressivo outras. Que interessa se não me deram a mão, se me abandonaram, se não confiaram em mim? Eu não cheguei até aqui? Então, tudo isso é passado e serve apenas para aprender, como quem olha na parte detrás de um espelho. No dia seguinte, talvez fosse a uma consulta de desabitação anti-tabágica, talvez precisasse de uma para o álcool também, no mesmo dia em que tinha falhado uma de psiquiatria por falta de dinheiro. E precisava de actualizar as vacinas. Era este o meu dia-a-dia, ainda não encontrara emprego nem mulher, ou talvez sim, talvez tivesse encontrado as duas coisas só que nem me apercebia, tão deslocado estava o meu espírito. Continuei a escrever notas para a defesa da tese, continuei a tomar notas mesmo em viagem e a telefonar frequentemente à minha mãe. Um pouco mais adiante, esta antes do jogo do Porto com a Roma sem tabaco, até fui várias vezes ao lixo buscar as pontas mais compridas, depois de ter esvaziado os cinzeiros, ansiava por um cigarro e percebi que a nicotina me aliviava as dores do OCD e atenuava os maus pensamentos, pensava por vezes que teria esquizofrenia mas não ligava muito ao assunto e tentava levar a minha a melhor, concentrando-me nas ideias filosóficas mais diversas, por fim, após ter discutido com a minha irmã no messenger, que me acusou de a estar a chantagear, lá levantei dez euros para um maço de tabaco que comprei nos mónhês perto da estação e pelo caminho, pensei, vai mais longe, um pouco mais longe de ti mesmo, distrai-te dos teus afazeres para o fazeres e vi um marco do correio, de modo que trouxe também um litro de cerveja, que sorvo agora deliciado. Quando saí de casa, um gato preto seguia á minha frente, alinhado e vi que era um dos dois gatos pretos que estiveram comigo na Expo, talvez tivessem sentido o meu calor de homem, muito distinto dos de cá, desta cidade...ainda o chamei, mas enfiou-se para debaixo de um carro, vi dois pares de namorados discutirem e eu pensando, eu atraio este tipo de coisas ou será só pra me fazer inveja?...

# 22,

De repente, as calças começaram a desaparecer. Há alguns anos que não comprava roupa e percebia que alguma coisa estava passando em branco. Talvez fosse demasiado generoso e pouco espero, muito espontâneo e pouco rude. Mas não me preocupava tudo isso. Por vezes ainda ficava bloqueado, em casa, mas que podia eu fazer, apenas três destinos, a Baixa, o Aeroporto e o centro comercial. Estas coisas estavam começando a chatear-me, porque ninguém se preocupava comigo, a não ser Lily, à distância. Eu tinha uma clara noção da morte, do seu sortilégio, enquanto outros tinham também e outros não tinham... Mesmo Lily falava umas coisas para mim e no facebook postava uma série de desabafos, não sabia que haveria de confiar nela. E haveria ainda de alimentar algum sentido de aventura face às mulheres? Não vivia com nenhuma e muitas e muitos falavam de mim como se eu não fosse capaz de viver com alguém, de trabalhar, quando, como dizem alguns, já podia estar morto, noutra lugar, num hospital. Nesses dias eu ainda tinha energia para fazer as minhas coisas e ainda que não falasse com ninguém a não ser a mulher do supermercado, a miúda do café, mais de dois minutos, eu deixava-me estar, como gato ao sol, como cão no pó seco... Falo com o meu irmão e, sinceramente, não o percebo, diz que a melhor maneira de levar a vida é cumprir um desígnio de certo modo social...mas então e a arte, a literatura? Todos os génios foram bêbados, drogados, nem trabalho tinham, não quer dizer que eu seja tudo isso, aliás, os grandes autores sofreram de problemas psiquiátricos, desde Nietzsche até Van Gogh, mas nem todos foram cidadão exemplares, é isso que quero dizer, não temos de agradar a todos, o meu irmão não me percebe como eu me percebo a mim, nem sinal até agora de algum entusiasmo para com os meus livros, para com a minha filosofia, por parte dele um pouco, dos outros nada, quase nada... mas tudo bem, não vou esforçar-me muito mais, apenas recolher alguns frutos, nem ser moderado quando estou ébrio, tudo

acaba na cama e no caixão, quando tudo recomeça novamente noutra esfera, noutras esferas, noutras espaços, o que cheiro é esse, a incenso, enquanto oiço Rainbow, em „since you've be gone“, a banda que se seguiu aos Def Leppard e lembro-me de Luigi, um dos grandes amigos de infância que tendo partido a perna, mostrava todos os seus LP's dos anos sessenta e setenta em plenos anos oitenta...

Acordo num dia radioso, luminoso, os meus pretensos projectos estão suspensos, tenho estado a descansar, ontem voltei a beber, de modo que me custou bastante hoje levantar, pensamentos cruzados, obsessões, pensamentos disruptivos, a minha cabeça está em água, num nó, confundo os tempos, as pessoas, vejo inimigos em todo o lado, no entanto nunca estive tão bem, tão lúcido, tão preparado para o mundo.

# 23,

De novo as dificuldades financeiras, acabo de receber e vão logo cento e cinquenta euros para telecomunicações, compro um pouco de comiga, pickles e uma garrafa de cerveja. Ainda tenho de guardar para o passe, no dia seguinte. Liguei à mão e ela pensa que eu gastei o dinheiro todos, pelo telefone disse-me que teria de durar uma semana, não sabia se havia de ir no dia seguinte, liguei a Manu e ficou esboçada uma saída no fim-de-semana, talvez em Lisboa. Estava a cem metros mais de uma foda mais paga a trinta euros, mas preferi não ir, fiquei pensando numas coisas, fiquei pensando no mundo, já que era tão bom nisso e ensaiando uma possibilidade de ter uma vida melhor, que me negasse ao sofrimento atroz por causa de duas teses que ainda não havia discutido, que ainda não me haviam dado grau algum. No fundo, já estava recuperando o gosto de viver, não quer dizer que não tivesse inimigos, que não pensasse uma ou outra coisa sobre uma ou outra pessoa, pensamentos que devemos inserir no âmbito do humano, comportando, acondicionando, porque se perdermos o humano, talvez percamos tudo...

Por detrás de mim, deste homem escondido num homem invisível, talvez houvesse apenas uma vontade de acertar, ou seja, um homenzarrão a manifestar-se, mesmo em termos de força física e psíquica, mesmo em termos das mulheres. Apetecia-me mais dormir do que escrever, o meu espírito estava inquieto, tinha no bolso onze euros e meio, o suficiente para regressar a Riachos, mas, por uma razão ou outra, optei por não ir, pressentia que o meu pai queria que eu ficasse por lá, estabelecendo uma espécie de linha dinástica, mas eu não estava muito para isso, por isso não me ajudava em nada e a minha mãe alinhava por ele. A minha irmã prometera não me ajudar mais, enquanto eu ainda esperava pelos resultados de várias candidaturas a bolsas, a professor, a estudos de pós-graduação. Fui ao aeroporto, bebi lá duas imperiais e um café, voltei para casa e ainda assim andava de um lado para o outro,

como se fosse um morto queimado, mas estava vivo, mesmo para muitos sectores da vida lisboeta, bastante vivo até. O vizinho da frente estava zangado comigo, insultava-me quando saía, mas não ligava muito ao assunto, afinal foi ele quem no primeiro dia em que cheguei foi dizer mal de mim na esquina da casa, para mim era absolutamente um tóino, não teria ajuda alguma de mim por nenhum tempo, parvo fui eu em pedir-lhe ajuda quando perdi as chaves. Enquanto tinha algumas pessoas amigas, a maior parte não me falava, como se não existisse, isso magoava-me muito, mas eu procurava levar a minha vida normalmente...Eu cometera a aventura ou desventura de pensar por mim próprio, de fazer uma tese e depois outra, de certo modo ia na ponta do pensamento da época, já que a filosofia seria especulação, eu fiz isso como poucos, sempre escrevendo alguma ficção, alguma prosa. Muitos não me perdoavam isso, teriam querido que ficasse na mediania, com eles ou contra eles, aí seria mais fácil de ser derrotado. Mas eu não fiz isso, levantei-me-me, todos os dias, um após outro e enfrentei o maior adversário que havia, eu mesmo, de frente, olhos nos olhos, todos os dias. E talvez o continuasse a fazer, pois tomara-lhe o gosto....

# 24,

É a minha família. Eu sempre a insuflar confiança, a entusiasmar os outros e eles a insultarem-me. Será por causa de estar já a fazer o pósdoc? A minha irmã ameaça-me de morte, a minha mãe também, dizendo que eu vou embora e não volto mais, há mais de vários anos, o meu cunhado tem sempre aquela presença física de quem está para querer bater mas não sabe o que lhe espera, os pequenitos brincam distraídos no computador, mas andam sempre às turras, talvez dependendo do grau de paciência que eu tenho para a aturar a minha irmã, que está sempre a dar coices. Começo a acreditar que o que seria uma mera suposição minha, o meu estado de saúde, foi forjado pela minha irmã, sim, foi ela que me pôs várias vezes no hospital, muitas das vezes por culpa da minha mãe, lamento dizê-lo, do meu irmão sobretudo, em grande parte e do meu pai, evidentemente. Pois foi, o que eu nunca quis admitir transformou-se em evidência com o tempo. Sempre tive de lutar pelo amor, sempre fui mal-amado... A minha amiga Isassa tinha razão. Ela era a filha do meio, tinha uma composição familiar exatamente igual à minha, o que lhe aconteceu em tempos, vem a acontecer-me a mim, por mais mostras de afecto que eu dê, cedências mais que suficientes ao meu cunhado, parece que nada chega, o meu pai não me ajuda em nada há mais de quinze anos, vivo com vinte euros para chegar a um pós-doutoramento que nem sequer as pessoas mais ricas fazem... não devo ser eu o homem mais importante deste país? Então, porque tarda em se fazer justiça, os outros não sabem (alguns), não estão nem aí e eu comprimo a minha prosa que amanhã regresso já a Lisboa, tratado do caraças este... Posso estar exagerando, posso até ter algumas muitas culpas em toda a situação, insisti na filosofia desde há mais de vinte anos e só arranjei problemas e mesmo quanto aos internamentos, a culpa foi toda minha, devia ter posto um travão à acção dos médicos mais cedo, nesse sentido talvez tenha

acordado tarde, mas continuo tentando fazer sentido. Isso é fazer filosofia. Pensava em Lily e lembrava-me de Jesus Maliane, um moçambicano com quem ia de dois em dois dias beber um Boudi junto ao teatro Circo. E, pensava, se tinha ajudado alguma gente neste mundo, não era tempo de o mundo me ajudar? Sim, eivado de um certo catolicismo, cristianismo, estava encontrando o meu lugar, como um psicólogo e psiquiatra a quem não se paga, que ficava só, alegre com o sorriso dos outros, muitas vezes troçado mas indómito...porque afinal, o percurso que havia feito, ligado à religião e à antropologia, não se tinha perdido, estava lá bem presente, entre o desejo de ser moderno e pós-moderno, pós-industrial. Eu amava Lilly, a preta jeitosa que estava vindo para Portugal, mas sabia que ela queria que eu fosse até ao Brasil com ela. Mas eu gostava disto, do meu Portugal. Iríamos passar uns dias de amor e amizade e...depois, se ela não quisesse ficar cá, partiria para Manaus, pois tinha lá toda a família e era duro para uma brasileira permanecer para sempre em Portugal.... Em vez de pensar procurava elaborar sentimentos e sentenças para pôr no papel em branco, no écran em branco, enquanto a minha mãe tratava da loiça e o meu pai dormia profundamente, depois de a minha irmã o marido e os pequenos terem ido (para ser grande não precisas de crescer), entrei de novo do registo de Riachos, onde, tal como em Lisboa, tudo acontece e nada acontece. Voltava de novo aos livros e procurava ter apciência, sempre fora impaciente, quando via outros com a mesma partologia serem demasaido impacientes, aprendia com isso, por isso procurava descansar, pois, sendo um pouco nervuroso, como Francisco Assis Pacheco e Eládio, um meu amigo de Riachos, procurava ter calma e sonhar, talvez pensar que toda esta realidade era um filme, pior ou melhor do que um filme, mas um filme, uma história de banda desenhada, um livro, tudo isso concentrado, era a vida e que poderia eu fazer de tão asoberdado que estava com isso? Não sabia ao certo de queria fazer vida com Lily, ou Monique, o certo é que não estava disposto a forçar mais uma ou outra coisa, mesmo que ainda tivesse feromonas que chegasse para estabelecer uma relação certa e constante, mas também não estava bem, procurava por isso equilíbrio, talvez dar aulas, talvez fazer investigação, fazer efectivamente (com orientador) o pósdoc...tudo isso me parecia uma miragem face às minhas fraquezas, face a outros

até, mas talvez eu partisse bastante atrasado nessa corrida, mas talvez, mesmo nessa corrida, como em outras coisas, não fosse o fim, a meta, que interessassem, mas tão simplesmente o caminho e as vistas, tal como em *Curvas Apertadas...* Apetecia-me ir até ao café e comprar um maço de Marlboro's soft, ver e falar com Brígida, mas estava um pouco pachorrento vendo ora os *Malucos do Riso* ora o Paulo Futre na CMTV...

Por vezes era tentado levar a minha condição de criativo ao cinema, mas faltava-me o arrojo, a técnica, a competência, pelo que optei desde o princípio pela via da escrita, mesmo que ela não fosse inteiramente cinematográfica, mas reconhecia valor ao cinema, evidentemente, no sentido tanto terapêutico quanto literário, enfim, hollywood mostrava isso bem melhor do que eu poderia alguma vez mostrar. Preferia a literatura porque havia todo um ritual, o som do bater das teclas, as idas ao café para comprar tabaco, as depressões, as euforias e a confiança no caminho a seguir... O certo é que estava deserto para um queca e que, já lá iam quase três meses, via em cada miúda a possibilidade de algo e ao ver a minha mãe cansada só lhe desejava paz...bem como à minha irmã e ao meu cunhado, porque os pequenitos estavam sempre no meu coração... Antes de dormir, fiquei pensando, quando não nos sentimos bem num lugar, quando não temos o amor desse lugar, a nossa tentação é mudar de lugar, mas podemos simplesmente sob pretexto de estarmos sendo chatos, permanecer nesse lugar, como uma ferido num dedo do pé, como um certo saber de astrofísico, que segue a vida para onde ela vai, seja terrestre seja alienígena, com ou sem fumo de cigarro. Porque a ciência do mundo vem com a idade, não escolhendo um ou outro, mas fisingando-se naquele que combina tradição com futurismo, ou seja, o escolhido é aquele que sabe dar e receber, que sabe esperar e perder, sobretudo perder, é esse que dá exemplo aos outros, ou seja, o mundo carece disso, de quem dê o exemplo, seja de abnegação ao desejo seja ao dinheiro e ao poder, ou seja, neste, como noutro mundo, tudo é possível, sendo que no outro não é possível o que é passível de acontecer neste, onde me sinto bem mais feliz, porque tenho amigos e com quem falar, no outro estás a maior parte do tempo feliz, mas sózinho, pois Deus tem mais do que fazer do que aturar-te... Mas estava mortinho por uma queca e talvez

não estivesse nada (mesmo) atrapalhado com isso. Preferia estar no quentinho da cama sonhando com anjos-frades...ou freiras, depende da perspectiva. Mas não, perdoem-me, estava só sonhando com a minha Lily, a meu lado, eu ressonando e ela também, a meu lado... Entre pensamentos dos fundilhos, eu era feliz e não sabia, vivia no paraíso e no instante do pensamento vivia o sentimento. A minha mente retrocia-se, como dizia o idô Victor, em pensamentos dos fundilhos, mas eu sentia-me a vencer qualquer coisa, muita coisa, não voltaria tão cedo a Lisboa tanto porque me desiludira quanto porque não tinha efectivamente meio de me sustentar por lá, o pensamento de que estava perto dos pequenos fazia-me ultrapassar qualquer pessimismo e teria de ir uma e outra vez até lá cima, que importava que os actores sociais fossem os mesmos, que eu mesmo enquanto actor social fosse o mesmo (de sempre). Eu experimentara o ódio da minha mãe quanto a mim, da minha irmã também e de alguns dos meus conterrâneos e outros de Lisboa, só porque me atrevera a não ficar no mesmo lugar, a sair expelido de mim mesmo, e se bem que ainda estava excrevendo na mesma pessoa, não era de mim que falava, e não ligava ao gozo e ao escárnio porque sabia que outros, como ou diferentes de mim mesmo, haviam sido maltratados, uns estavam vivos outros não, ou seja, o estigma das coenças psiquiátricas trazia uma genialidade e agudeza à experiência humana que não tinha par, uma consciência do que são ou não são capazes os humanos (daqui), ou seja, a forma como eu e outros lidam uns com os outros só para permanecer vivos, ou seja, a consciência que têm de si mesmos e dos outros ao seu redor. Trazia comigo o livro de Jean-Paul Sartre que havia imprimido a partir de um PDF, "O Ser e o Nada" e lembrava-me da pequenita, sempre às turras com o irmão, como eu, sempre às turras com a minha e como os dois do meu irmão, sempre às turras um com o outro... Tinha bastante certeza de que iria ser bem sucedido, já o era devido à área em que trabalhava, por muito ou pouco dinheiro que tivesse, iria romper e uma coisa estava certa, não estava passivo aceitando o passar do tempo e até me sentia bastante confortável relatando a minha visão do mundo, era honesto para comigo mesmo desse modo, talvez eu mesmo em todo o mais variado sentido, enquanto me criticavam uns e outros, sendo que pressentia dar, à minha medida, um certo sentido à

filosofia feita em Portugal. Depois, tinha consciência de não ir por caminhos pré-determinados e isso aumentava a minha confiança e sentido de descoberta, por vezes uns miúdos gozavam de mim descaradamente, mas estou certo que a maioria me tinha respeito (para não dizer medo), ao ponto de se aproximarem cautelosamente de mim e do que eu representava. A realidade que eu tinha em mãos desafiava o cientista social que há em mim, quer por ver que a maioria das pessoas não se importava (muitos nem sequer escreviam ou sequer liam), o que gerava um grande desalento em muitas situações, decerto porque nunca haviam estado tão perto da morte e da loucura quanto muitos que eu vira ou conhecera. Eu pressentia que qualquer coisa de bom iria acontecer comigo e com os meus, não ao Deus-dará mas porque eu alimentara essa ideia com árduo trabalho, sabia exatamente quais eram os meus inimigos e à medida que singrava fazia mais e mais inimigos, eles apareciam à tona, revelando-se sob o signo da inveja e do escárnio. Uma coisa era certa, eu iria estar por-aí ainda mais tempo, não tinha vontade de fugir em nenhuma circunstância, sabia que decidira ser feliz e bem sucedido desde há uns anos e na podia abalar esse sentimento, pois a minha mente alimentava o bom espírito que eu era. O certo é que um ou outro professor tremera com as minha teorias, eu voava sobre o meu país como um condor que ao mesmo tempo vela por ele...sem precisar de ter controlo ou poder sobre consciência alguma... E o meu irmão tinha como argumento basilar da sua retórica a ideia de que a verdadeira sabedoria pertencia ao homem do dia-a-dia, provavelmente homem de família, que sabia levar e gerir um agregado da sociedade. Eu ficava-me com a ideia do ideal do artista, que também tentava levar a vida, vendo depressa o fundo da garrafa, ou seja, era mais importante a obra literária do que a obra de vida...mas enfim, eram concepções que muitos outros, de um lado e do outro, também partilhavam. Por outro lado, quando eu próprio estava mais bem-disposto, via este povo como alguém que tinha uma capacidade de sofrimento como poucos, não quer dizer que fosse facilmente manietado, pois a história era longa, mas que era um pouco grego e um pouco americano, havia, como diria a alguém, uma memória social que em certo sentido substituía a acção do próprio Deus. As duas coisas somadas era sinal de justiça na superfície da terra dos homens...

# 25,

Os dias prosseguiam mais ou menos certos, pela manhã, acordando às quatro, sentia fome e deixei-me estar até às dez, depois fui ao café ver Martina e mandar umas larachas, sentia vontade de dormir a sesta, mas não podia parar este livro, estava imparável, entre imagens da internet e conversa com a minha amada, entre o pedaço de um livro e um cigarrito, a mana estava lixada dos ouvidos e o cunhado lá estava no seu posto, enquanto a mãe bebia um bom vinho tinto e a saber, eu nesse dia, não havia tocado em nada, a regra talvez fosse sorver um pouco de vinho para aliviar a crise neste tempo de governo PS e Bloco comunista...

Agoniado, bebo um café, saco de uma garrafa para a Casinha e deixo-me estar, assim, à tarde, pensando na minha Lily, que virá dentro de dias. A minha cabeça não andava grande coisa, mas eu resistia, o fígado doía-me, os pulmões talvez tivesse bons, estava bastante desgastado e a minha mãe não se calva, exigia mais e mais de mim, discutindo comigo sobre tudo e mais alguma coisa, a minha irmã era igual, o meu pai zarpava para o café quando começavam os problemas, como eu fazia às vezes. A minha irmã está por aí, esperando a pequena. Passam-se dias e não passa ninguém senão o carteiro. Estou um pouco mal-disposto, vou buscar uma garrafinha de branco e abrou-a dali a pouco, no meu reduto. Elas continuam implicantes, não se pode dizer nada. Talvez seja por gostarem de mim, não sei bem. Falo um pouco com Lily e recebo uma mensagem das bolsas. Dentro de algum tempo saberei um pouco melhor o resultado de todas aquelas várias candidaturas a que me prestei em meados do mês passado. Daqui a pouco vou de novo até lá acima, ao café. Estou um pouco cansado dos sítio, mas continuo, mesmo depois de ter ficado mal disposto de uma sesta. Sim, não tinha grande sorte com as miúdas em Lisboa, mas deixava-me andar à mistura, de um lado para o outro, fazendo sempre a minha rotina, nunca, em regime comunitário, havia estado dois ou três dias por casa nessa casa, como na outra

anterior. Mas o certo é que havia muita gente como eu e mesmo muitos jovens quase velhos como eu que viviam, até casados, com os pais, no mesmo apartamento e só naquele prédio. Em certo sentido, eu era um privilegiado por viver sózinho e dispôr daquele espaço só para mim, tendo um quarto de dormir grande, uma salinha e um pequeno estúdio, o quarto mais pequeno, para poder trabalhar e escrever. Fiz uma pausa no que estava escrevendo, a defesa da tese e que constituiria um esboço do meu texto de pós-doutoramento, estava ali naquele fim de tarde, a pequena já jogando Roblox e a minha irmã vendo uma entrevista de Sofia Lisboa, a vocalista dos Silence 4 que tivera cancro e agora estava com reforma de invalidez, um pouco como eu, um pouco como a melhor amiga da minha irmã...Enfim, percebi que talvez os meus livros estivessem decaindo em qualidade e que eu tinha de continuar o meu caminho só, mesmo que não tivesse ajuda de praticamente só, o que se tornava algo penoso. Mais um dia passara, a noite caí, eu sorvia um pouco de vinho, procurava ver o sentido positivo do estar ali, afinal talvez cumprindo qualquer coisa. A minha mãe e a minha irmã eram as minhas maiores críticas. Nem sequer davam valor à obra que tinha produzido e às teses que havia escrito, como se fosse algo paralelo ao meu destino. Tãopouco o meu pai valorizava isso, o meu irmão um pouco, relativamente. Essa carreira que fui desenvolvendo, de escrita violenta e profícua, era a minha maior defesa, num mundo de imediatismo que não levava a lugar algum senão a auto-problemação de um sentido de afirmação suficiente face ao mundo social. Isso, para mim, era pouco, eu queria mais e contava ainda dar aulas, ainda que os contatos com a universidade e os académicos ou escritores fossem quase residuais, em termos pessoais, ainda que frequentes em termos virtuais. Assim, após algumas horas e pensamentos, um pouco combalido, acabei por desligar o computador. Fui de novo ao café e Brigida estava de novo mal-disposta ante as bocas dos inúmeros e sedentos homens cheios de teias de aranha no café durante um jogo do Ronaldo. Creio que era a única mulher para mais de trinta homens...puxa. Falei e diverti-me com Danny, e por isso fiquei-lhe com menos rancor, senti que ele me queria emprestar dinheiro, mas não me descaí. O meu velhote estava ainda a dormir junto à televisão, a velhota estava já no andar de cima. Um casal de brasileiros veio fazer não sei o quê, contar a

luz. E eu ainda sem emprego, sem ter hipótese de regressar a Lisboa, onde me sentia mais empolgado e com a obrigação de dormir mais uma noite sózinho... Chegava a uma altura em que pensava que se fosse óbvio, poderia fundar muitos impérios, mas não, era bento, lento, gostava de sorver a vida e, sobretudo, tinha imenso medo de morrer, por isso levava a vida em sociabilidades mínimas...Pela primeira vez em dias via a minha irmã sorrindo feliz, mesmo que tenha discutido com ela antes... A minha mana, por vezes discuto com ela, sempre às turras, como os dois pequenos e, de resto, como os do meu irmão, cvomo eu e ele,a coisa até está bem distribuída, vamos a ver, ficava mais tempo no café se tivesse paciência para aguentar, na verdade, eu era, como o Júlio dizia, "um turista" e acho que me ficava bem o apelido...E o que eram os meus humores comparados com os dos outros, com um cenário nacional de violência doméstica? Esse era o assunto verdadeiramente importante, juntamente com os crimes sexuais de toda a ordem, não tanto a filosofia, a sociologia, a antropologia, sendo que estas eram aquela coisa toda junta, não muito mais. Agora entendo porque muitas pessoas emigram. Ficando muito tempo no mesmo sítio não se consegue ser justo. O meu pai alheou-se de tudo, a mim não me conta nada, conta mais ao meu cunhado, genro dele. Não faço a mínima ideia do que ele quer para nós, pensa que eu me vou dar ao trabalho depois de ele partir em arar terrenos que ele vai deixar, pensa que vou andar ocupado com isso quando em vida nada me disse, muito menos a minha mãe que, juntamente com a minha irmã, está sempre a desautorizar-me. Via-me enterrado em Riachos, com vontade, mas não muita, de voltar para Lisboa, quando Lily anunciou-me que não viria do Brasil, para mim acabou, vou andar por aí, tentando arranjar uma escapatória qualquer para não enlouquecer com certas coisas da televisão e tudo o mais, com as maningâncias das pessoas, quando eu, na flor da idade, podia estar correndo o mundo enquanto antropólogo e, devido à pobreza mental da comunidade intelectual, me vejo relegado a um espaço diminuto e limitado em termos mentais, tendo de inventar qualquer coisa com quem eles nem sonham e viver uma vida de um sacrifício quase inigualável, que nenhum deles, antropólogos ou filósofos, estaria preparado para enfrentar...

# 26,

Continuo pedindo ao mundo, não como mendigo, uma mulher, um trabalho, não sabendo se tenho forças ainda, mas o mundo nega-me isso, talvez porque esteja mais partido do que eu, nas noites, cada vez mais raras, líquidas, para descomprimir. Apenas preciso de descansar, além de mim mesmo... Ainda assim, encontrava-me numa certa forma de aprisionamento do Eu. Tinha de me dar mais com as pessoas. Num dia era o chefão no outro uma pulga. Depois, fiquei pensando na minha vida em vez da dos outros e duvidando se o karma e todas as ideias religiosas e transcendentais fazem sentido, e percebi que apesar de tudo havia conquistado qualquer coisa que se pode considerar de importante, porque me aventurei em terrenos onde mais ninguém havia posto o pé, pelo menos no nosso país. Sentia-me só, nesta cidade, um dia depois de aqui chegar, as moças não queriam saber de mim, havia qualquer coisa que me prejudicava e eu ainda não era velho, tinha todas as condições, morais e materiais, para ter uma paixoneta. Mas não acontecia, nem em Riachos nem na grande Lisboa, a terra de todas as oportunidades, mesmo eu falando com as pessoas, elas não queriam saber, pareciam atores de um filme mudo, ainda por cima a preto e branco... A impressão clara que tinha do local onde morava é que me julgavam uma pessoa tão importante ao ponto de prescindir de mim. Tudo tinha a ver com os fundilhos, uns mais cómicos outros mais desalentados, mas o vão permanecia, eu não sentia ninguém a aproximar-se de mim, como em outras alturas, e isso gerava em mim um claro sentimento de abandono, enquanto investia, investia em Lisboa e não tinha retorno de nenhuma ordem, tinha de ser os meus irmãos a ajudar-me monetariamente... Depois, fiquei comendo um pão com queijo e pensando nos tolos do ISCTE e da FEUC...

Pensava virtualmente em tudo, depois de acabar um litro de cerveja e ter encetado uma de 7UP, não sabia se sairia naquele dia, naquela noite, talvez precisasse de tomar banho, mudar de roupa, talvez não. A rua estava deserta e meio da tarde e eu impacientava-me, ainda faltava um mês para que me dissessem alguma coisa das candidaturas a bolsas, docência e investigação, tinha a televisão acesa e doía-me a cabeça... Depois, habituei-me a pensar menos, a preocupar-me menos, a descansar mais...

Fiz da cama uma forma de vida, o meu desalento era equivalente ao meu cansaço, trabalho era mentira, soava tudo na pele, a minha solidão era tão atroz quanto o meu sofrimento, em nome de qualquer coisa que não sabia o que seria...só me apetecia estar numa espécie de coma depois de alguma cerveja. Naquele dia havia visto o Aníbal, secundado pela sua beleza africana, Eulália, mas foi só de passagem, não me atrevi a entrar no seu espírito, por volta do Parque das Nações. Mesmo assim, a vida parecia-me mais branda, pensava nos meus velhotes e do que a vida nos tem dado e tirado. Pensava na minha irmã e na sua doença e, face a outros, na sorte que temos tido. Era atroz estar sem companhia, sem alguém com quem falar, conversar, tentar diatribe, mas eu levava a coisa para o sono e para o outro dia, e além do outro dia. Ficava, no quente da cama, pensando em Victor, e em como ele estava já do outro lado, provavelmente observando-me e pensava no tojo e nas carrascas estalando quando fazíamos fogueira lá em casa. Fumei mais um cigarro com agrado. Não estava mais sendo o autor prolífico de antes, talvez estivesse dizendo à minha mente que ela precisava de descanso, talvez ela estivesse descansando mesmo, quase automaticamente... Depois, pomos os pés no metro, em direcção à Espiral. O ambiente é quase morto, quase decadente, cheio de pessoas doentes que deambulam por ali perto. Vou para tomar uma refeição vegetariana, encher a mola, o arroz está peganhento, duas tipas comentam o facto de eu ter chamado „bife“ à carne vegetal denominada tofu. Enerva-me, apetecia-me responder-lhes, mas dirijo-me, calmo e distraído, ao meu lugar, onde sorvo a refeição, regada com uma cerveja. Venho para casa e vou até ao aeroporto, pelo fim da tarde, onde bebo um café. Já em casa, de novo, oiço as movimentações do tipo da frente, que no dia anterior, depois das onze,

foi buscar uma tipa não sei aonde para dormir com ele. Dois rapazes saem do seu apartamento quando regresso, só dizem boa tarde depois de eu dizer. Será que o tipo gosta de rapazes? Puxa!!!... Fica, assim, pensando nas coisas que me dizem, quanto mais alto e longe vamos mais isolados ficamos, é de crer que a estupidez é mais contagiante do que a sabedoria e não se faz manifesta para existir, mas por outro lado, exerce mais poder de difusão do que muitas mensagens parvas. Sim, estava retido na cama, pensando em tudo isto e mais nalguma coisa, atado, coarctado, com vontade de fazer inúmeras coisas mas talvez por não ter opinião de ninguém, que fui pedindo bastante, sentia que não valia a pena, simplesmente que a filosofia e certas pessoas não me mereciam. Por vezes pensava no efeito das drogas para fazermos certas coisa e do preço elevado que estava a pagar por ter trilhado um caminho próprio. Não havia volta a dar, nem meia nem inteira, tinha de continuar sózinho, eu mesmo, enfrentando os meus medos a fim de conseguir minhas vitórias.

# 27,

Realmente, talvez fosse o canto do cisne. Eu estava quase conseguindo financiamento para discutir a tese e sentia um certo prestígio social em torno da minha pessoa, o que me agradava, e continuava a produzir, tinha duzentas e oitenta páginas escritas à mão que significariam a defesa da tese e porventura o texto de pósdoc a que haveria de juntar um certa perspectiva sobre os adágios populares e conhecimentos astronómicos sob a forma de jornal. Mas tudo isto aumentava a minha solidão. Uma moça mandou-me umas mensagens, querendo falar comigo por sms. Mas eu, uma e outra vez, não tinha saldo. Estava numa grande maré de azar. Porém, pouco se comparava ao azar de certas pessoas com doenças físicas terminais ou doenças psíquicas graves...por isso eu conhecia um certo conforto e intimidade em mim mesmo... Depois, não sei bem porquê, tomei uma Quietiapina. Os efeitos começavam a fazer-se sentir e eu apressei a deitar-me. Tive a ligeira impressão de que, quando cheguei àquela casa, me queriam matar, não sei bem como nem porquê e que estavam quase conseguindo. Tudo dependia acima de tudo de mim... A minha experiência em Moscavide reflete de algum modo a ideia que as pessoas comuns têm da filosofia e das ciências sociais, reflete os académicos que temos, que no geral não discutem a teoria pela teoria mas o seu interesse face ao interesse. Tanto na anterior casa quanto por aqui, não fui recebido com olás ou olás, antes pelo contrário, com uma crítica e indiferença atroz, que quebra qualquer um. O problema, ou a ausência dele, é que eu só não quebro quanto me escapo sempre, ou seja, as críticas nos cafés, na rua, são constantes, eu não estou fazendo nenhum trabalho específico, apenas a tese e esta escrita, mas tudo isso parece perturbar bastante os habitantes deste bairro, como se eu tivesse de ser uma coisa e outra, como se não pudesse ser as duas e ser eu mesmo. O sentimento de solidão teórica é avassalador, por vezes julgo que a minha cabeça não vai parar de pensar e até considero que isto é bem pior do que ameaças

físicas, que já as tive... Não sou convidado para quase nada e isso dá a ideia da minha representação social, por aqui. Por outro lado, cheguei bastante longe e bastante gente me considera... Por vezes, a maioria das pessoas não quer ou não consegue perceber, estão imersas nas suas vidas, no quotidiano, que não conseguem alcançar quando vêm e ouvem um tipo completamente diferente de pessoa... Depois, fiquei saindo dessa situação desfavorável, não ter com quem falar e comecei a pensar de forma diferente, talvez condizente com a minha condição de estudante de altos estudos. Comecei a ser correto quando grande parte da gente alimentava inimizade e crítica sobre mim. Comecei a construir um caminho, uma atitude, totalmente diferente, não sabendo se queria mais viver com alguém, não sabendo mais se queria dar aulas e comprometer-me com alguma coisa. Fazia tudo sentido, eu tinha ido para o convento porque fiquei farto de toda essa vida social, desde cedo e isso me estava matando, sentia pontadas violentas na cabeça e, ao mesmo tempo, comecei a pensar diferente da maior parte, de modo único, ainda que sem resultados e analisando a mente do homem comum que só procura resultados... Depois, como se não aparecesse uma pura em Lisboa, para além de Lily, que já não viria tão cedo a Lisboa, comecei a entrar nesse registo obscuro, ridículo e suspeito de uma mulher por uma agência matrimonial... Eu podia não ter dito nada, podia não ter feito nada, em nome de qualquer coisa ou de autores datados, mas a diferença é que fiz....como outros, mas fiz...,.

# 28,

Por vezes apetecia-me desistir de tudo em Lisboa, ir para Riachos e deixar a minha solidão citadina, sobretudo porque havia certas pessoas que não entendiam uma linguagem franca e simples, estavam asorberbadas pela internet, peso visual, pelos memes. Havia mais de três meses que não tinha relação com alguma mulher e custava-me deitar só, havia pago um preço alto em fazer o doutoramento em Filosofia e ainda por cima sem dinheiro, andando a maior parte do tempo mal alimentado e tendo de dar certas e determinadas justificações a vária gente, ainda por cima sem apoio algum dos académicos, sem conselho algum, não sabia se estava com um pé na academia se com um pé na rua e, em certo sentido, sentia ter superado muitos autores, da literatura à Filosofia e ainda assim os meus escritos eram pouco conhecidos... A miúda da janela em frente estava com a luz acesa, agora que eu estava carente e a sofrer, mas não se atrevia a fazer um gesto para falar comigo, nem a do café, como que havia um indiferença geral e suspeita, os sujeitos era fontes de compunção egoísta e o capitalismo gerava, generava, tudo isto, pessoas egoístas que por vezes eram arbitrariamente generosas. Sortilégio do acaso... Depois, fiquei conformado sobre mim mesmo e convicto de que o andar de um lado para o outro poderia até ser uma forma de vida, ou seja, eu era mestre em analisar e interpretar os sinais dos tempos, isso me assustava até, por isso resolvi fazer disso modo de vida. Depois, mais adiante, percebi que a maior parte das pessoas e os jovens em especial, viviam numa espécie de desprezo pelo outro, sobretudo o mais velho e numa espécie de diarreia mental constante, com nada de constante e estruturado. Poucos pegavam num livro para ler e reflectir e quando não faziam amor, estavam conectados pelo seu iphone ou telemóvel, procurando coisas refundidas, não sei bem o quê nem quero saber. O mundo tornava-se num lugar mais frágil e perigoso, aproximavam-se os tempos apocalípticos onde se alternava entre o carinho imerecido, ou seja, para o qual

nunca se trabalhara, e a barbárie de toda a espécie do homem contra o homem. Como poderia um cientista social, um filósofo, um literato, fazer sentir, fazendo sentido, unir as coisas e os memes deste mundo? Não estaríamos, já, de certo modo, vivendo num outro mundo? Sim, claro que, como eu, todos queríamos a mulher certa, o corpo certo no amplexo, no momento certo e nas condições exatas (diria até, socialmente). Mas nem todos temos a chance de ter isso, muitos amigos de infância casaram para fazer ver o apenas pela simples necessidade de sexo e de se automizar, o homem é assim, não precisa de se deslumbrar para contentar uma mulher. Por isso andava por aí, de todas as raças, um montão de mulheres com filhos de cinco, seis anos, um, dois ou mais... Depois, eu não era burro ao ponto de pensar que, em todos estes anos em Lisboa, passando mal e fome atroz, me haveria de contentar com qualquer coisa, preferia ficar só a satisfazer certas tipas que viam esta orla como um parque de diversões para as suas intrigas de novela...

# 29,

Mais, eu ainda podia ser pai, mas não me alardeava disso, muitos fizeram isso para engodo com tipas e com menos conhecimento e habilidade social. Com menos escola!... Depois, estava numa embrulhada de fotocópias, as pontadas na cabeça nunca mais haviam parado, eu não conseguia estar quieto, estava sempre a escrever e creio que não seriam coisas óbvias, falsas ou tolas, estava a escrever bem, ponderava finalmente entregar na secretaria a minha proposta de tese, embora sem dinheiro, nem sequer para um exemplar dela. Tendo anexado a esta tese o essencial do *draft* de pósdoc e tendo escrito quase trezentas páginas à mão, em pé, deambulando de um lado para o outro, num bloco A5 estacionado junto à televisão, não sabia bem o que fazer, quando talvez quisesse apenas estar junto da minha mãe, por mais rabugenta que ela fosse para mim... De repente, as coisas começaram a correr bem, a secretaria da faculdade deu-me a oportunidade de entregar a tese em um exemplar, conheci uma mulher bastante atraente e o chorilho de lamentações e dificuldades pareceu ter fim. Até a minha mãe estava feliz por mim e o meu irmão, e suponho que também o meu pai, os pequenos, a minha irmã e o meu cunhado. Lisboa era uma cidade doce, por vezes ingrata e desamável, sendo que era preciso lidar com ela como se lida com uma mulher, às vezes carinhosamente e com jeitinho e outras com alguma energia de modo a o sangue poder bombear naturalmente. Não conseguia deixar de pensar nela, a felicidade havia-se instalado, instilado, na minha vida e na minha mente, que pouco importava que quase não tivesse seios, aera apenas um pormenor que o filósofo José Gil explicaria, fiquei pensando se teria filhos, ser era sequer casada, no dia seguinte, portanto, depois do meu sono, entregaria a tese para apreciação elogio a convidaria para almoçar comigo, senti nela uma interlocutora bastante receptiva e sagazmente curiosa... Quando ouvi Radio Gaga do quarto, percebi porque Lady Gaga fora buscar o nome, porque ninguém se importava, nem comigo nem consigo mesmos e havia

contudo um conjunto de coisas que me importavam, pensei nela e em mim mesmo deitado no leito da vida, da regeneração do Ser...A minha paciência estava acabando, ressentia-me na vida normal d e uma cidade de nada me deu, nem um amor, nem uma amizade, quando eu estava farto de dar e nem uma mulher se aproximava de mim e aí percebi que era o maior, o melhor, ainda assim teria de ir ao aeroporto com a possibilidade indigente de meter conversa com alguém, o espírito da América voltou, eu sorvia tabaco e desprezava tipos que papavam gajas a torto e a direito, quando tinha uma certa inveja disso e estava além, no pleno plano de um pós doutoramento. E, do meu lugar, dominava o mundo e todas as ciências, mas, ainda assim estava só, ainda que com presença e força física, talvez tivesse de ter alguma paciência e ser isto apenas uma etapa do rol de sofrimentos vários, ou seja, talvez tivesse apenas que continuar, ainda que correr sem vontade alguma levar a minha maquinação mais alé, como o meu irmão, para um campo onde niguém se havia travido a ir a confiava na prosa tanto quanto em mim mesmo.

# 30,

Eu não era o que se chama uma pessoa „resolvida“, talvez estivesse lutando para o ser, face à imagem da representação social, mas as merdas passavas em Montariol, quando via um par de freiras, estavam ainda na minha memória, por isso estava quase sempre a pensar na merda, no cú e nas cuecas e nunca me libertava, só raramente, após muito ou algum esforço. Mas não era sado nem masoquista nem ambas as coisas. Era apenas um tipo que acreditava na filosofia e um tipo macho carinhoso e racional, digamos assim, um tipo que se excita com a posse (psíquica e física) da mulher mas que também é duro e se aguenta quando ela parte, sem ser marinheiro ou legionário francês. Sim, talvez fosse apenas um folião ascético inveretado, como diria Artaud em „Le Moine“... Isto tinha o seu lado brilhante e genial, porque nessa altura eu estava cagando para pessoas pretensiosas e „head full of shit“. De certa maneira eu e outros estávamos endo americanos na canção mais americana da europa. Os problemas, sociais e psicológicos da América tinham a ver com uma certa *accuracy*, profundidade, das coisas, enquanto nós, no sul, éramos, a par dos americanos do sul, os mais americanos da europa, contando com os britânicos e noruegueses. Eles, os americanos, querem ser como os portugueses, que deram a globalização ao mundo. Nós, portugueses, europeus, queremos ser como os americanos porque é a grande nação do mundo e exemplo de generosidade e inteligência, para não falar do desporto e do cinema... Súbita ou progressivamente, não sabia ao certo, a minha mente e o meu coração ganharam novo alento, além do cansaço, da desilusão com as mulheres, além das críticas que me faziam, muitas delas vindas diretamente da minha família, sobretudo da minha irmã e do meu irmão, coisa que eu entendia, ganhei novo alento para terminar a defesa da tese, um texto que constituiria parte de uma tese de pósdoc que estendia e adiei até defender a tese, estava cansado mentalmente e cheio de feridas nos pés de andar pela cidade, de modo que resolvi preparar-me devidamente

para dar aulas, ainda tinha um mês até que fosse iniciado o processo de seleção. EM todo o caso, se corresse mal, tinha a literatura. Comprei dois litros de cerveja e um Rothman's e enfrasquei... Sentia que não podia estar mais sobre pressão, reconhecendo que havia muito mais gente com mais pressão do que eu, mas no dia em que percebi que podia forçar mais um pouco sem me sacrificar, alguém se interessaria por minha, quer fosse numa faculdade, quer fosse Treseia na Alameda, quer fosse a croata no átrio do Aeroporto...O motor estava a aquecer, lembrava os bons velhos tempos em que bebia cinco canecas numa noite, nesse dia tinha já bebido três litros, achava no álcool tanto uma consoloção quanto uma inspiração a partir da fonte da má qualidade das mulheres da minha cidade, que eu havia ultrapassado e que estava longe há muito tempo, falei com um casal de alemães no metro e ela, com olhos redondos e brilhantes, talvez me tenha desejado e eu, talvez tivesse comigo a croata, se tivesse tido mais jeito, sim, o trabalho é todo do homem, é mesmo assim que elas gostam, quando alguma coisa corre mal, a culpa é do homem e do seu pretenso, protensa falta de empenho...

# 31,

Pelos meus ódios à academia do ISCTE, não valia a pena chorar, por vários, pelo Miguel, pelo João, pela Rita, pela Catarina ou até o Luís, ous eja, eu não os poderia mais representar, a filosofia era uma seca, tinha falta de energia para fazer trabalho de campo no Quénia, na Guatemala, na Índia ou em Timor, com David Hicks, talvez não merecesse mais frequentar a antropologia, ainda que a respirasse e fosse o meu encargo, ou seja, conseguir uniões simbólicas entre pessoas, coisas e ideias e não estar povoado mentalmente no reino das ideias, ou seja, o homem das ligações, com algum interesse, obviamente. Depois, mais adiante no caminho, percebi uma lição importante: os meus velhotes sentia-se felizes naquela aldeia de Riachos, o meu pai e a minha mãe, ainda que a minha irmã estivesse assolapada com a violência doméstica que era o seu trabalho, percebi que, de certa maneira, não precisava de grande status, empregos, negócios, grandes damas, para demonstrar e fazer felizes os meus pais, sentia que eles sentiam que eu estava realizando qualquer coisa de importante para eles e nossos semelhantes, de má ou boa vontade, não importa, porque o Bem e o Mal se ajustam conforme o tempo e a sucedaneidade das coisa. Então, peguei no Treatise de Hume e comecei a sorver. Toda a literatura, menos a kafkiana, vive do deslocamento do corpo e da vontade, como se o espírito indagasse e a alma se precorresse além do espaço da habitação, da habitação, como se a antropologia fosse a maior das ciências sem que ninguém a declarasse enquanto tal, inclusivé os jornalistas, porque a respeitavam, como à terra de onde eram... Em todos estes anos, nunca ouvi um incentivo espontâneo e ouvi sim um incentivo forçado de Danny para que prosseguisse a minha tese, isto é verdadeiramente estranho...agora eue stou a trabalhar em favor dos que cá estão, a espalhar ideias positivas e negativas e não ganho nada com isso? Que quero eu com isso? Talvez apenas um emprego como professor, sendo que isso não me fascina particularmente, ou seja, nem de uma

mulher tenho incentivo, no fundo são todos os que cá estão uns sopapos de pingomel, uns chico-espertos, quando isso...não leva a nada. Depois, percebi que, neste país, primitivo, apesar das Descobertas, eu estava puxando e todos, mas todos, estavam numa espécie de violento sono dogmático, estranhei não vir nenhuma mulher ter comigo e interpretei isso como indício de má-vontade contra mim. Nunca como naquele instante desejei tanto a América, quando estava só e precisado não me ajudaram, pelo qu então estava mais para alimentar a morte, ou seja, dar vida a quem não me dava vida...

# 32,

Havia um forte sentimento de frustração no meu íntimo. Aparentemente, todos gostava do que eu fazia, o ser antropólogo, ter uma vasta obra publicada, ter ou deter duas teses. Mas isso parecia não chegar, não tinha a cereja no topo do bolo, ou seja, uma mulher com quem me pudesse enfronhar. Naquele dia, já havia ido ao aeroporto, à Baixa, ao Oriente ainda não, mas continuava sózinho e a efectivação do meio social parecia ir de encontro a uma falta de profissão, de local de trabalho. Tudo parecia ser muito difícil, forçado, até, quando os turistas nada dizia, ficavam admirados com alguma coisa que eu era ou parecia, mas simplesmente não podiam ajudar, porque estavam imersos nos seus próprios problemas. A vontade de ir à América persistia e até se aumentava ao mesmo tempo que, o meu velhote, nada dizendo, proporcionava isso... Afinal de contas, eu estava ainda tirando notas, ao desbarato, sendo genial dentro de uma imensa genialidade, indo além dos artigos científicos e da literatura que dizia muito em poucas palavras. Eu estava há três meses sem ter mulher comigo e não acreditava que isso acontecesse de um dia para o outro. Nesse Domingo, não havia lugar para genialidades literárias, apenas uma ida desalentada ao Oriente ou ao aeroporto, eis um dos maiores filósofos tolerando tudo e mais alguma coisa, sem grandes amigos em Lisboa, mas no entanto mantendo-se aí em termos de ideais, deixando para os locais a foda a droga e tudo o mais que empobrece o espírito. Depois, no final do dia, percebi que a maior parte das mulheres gosta de ter um santo, mas no que respeita à cama gostam de um safado. Sim, não conseguia encontrar ninguém, entre a Baixa, o Aeroporto e a Estação do Oriente, embora tentasse, estava predisposto, até bebia uns copos, mas parecia que nada acontecia, de modo que resolvi avançar com este livro, ainda que não tendo nada de monta publicado, quero dizer, bastantes coisas, online, mas não ao ponto de ser publicamente conhecido, ou seja, o facto de estar fazendo filosofia funcionava a meu desfavor na literatura, nãoi

ia a sério nem a uma nem a outro, ou seja, não era um pleno especulador nem um literato que se solta no ar, pelo ar, mas creio que isso até ia de encontro à ideia de ciência, que eu de uma maneira ou de outra, fazia. Ia descobrindo uns certos princípios no comportamento das pessoas e avançava já para os domínios de uma original psicologia social do quotidiano. Mas estava cansado e o meu coração começava a ceder, ainda que estivesse relativamente feliz no que fazia, esperando por vir a dar aulas, continuar as investigações, delinear o texto do pósdoc, depois de discutir a tese de doutoramento e depois de conseguir um orientador e dinheiro para tal, mas não estava muito convicto, nem tinha de estar, pois sentia-me só, desencantado e abandonado, mas continuaria qualquer coisa, de qualquer maneira, ainda que sem apoio financeiro senão o dinheiro que a minha irmã me dava e agora o meu irmão, quinze euros por dia, para continuar pelo menos subsistindo em Lisboa, isso para mim já era animador e me dava a oportunidade de conversar várias no quotidiano, entre os conterrâneos e os turistas, que me levavam a estados de espírito os mais diversos e me permitiam tirar certas conclusões...até encontra Rita e ainda continuando a falar com Lily... Não quero parecer profético, mas Lisboa cresceu, os seus habitantes apenas distraidamente se podem embrenhar nos meus pensamentos mais ou menos filosóficos. Porque eu estava ainda perdido em Lisboa, dentro de dois séculos haveria de novo um terramoto e maremoto decerto, porque Lisboa estava sendo, em todo o seu esplendor, provavelmente a capital do mundo. Não digo isto por razão nenhuma em especial, apenas pelo sentir das pessoas, que se admiravam neste ponto de passagem, calmo, seguro, lânguido, fértil. Finalmente, felizmente, eu andava à toa como tantos outros... Depois, serei eu o autor que vocês irão estudar nas vossas teses de doutoramento e que mais, em literatura (sempre balôfa) e mesmo em filosofia (ainda mais balôfa e peidorrenta).

# 33,

O americano nem sequer é fodido, é todo um toino de hormonas, obcecado com uma exatidão qualquer de uma coisa que nem sequer percebe, porque não consegue ter paz como io francês, não descansa nunca, está sempre à procura quando já conseguiu mais do que os outros, porque todos os outros vêm filmes para perceber a sua mente. Entretanto, o homem que não fode há três meses, é aquele que leva a coisa certa, pois podia estar na América e não está por falta de financiamento e nem sequer se preocupa em ter razão, coisa que vocês todos perseguem...ter razão, ter dinheiro, escape, férias e razão, no mais ínfimo do vosso ser e talvez deixem sózinho um homem simplesmente válido. Não tinha a certeza se estava escrevendo um livro, eu sentia-me grandemente injustiçado academicamente, mas tudo bem, ainda não me tinha retirado a hipótese de discutir a tese, em breve sobreviveria no dia seis seguinte do mês, quando recebesse e ainda que isso pouco ou nada dizia para muita gente, a maioria da população iletrada, muito dizia para mim, embora cada vez menos, estava quase destinado a uma carreira, ainda que brilhante, enquanto escritor e a hipótese de dar aulas numa universidade, em âmbito de filosofia, esbatia contra a minha solidão, De que serviria a filosofia a este mundo, poder-se-ia perguntar? Mas eu tinha outras armas, sinto que havia suplantando todos os professores do ISCTE, todos da FCSH e de longe todos da Clássica, para não falar da malograda Católica. Entendia a falta de atenção como uma devida atenção pelo respeito, talvez tivesse feito mais, em certo sentido, do que alguma vez imaginara fazer. Contudo, lá teria de retornar a casa, aturar os mesmos parolos de sempre, dar satisfação aos meus, como numa história que nunca mais acaba, muito mais do que americana...Eu praticamente acabo por fazer sem dinheiro algum algo que muita gente não consegue fazer com milhões. Andam todos em torno do interesse público quando só lhes interessa o interesse privado e quando vêm uma pessoa fraca, abusam...

# 34,

Nesse tempo, eu deixara de estar dependente da minha irmã economicamente, para estar dependente do meu irmão, sobre pretexto de apresentar alguns resultados, um produto, algo visível a partir da minha vivência em Lisboa, ou seja, uma tese e vários escritos e fazia-se realidade a fonte de alucinações que tivera no aeroporto Charles de Gaulle, vendo o meu irmão despachado a despachar mercadoria, isto era uma batalha entre real e onírico, muito mais importante do que a teoria económica ou cinematográfica, isto é literatura e ciência, como, não é cinema, por mais que acredites que o cinema é ciência, para mim apenas será arte e a arte é só arte, não é nada de demonstrativo acerca da condição humana, nada tem de ético e altruísta, Depois, descobri, que, no ponto em que estava, os meus antigos professores de antropologia e actuais de filosofia, não passavam de intrujões, percebi que uma senhora que nem sequer era de humanísticos ou sociais, no ensino secundários, estava dando aulas na Universidade de Coimbra, como outros que nem sequer em convento algum haviam estado, sim, percebi que estava sendo enterrado vivo, pela injustiça que me acometia, quando apenas me importava o registo da tese e o lugar de professor, para continuar o caminho, além de todos esses bebés e crianças... Percebi que este país era triste sobretudo pelas injustiças que nele se permitiam e em parte devido ao zé-ninguém que as permitia, que preferia foder a vizinha a dizer alguma verdade válida para a posteridade. Isto dava mau exemplo aos miúdos e gerava neles um sentimento de que podiam fazer tudo dentro de uns certos limites de bafarice e atrasamento mental e civilizacional. País do caralho, onde nada acontece, e tudo acontece, nada acontece de bom e tudo acontece de mau, é preciso gajos como eu para puxar isto pra cima, ninguém tudo pelos seus direitos, afinal, passaram quatro meses e as pessoas continuam obcecadas com os direitos fundamentais e as coisas de interesse, entulhados com leis e que, no fundo, não sabem viver.... No fim de contas,

talvez apenas me achassem patético, entre o francês, o espanhol e o português, talvez fosse como toda a gente, num país quase tropical desajando uma dama, não vendo concerto em lado algum, quando uma espécie de cientificidade não me levava a lado algum, a academia alguma ou protuberância mediática, talvez porque apenas fosse como os outros, talvez estivesse apenas fugindo do fascínio da mulher francesa, que me chegava e feria no coração a fundo...

# 35,

Depois, ao fim da noite, ainda que tivesse quase passado o meu tempo e andasse ainda atrás das miúdas, elas não queriam saber de mim e interrogava-me sobre a razão disso, numa cidade ao mesmo tempo cosmopolita e provinciana. Talvez estivesse demasiado só, mas sentia um sentimento de vitória cada vez que me acercava da cama, cada vez que chegava a casa ao fim da tarde, embora desse nesses tempos quase todas as minhas voltas e conseguia entender-me perfeitamente e à minha falta de sorte a respeito das mulheres e talvez isso tivesse a ver não somente com a falta de emprego quanto ao excesso de pensamento. E, pensava, quando isto tudo acabar, isto da tese, não sabia o que faria, descansando de qualquer forma, nem sequer sabia se valia a pena ir aos EUA.

Uma nova forma de narrativa, um pouco de poesia, uma serial seriedade face ao passado eflúveo, um pinto na escapatória, uma rima na boca de uma criança. Nunca podem as coisas estar muito bem por muito tempo. Ainda penso que, face à desordem louca da sociedade, onde não se encontram mais leis, pelo menos a ajuizar pela TV, a única solução é a filosofia, porque não procura interesse algum. Estava entre pensar argumentos literários e não pensar, dizer o que me bem me apetecesse, não que sem isso as coisas e as ideias encadeadas não tivessem lógica. Julgo que todos procuramos uma visão integradora da vida, a religião é nesse aspecto o maior recurso, porque responde às inquietações. Onde está então a fronteira entre filosofia e religião? Não filosofia da religião? O que é certo é que a interrogação alimenta o homem e ele alimenta-se disso como da terra, da agricultura, das casas. De modo que estava fazendo certas coisa estúpidas, lendo, bebia muito menos e o cansaço dos últimos dias desaparecera. Assim, a vida era o objecto de estudo da filosofia. Ela era, em certo sentido, uma bio-logia. O carro do Sr. Ruas estava na rua da casa. Limpei um pouco do sapato sujo do meu pai, lembrei-me da mãe do Castelo, senti a presença do

espírito do meu pai e da minha mãe dormindo, seus corpos repousando no leito, fumei um cigarro e senti-me feliz, apesar de não ter certas coisas que os outros têm, na sua maior parte, coisas importantes socialmente, senti-me feliz. Muitas vezes sentimo-nos felizes por conquistar certas e determinadas coisas, outras contentamo-nos com aquelas que temos, nem compramos roupa nova, sapatos e meias novos, contentamo-nos com o que temos e somos eternamente gratos por isso. Na eternidade do mundo, de que Deus faz ou não faz parte. O meu velhote dizia, no final da refeição, "Tudo é preciso" e eu entendi isso como que uma aprovação da minha filosofia. Isso fez-me sentir extremamente feliz e grato.

Não sou muito de fazer queixinhas e patentear queixumes, quer online quer nos meus escritos, pois tenho sempre outros motivos para escrever, entretanto fui ao sótão procurar dois livros de Filosofia do ensino secundário. Ao meu velhote fazia-lhe confusão ver alguém parado, nem sei porque é que tolerava os compadres do Alentejo, tinham ido ao terreno buscar lenha e preparar as batatas, já estava com saudades de Lisboa, de ir ao Martim Moniz a ver os chineses e mónhés. Lembrava-me do meu tio, que trazia livros do Feijó quando era pequenito, romances de marear e outras coisas de ler, esperava ansiosamente pelo carteiro, pelas dez horas, a trazer também jornais católicos, pajelas e outros escritos cristãos, ia pedindo dinheiro ao meu pai, enquanto fazia a coleção do Homem Aranha e da Abelha Maia, enquanto já desenhava uma história de Riachos aos doze anos na minha Mesa. Optei por ficar mais um dia ali, mesmo que tivesse lancinantes pontadas na cabeça, de um lado e do outro, por dentro, obviamente, havia fumado só três cigarros e estávamos a meio do dia, teria de ir lá acima ver alguém, nem que fosse a escultural Helena... Em tudo isto, como noutras coisas, a centralidade é o lugar do papel da mulher. O conflito entre ocidente e islão reside essencialmente nisso, numa diferente visão do papel da mulher na sociedade e na intimidade, na esfera pública e no espaço doméstico privado. Isto pode ver-se na arquitectura e na gastronomia, para não ir mais longe...

# 35,

Depois, olhando para Brígida, objecto de muitas fantasias, sentia-me orgulhoso por conhecê-la, ela a quem tinha confiado dois livros meus e que tinha em mãos um miúdo para educar. Eu estava em Riachos e não tinha vontade alguma de ir para Lisboa, mesmo sabendo que tinha uma tese para entregar na secretaria da faculdade. Eu tentava fazer as coisas bem e ainda por cima me achavam um chato, que se lixe, ao menos era feliz nessa exactidão. Em certo sentido, acho que estão a gozar comigo, tudo isto que se tem passado e que aqui não conto é uma ilusão, porque se não fosse alguém se aproximava de mim com interesse... No fundo, as pessoas apenas querem carinho, poder voltar a ser crianças, que a idade adulta não é para todos, porque quando estamos zangados um certo período de tempo, antagonizamos todos e mais alguns. Os poucos homens que se contam são essencialmente aqueles que sabem dialogar, tratar bem uma mulher e nem todos os que casam o são. Pobres humanos! Tão desesperados, tão ardentes, tão sedentos de alguma coisa, cumplicidades que nunca mais acabam, coisas que nem quero saber, como dizia alguém na TV, perdemos a confiança uns nos outros, porque somos um povo que gosta de submissão, de sofrer, de ter um Salazar em cada esquina para nos cobrir os pecados... Esta é uma história de persistência, não só de mim, mas de todos os que viveram comigo, que tiveram o prazer e a dor de estar comigo, ainda que ora me rebaixando ora me enaltecendo, porque deixei de acreditar no amor no dia em que perdi Susana, porque eu queria e esquivei-me, porque tinha um curso a fazer e a deixei cair nos braços de outro. Não preciso de continuar a escrever este livro, mas nem sequer dou muito valor a amores que se foram, disse há dias a alguém que quando elas não aparecem, não se encostam, não se roçam, não vale a pena, não vale a pena insistir e toda a procura é vã e denecessária. Enfim, tenho um pai e uma mãe que não dão nada por mim, Lilly tinha

razão, quanto mais se faz pior é, há certas coisas genéticas que nunca mudam, o filho mais velho é respeitado e adorado, a mais nova, porque é mulher, é sempre solicitada, o do meio é ostracizado, por mais esforço que faça, quando é aquele que verdadeiramente representa todos no âmbito social, o maior génio que eles sempre sentem prazer em denegar. Fui até ao café a ver se via Sofala, mas nada, ela não estava lá, pedi uma imperial e estava outra miúda que não sei o nome, lá estava Conti, o vizinho jovem que fala pouco comigo, a cuja mulher emprestei um livro meu e que levou uma eternidade a lê-lo, nem sei se o leu todo, mas ele terá pensado que eu estava interessado por ela, que sou um peso morto, eu não via mal nenhum nestas coisas, mas por vezes começo a ver mal, ou seja, a ver sentido em tudo e mais alguma coisa, acho que o país está transformado num palco de putaria, quando a única santa é a minha mãe, que apenas quer saber das coisas do mundo das coisas da minha irmã e o gajo fala pouco, como o meu cunhado, tristes, estes gajos que falam pouco, mas, de resto, o meu pai é assim, talvez sejam todos telemáticos, cinegéticos ou telepáticos, não percebo, ou talvez apenas não gostem de mim e não queiram falar comigo, embora falem de mim, entendes? Porque eu, nos meus quase cinquenta anos, ainda sou uma criança e percebo perfeitamente, exatamente, o que se passa com as pessoas. Pensar que está numa casa dele, é claro, que o pai pagou, que nunca trabalhou nem estudou grande coisa, dá-me não inveja, mas raiva, mas enfim, não posso dizer nada, porque, como nos vizinhos de cima, a casa está vendida, o mal está feito e na verdade o meu pai nada me disse a propósito de nada, talvez tenha dito mais à minha mãe, como é certo, ao meu irmão e ao meu cunhado que, agora, é achado e tido em tudo e mais alguma coisa, inclusivé vai dormir na minha cama com a minha irmã, vem a casa e sob o meu nariz faz uma sandes de presunto, farto-me de falar, de dispôr e ela nada fala, nada diz, leva a garota e apenas diz até amanhã, o básico. No fundo, era um ser intimamente ao mesmo tempo bom e mau, os meus sentimentos confundiam-se de um lado para o outro, como o sol e a lua e lembrava-me do meu ido amigo Victor que se ria imensamente quando lhe falava em cenas sexuais e em figuras como o Dolmancé de Sade, depois lembrava-me que não podia chatear o meu cunhado, lembrando-se do Alfredo Jerónimo, tipo que era treinador de futebol e que tinha

andado conosco na secundária em Palumbar... O meu pai acabou por adormecer, enquanto falava com a minha mãe e dizia mal dele, coitado, nunca lhe quis mal, em certas alturas cheguei a odiá-lo, mas sempre o admirei, não lhe quero mal, eu ao menos falo abertamente destas coisas nos meus livros, sujeito a levar críticas de quem menos importa, mas prefiro assim, de peito aberto, mais vale assim. Depois, nessa noite, não queria mais sucumbir à minha literatura, queria muito ter uma relação, física e emocional, mas não sei bem porquê, nada acontecia. Talvez nunca acontecesse, essa era a dura realidade. Fiquei pensando na "piçada" que dei ao Aníbal e ao Mário, no facebook, um tinha feito um acordo a propósito da independência da Lituânia, outro havia feito terreno lá, em jovem. Eu pergunto, se os Filandeses não gostam de nós, incluindo o tipo do resgate, o Rufus, havemos nós de gostar deles? Isto a propósito de um avião português que andou a sobrevoar aquela área e que foi detectado. O que haverá na Finlândia especial a não ser qualidade de vida? É o que me pergunto. A minha sugestão tésica do retorno ao corpo enquanto sentido era certamente eivada de alguma lógica (societal) e de pertinência académica, eu sabia disso, o êxito poderia ser retumbante e eu mesmo poderia nem sequer dar conta do seu alcance. Mas bom, para mim era apenas uma tese, um livro, na sequência da primeira Antropologia Filosófica de um português, um ponto de partida para mais e diversas interpretações e derivações argumentativas. O meu irmão tinha-me posto dez euros, apetecia-me um pouco estar em Lisboa, não tinha carro, sabia que elas andava de roda sentido o meu odor a macho potente, desde Riachos talvez para alguma latitude bastante considerável, a sul e a norte, incluindo o Algar. O tempo estava ameno, o velhote andava entretido nas suas coisas, eu nem o queeria perturbar, a velhota também, calçando o jardim com pedra quadrada, parecida com a da calçada, sentia-me feliz, ainda que com uma pontada do lado esquerdo do crânio... Talvez a história da filosofia seja feita por homossexuais não assumidos e peidorrentos e fufas também, mas não é por isso que deixa de ter sentido, o pensamento dos fundilhos está associado a toda essa derivação secular. É uma forma pouco polida de pôr as coisas, reconheço, mas não é por causa deste meu *statement* que, nomeadamente os jovens, deixarão de estudar filosofia, sociologia e antropologia.

# 36,

Finalmente, encontrei uma palavra para definir estes tempos que todos estamos passando, aqui deste lado da península Ibérica: aspereza. As pessoas tornam-se duras e insatisfeitas, os personagens dos livros, dos filmes, refletem esse carácter duro e seco destes tempos. Até as notas fazem aspereza nas nossas mãos, como que voam dos dedos fora, durando pouco tempo entre eles. Aspereza das relações também, remetidas à essencialidade de uma relação ou outra mais ou menos curta, a propósito de alguns apotegmas, mais ou menos eruditos, mais ou menos populares. Este era um romance difícil, como um parto difícil, mas eu continuava, entendendo certas coisas, falando com diversas pessoas, algum sentido social fariam estas ideias e eu que era bom a dar ideias, mesmo sentido certas pontadas nas fontes, estava fumando bastante menos, talvez metade, os corvos ecoavam seus granidos mesmo em pleno meio do dia. A saturação havia desaparecido, eu sentia-me mais solto, mais relaxado, mais criativo e, por falar nisso, até percebia porque a amizade com Danny não ia grande coisa, ele de resto não me solicitava para quase nada, um trabalho em Palumbar (para fazer o quê?), ser curador do quê? Ele nunca investira grande coisa na nossa amizade ou talvez tivesse outra forma de considerar a amizade, eu ainda lhe estava um pouco ressentido, tanto pelo comportamento (ausência?) e coisas que foi dizendo ao longo do tempo. Eu também disse, também pensei e poderia um grau de doutorado aplacar algum sentido de desequilíbrio entre nós. Afinal, o José Gil sempre fez aquilo, não andou aos ziguezagues e o Miguel Araújo Pereira apenas diz o que lhe querem ouvir. Sim, este cansaço mental, estas dores, só podiam ser resultado de uma doença do mundo em mim, uma espécie de Mal de Montano (Montaigne), um estranhamento e entranhamento do mundo, em todos os sentidos filosófico, literário, e num certo aspeto plenamente sartriano. A memória vasta e ténue de estar viajando atormenta-

me, procuro que a minha vida reflita um pouco a minha obra em termos de exemplo, mas não é fácil, canso-me dos sítios, estes dois sítios nos quais vivo desde há tempo, mas não me posso queixar. Vejo um documentário sobre Londres e Nova Iorque, a antiga Nova Amsterdão e lembro-me dos tempos da Portela, em que fumava Peter Stuyvesant... De resto, tenho uma atracção irreprimível por mulheres bonitas, especialmente o rosto, o que em grande parte explica não ter escolhido viver em Paris, transformar-me-ia a breve trecho numa estátua grega devido à paralisção...depois, o corpo, o corpo onde envolvemos o nosso e ainda o rosto, como se nos concentrasse a atenção, como um pormenor de um quadro cubista ou expressionista, não é o mais importante, o rosto como tormento, como insígnia, como imagem, como entidade e identidade. Depois, andou reunindo umas expressões para um certo estudo sobre a felicidade, quer venha ou não a dar aulas, um estudo sobre a relação entre teoria e prática no saber ocidental, que já tem o título provisório de "O Oráculo de Gutenberg". Depois, percebi que não podia ter alguma coisa (a ver com) Brígida, tanto porque fosse *demasiado próximo* como porque funcionávamos em registos diferentes. Asseverei naquela tarde que podíamos ser grandes amigos... E o que salva o homem da loucura senão o próprio pensamento? Assim, empreendi uma leitura cuidada da *Crítica da Razão Prática* e de uns trechos da obra de Séneca, a que podia juntar um pouco de Clifford Geertz e Pierre Bourdieu. Enquanto muitos dos meus colegas estavam já envolvidos em cinema e na relação entre dança e filosofia, eu continuava entretido com as minhas coisas. Mas bom...eram as minhas coisas...

# 37,

Juliana, mulher de Manu, estava com ele em África, não a havia visto no facebook fazia mais de uma semana, o que me parecia grande tempo, pois costumava estar sempre a par com ela. Ter-se-ia zangado por não lhe pagar quinhentos euros que me emprestara? O certo é que Manu estava apertado de dinheiro, como eu, sempre eu apertado de dinheiro, o dinheiro que me impedia e ao mesmo tempo permitia viajar, enquanto os seus pais estava lá em cima, no Tojo, irredutíveis, ele e ele, como os meus, sem pôr o filho a par de coisa nenhuma, talvez pensando que viveriam para sempre. Mas bom, estas coisas também nos iriam acontecer e lembrava-me que eu era como o Víctor, sim, outro Víctor, um amigo de pequeno, que se extasiava sobre o mundo ao ponto de ser absolutamente relativo e relativamente consentâneo. Como eu, cheio de teoria, filosófica e antropológica e ainda sem um trabalho, com muitos cursos feitos, daqui e dali, sobre isto e sobre aquilo e coisa essa não atraía decerto grandes mulheres, que preferiam um carro voador topo de gama ou um professorado para explicações mais ou menos eróticas e consentâneas. Fosgase...

# 38,

Depois, a exuberância, nomeadamente dos jovens, mesmo em termos sexuais, tinha muito a ver com um estereótipo, decerto, mas que não é norma na nossa sociedade, já o foi mais e talvez o nacionalismo ou movimentos de extrema-direita dos países nórdicos, terá a ver com o ressurgimento de uma certa forma de masculinidade, comum no sul e/ou pela convivência com populações africanas, onde o papel do homem é, doméstica e socialmente, mais marcado. Não é apenas uma questão de tamanho, no que se refere ao homem, mas talvez e creio mesmo que o será, de conteúdo, espírito e mentalidade. Ou seja, num mundo globalizado, a cultura, a herança ancestral ao mesmo tempo está e não está, mas é notório apontar como em contextos cosmopolitas (Paris, Nova Iorque, Londres e até Lisboa), constitui uma forma de afirmação (expressionista, simbólica) do grupo, do bairro (Chelas, por exemplo, onde há também muitos brancos) e do sujeito... Assim, a recente situação do Brasil enquanto "laboratório de ideias" está a par do seu desenvolvimento educacional e em termos de investigação, o que nos conduz à ideia de "parque humano" de Sloterdijk... Portanto, poderíamos, em certo sentido, dizer que o racismo não existe na mente do antropólogo (decerto não existirá na do filósofo, por norma) mas existe na mente do racista, claro, num ou noutro tempo, a considerar com filmes mais ou menos fortes como "América Proibida", "A Cor Púrpura" ou a série "Terna é a Noite" ou a série "Raízes", onde o africano é retratado em seu espírito como um povo de pendor animista, em adaptação, talvez em movimento de sul para norte, em certo sentido, enquanto o "branco" ou o "amarelo" vagueiam em viagem pelo globo, ancorados num ou noutro nicho de sobrevivência ou comércio... Não me cansei nesses dias de lembrar o meu amigo ido, nos termos das brincadeiras que tínhamos os dois, companheiros inseparáveis (com Danny era uma

amizade mais intelectual, ainda que com alguma competição à distância, telepaticamente, posso dizer), quando eu lhe falava nas minhas aventuras sexuais, mais ou menos à margem, dos meus romances e posições mais ou menos estéticas ou espectaculares (especulares também) e ele ria-se a bandeiras despregadas enquanto jogávamos a uma partida de *snooker*... Pensar que estive no cemitério onde seu corpo repousa, com Danny, é para mim uma forma de levar a vida de uma melhor maneira que tenho levado, ainda que isso me custe dores, porque afinal também reconheço em mim um certo sentido agudo de civilidade e da norma social, do lugar que ocupo, coisa que talvez Danny sempre terá tido, por ser mais balanceado do que eu, que sempre oscilei entre extremos. De modo que vivíamos nesses tempos de plena democracia de esquerda, uma esquerda que teimava em não reconhecer à minha pessoa grande coisa, mas entendo isso, porque afinal, também tinha amigos na direita, talvez fossem até mais, os plenos tempos em que líamos a realidade pela TV e em que eu continuava sem dama, pelo menos presencialmente, ainda que Lilly houvesse voltado para mim e alimentássemos uma vaga ideia de vir a acabar juntos, tempos em que a realidade era bastante aterradora para quem tivesse ou não cuidado e racionalidade, mesmo em termos de comportamento sexual, esse era licencioso, para facilmente se podia escorregar para o crime, ou seja, havia que ter bastante cuidado com as relações, num contexto em que havia poucos homens realmente interessantes de letras, das novas letras, que combinam ciências sociais, literatura e filosofia, au-delá dos estudos do ISCTE, do IF, dos Comparatistas ou da Católica, que havia já criado faculdades de ciências sociais e humanas, tal como o ISCTE o havia feito antes, desdobrando-se as instituições em inúmeros centros de investigações, faculdades, enfim, proliferavam as universidades e os politécnicos, até em Leiria já havia doutoramentos em Ciências Sociais e Interculturalidade. Eu continuava sem dar aulas, mas acreditava que a breve trecho podia fazer uma perninha durante alguns anos, ainda que a ideia da América em geral e de Nova Iorque em particular não abandonasse o meu espírito totalmente, pois ainda tinha forças para tal, nem que fosse "apenas" para um fim de semana, meu sobrinho já lá fora três vezes, o homem tinha pedalada como era apanágio do seu pai. Então, eu era um pouco um psicólogo

de massas, em certo sentido, um avôzinho, como me diziam, um filantropo teso (tese) sempre torcendo para que corresse bem aos outros para, de certa maneira, vir a correr também bem para mim mesmo. Depois, vi que tinha dois potes de açúcar na cozinha da Casa do Jardim e que não havia por lá formigas ao redor. Um sinal de fortuna e sorte? Talvez...a terra estava prenhe de qualquer coisa de imenso, incomensurável e eu gostava do meu teclado preto... Em tudo isto, concluo que aquele que não sabe é o que reina mais, e aquele que sabe também pode reinar (no sentido pejorativo), sabendo que sabe ou que não sabe (nada). Calinas teve o seu reinado, Danny seguia-o e eu dava-lhe espaço, embora ele não tivesse grande jeito e fosse mais coisa de garganta, aliás, talvez ainda não tivesse saído do armário, mas eu dava-lhe espaço, por vezes, até, evitava-o, porque o meu mar, a minha praia, era um pouco mais a sul, onde se consideram os mais inimagináveis inponderáveis... Em tudo isto, como noutras coisas, eu não contara, desde cedo, ou até partira bastante atrasado, mas estava bem à frente em relação a muitos, nos mais diversos capítulos e decidi guardar um pouco a minha prosa, por uns tempos, uns meses, porque ora não vendia, ora era troçado, mas não queria ficar como Vieri, atracado a instituições, porque já as tivera bem cedo, em pequeno e isso criava em mim hesitações mesmo quanto a dar aulas, porque afinal era mais livre e feliz por rios e regatos, por caminhos e vinhedos, de Riachos e estradas, pequenas ou largas e passeios, de Lisboa. Os passarinhos, que estavam presentes tanto em Lisboa quanto ali, não agradavam a Danny, por isso não lhe apareciam aos ouvidos... Sim, mais uma noite em branco, apenas ocupando um lado do leito, o esquerdo de quem está olhando para ela, Heitor não se consegue conter e seus pensamentos são cada vez mais densos, mais violentos, quer por intrínseca volição da sua alma quer porque a sociedade estava ela própria mais violenta, equaciona então suicidar-se. Mesmo que tenha resolvido o enigma filosófico de tal fenómeno, social e existencial, a solução é criar um labirinto cada vez maior na sua mente, nos mesmos lugares que ocupa esse círculo se adensa e aperta, cada vez mais e de modo cada vez mais violento, a solução para tal enigma reside na existência fática do Outro, nomeadamente do outro-criança, mas...dois anos depois, acaba numa instituição psiquiátrica e acaba por se enforcar numa sala escura, onde se

encontra papoel A4 e um lápis, uma borracha, um viés de luz para o pátio semi-iluminado que dá para a rua. Seu corpo é engavetado e apodrece entre ácaros, embrulhado num pano ocre e violeta, encorpado pela vontade do tempo e da noção de que uma existência se reduz a qualquer coisa que se rende ao mundo e se desenha para além de si mesma na contingência e volatildiade da absorção de certas ideias e de que a biografia pode dar muitas e bastantes voltas, sendo que não se consegue descortinar certamente qual a boa vida, a vida boa, a certeza e o propósito (*purpose*) do risco que é viver sem sentir amor, amar e não poder amar, sentir e pressentir uma desigualdade abstrata violentada pelo instante de uma pequena percepção. Conclusão: na filosofia, tudo o que não fora lógica, era prosa, pura prosa (quase poética), apotegma, ilação fervente a partir da terra ardente e mesmo emanção de um céu de nuvens desordenadas, desonestas ou até mesmo metafísica, ou seja, pura especulação em torno do Todo-Tudo do Nada, do orifício pelo qual se soprasse, fosse uma flauta fosse um tubo quente de fabrico de vidro da Marinha-Grande. Sim, talvez não tivesse inventado ciência ou disciplina do saber alguma, como seria seu propósito desde adolescente, talvez estivesse apenas fazendo filantropia, encontro de dois saber, uma ponte umas vezes, um vão por onde se passava abixado outras, um corredor que se percorre deitando algum fumo nos pés alados, um furo num bombo ou no pano de um pára-quedas, ou seja, o encontro de um com o Outro, o propósito de um arma, de um silvo, o amplexo, a faísca de dois seres no batimento de um só propenso deambular sonâmbulo em pleno sol do deserto das quantidades de sede inatas e infinitamente prenhes de qualquer coisa ( de trágico e cômico) que se adiou por séculos no ventre (de uma mulher, da terra?) do que a física diz ser apenas um evento fatural, sem sentimento, mecânico, apenas maquinal, industrial, fonográfico, com roldanas para cima e para baixo e cargas se movendo em atrito à graínha de uma hora de circunstância, entre o arfar e o desenvolvimento do desenvolvimento, além de uma fílmica impressão de não se estar onde nem sequer se emprega o olhar, ora negando, ora assentindo, ora permanecendo, maquinal, mecanizado, como o sonho, o sono, o comer, o se perfumar, o se amar.

# 39,

Caminhando pela floresta dos meus pensamentos, percebi a dado passo que a realidade não é material, não é mental. Então, é de que ordem?

Mais adiante, Tiago começou lendo Lipovetski, Debord, Benjamin e o resto do que deixara de Bataille. A noção de "eterno retorno ao corpo", do sentido do corpo, da sua consciência e ao mesmo tempo limitação, confundia-se-lhe no espírito inquisitivo e pormenorizado, entre a sala de estar e o quarto, entre a posição de sentado, a andar ou simplesmente deitado. Sentia admiração por certas ideias, desde sempre, e a vontade de voltar a pegar em certos temas; não se identificava de todo com certa Filosofia que se fazia em Portugal, abstratizante e sem qualquer referênciã clara e evidente a espaço e tempo, a pessoas. Talvez tivesse descoberto uma nova ciência, misto de literatura, filosofia e ciências sociais, polvilhada com um pouco de prosa poética. Talvez não, talvez tivesse de esperar uma série de tempo antes de referir, mencionar e aditar os autores clássicos, talvez tivesse mesmo e finalmente de dar um passo atrás para dar dois para a frente...ou dois para trás a fim de dar um para a frente, competindo ou não com um ou uma qualquer jovem nos seus trinta e poucos anos.

# 40,

É fácil criticar, dizer mal, ser humano, divino, robótico. É fácil. Ou é difícil. É fácil citar os mais variados autores. Ou não, é extremamente difícil, para todos os autores. É fácil ter a miúda certa, parecida contigo. Ou é extremamente difícil, depende do modo como conceberes o interior de cada pessoa, que é o que conta. Sim, o que conta é afinal o curso da tua própria vida, faças o que fizeres, não dependendo de terceiros nem sendo independente, quando os humoristas diziam tudo e mais alguma coisa, com muito sentido e sem vazio algum, como se não acreditassem em Deus, como se não importasse. Andava de um lado para o outro, atreito ao meu destino, considerações e impressões. Comprei uma garrafa de cerveja e alguma comida, comi alarvemente umas almôndegas e umas lulas, uma lata de pickles com pão molhado em molho de tomate, a cerveja acabou, falei para a minha irmã, que me disse algumas inconveniências, liguei para casa e a mãe chateou-se também, mas não conseguia ficar como muitos, „resolvido“, nem sabia bem o que era isso, nem queria saber. Peguei num ou noutra livro, tomei umas notas nas folhas brancas A5, não conseguia viver sem isso, sem tomar umas notas, talvez fosse o meu palanque, talvez fosse a minha mulher, esperada há tanto tempo. Voltei a dormir um pouco, um par de horas e acordei bem-disposto, embora ainda aflito por estar „preso“ em casa, sem dinheiro e com quem falar, ainda que na internet isso acontecesse uma vez ou outra. Coloquei o casaco de fato aos quadrados, mesmo estando em casa, esperando mais algum dinheiro, para um par de cervejas e alguma comida, é claro que me sentia só, mas quem tinha esperado tanto tempo por uma mulher que ainda não havia chegado, podia esperar mais dois ou três dias, seria certamente um sentimento misto de alívio e de obra feita e ponto de partida para outros feitos diversos. Sim, não tinha muita vontade de fazer filosofia, essencialmente porque a

parte afectiva não estava resolvida e eu precisava que o estivesse para fazer boa filosofia, o que quer que isso fosse. Tinha um conjunto de livros para adquirir junto da editora Piaget e da Rès Editora. Desliguei a TV, que estava dando um jogo do Atlético de Madrid e outro da Juventus. Comi uns queijinhos da Vaca de Ri, bebi mais um pouco de cerveja, pensava em várias maningâncias da mente e de como os estados de felicidade são relativos e esporádicos. Peguei num cigarro e fumei, ainda não sabendo se haveria de ir até ao Vasco da Gama beber um café ou não. É claro que me senti sozinho, mas tinha de ter a paciência de esperar mais e mais...

# 41,

Nunca cheguei ao ponto de escrever forçado, escrevo porque gosto e porque tenho sempre alguma coisa a contar, viagens mínimas, perçções. Hoje fui ao aeroporto, no Starbucks de lá, duas miúdas falavam em „psico“ e retarded“, eu pensei que fosse para mim, de certo que era, fiz-lhes um manguito quando abandonei a mesa, mais tarde, depois de comprar tabaco, cruzei-me com um polícia que decerto que queria interpelar, mas não liguei, eles andam como cães a ver se tenho algum deslize. Já não é a primeira evz que me chamam isso, os loiros, tinha já acontecido no Metro com uns americanos que queriam tirar vantagem...Aliás, o americano não sabe parar, não sabe ter uma vida simples, isso é bom e mau ao mesmo tempo. A minha vontade de ir lá aumentou...

Tinha um encontro marcado com Laos, a negra angolana e brasileira que tinha um filho segurança, estas coisas latinas deste lado são muito apaixonadas e psicóticas, estive à espera dela na estação, o comboio estava atrasado, acabei por vir urinar a casa e, dias depois, recebo um rol de mensagens ofensivas, os operadores de telecomunicações estão a brincar connosco, não liguei, dali a pouco iria beber um café à Expo, dias depois entregaria a tese para apreciação, isto não tem nenhuma novidade, já nem o espírito santo nos salva...ainda que vá escasseando por aqui...

# 42,

Faltava um dia para entregar a tese, se a pensão não se atrasasse, pois precisava de cem euros para levantar um exemplar, uma cópia, na reprografia. Adormeci no sofá, enquanto dava um jogo do Wolverhampton, no final da tarde acordei mal-disposto, sufocado pela casa e pela solidão. Todas as manhãs percebia essa lancinante dor da solidão, e quando dormia isso acontecia também. Sem dinheiro, deixei-me estar e lamentei ter de ir todos os dias ora ao Oriente, ora à Baixa, ora ao Aeroporto, onde, só e solitário, ouvi as mais diversas críticas e elogios. No lugares onde ia, era a maior parte do tempo simpático e creio que a maior parte das pessoas simpatizava comigo, mas não conseguia entabular nenhuma amizade ou a possibilidade de um enlace romântico, mas enfim, s eriam estes os dias de um filósofo atreito à sua singularidade na cidade onde tudo acontecia e nada acontecia...

# 43,

Sim, senta muito falta de uma miúda, ia para quatro meses que não estavam com nenhuma. Mas...que podia eu fazer? Lisboa parecia-me uma cidade estranha, desumanizada pelo excesso de turismo e restauração. Onde todos se divertia e serviam dela como se fosse uma prostituta, havia que procurava ter relações mais ou menos estáveis, a fim de levar uma vida minimamente normal, com ou sem trabalho. Eu era uma dessas pessoas, de modo que resolvi alterar um pouco as minhas rotinas e fazer as coisas de modo diferente, não ser tão solícito e amável com as pessoas e optar por uma vida mais discreta e profissional. De manhã costumava-me levantar, andava à toa no meu rol de pensamentos, a doença atacava mas, de certo modo, eu conseguia dar-lhe a volta face a um certa importância do meu pensamento e da minha escrita. A defesa da tese ia já nas trezentas páginas e sempre avançava um pouco neste livro. Os meus livros não vendiam e isso não me preocupava nem um pouco. Fazia da civilidade e convivência o mote da minha felicidade diária na relação com os outros. No facebook, mais propriamente no messenger, a minha irmã desatinava comigo, e eu respondia-lhe, claro, estava farto de aguentar as merdas dela, estava tudo com diarreia, a pequena, a mãe, o rapaz. Liguei apenas para perguntar como iam as coisas, por volta da uma, para dar algum sinal de preocupação. Mais tarde, ao fim da tarde, a minha mãe ligou-me a dizer que a minha irmã já tinha chorado. A coisa estava chata e negra, mas eu não podia regressar, porque por um lado diziam que eu nada fazia. Não querendo que eu lá estivesse e no meu íntimo isso seria uma forma de pedir ajuda, mas não poderia voltar tão cedo, tinha coisas a fazer em Lisboa e um tese para entregar. Tinha de ir até ao fim, não podia desistir, mesmo que a situação viesse a piorar por uma certa exposição pública. Nisto, como noutras coisas, cá em Lisboa como em Riachos, estava só, nenhum ombro para me consolar, ninguém com quem falar... Não me conseguia livrar da memória da minha escola, o

ISCTE, dos colegas que na maior era pedantes e de como tudo isso por um lado passou e estava atravancado na garganta da minha mente, depois outros locais onde tinha estado, as mulheres, os empregos, as propostas de emprego, as negas, as portas fechadas. No entanto estava perto de conseguir alguma coisa e via as coisas, essas coisas da vida, bastante claro, estava onde devia estar, a questão era começar a trabalhar um pouco após uma penosa e admirável odisseia que, em três anos, trouxera uma dúzia de livros à luz e uma tese, ou duas, conforme se queira entender. O meu pai e o meu cunhado não diziam nada, não falavam comigo direito ainda que eu falasse bem e cedesse em muitos domínios. Isso nada interessava à minha irmã. EU nunca quisera fazer vida por lá, detestava aquela aldeia, as cidades próximas, não me haviam dado grande coisa, lembro que mesmo quando saía com o grupo de amigos, era sempre ostracizado e raramente consegui ter por lá alguma relação. O meu irmão zelava por uma certa coisa, que era mandar-me reprimendas, quando eu passava o dia a escrever e a aturar as tipas tremelgadas da Lisboa moura e esquizofrénica, portanto, eu nada fazia, como elas dizia, mesmo quando não tinha financiamento para pôr em pé uma universidade. Devia ser um homem bastante importante, eu...e era efectivamente e estava já mais ou menos preocupado com o que iria acontecer depois, o tipo de vida normal que poderia ou não levar, pois não esperava grande coisa, a julgar pelo esquecimento a que era votado.... talvez deixasse a filosofia e surgisse uma outra proposta de trabalho que não dar aulas de Filosofia da Linguagem ou Filosofia Social e Política...talvez uma urna (simples) estivesse à minha cata, à minha espera, se continuasse a ser simpático com todos, porque eu destrinçava muita coisa e descobria novas noções e princípios próprios da vida social, sempre produzindo. Talvez precisasse de publicar mais, mas não havia dinheiro e eu não estava disposto a pôr toda a carne no assador, tivera alguns problemas por o fazer em tempo, em ser sincero e aberto, em de-monstrar a minha capacidade criativa.

# 44,

Talvez estivesse bonito (como nunca), como me dizia o brasileiro na estação do Aeroporto, talvez não, porque afinal mulher nem a ver... Porque estava bonito, deixei crescer a barba, nos termos de um equilíbrio entre mente e corpo, numa relação por vezes trágica entre amor e ódio...talvez não tivesse posto em causa muita coisa, porque afinal ainda estava por aqui, *random, dasein...a la mano*. Depois de ouvir um pouco de Beck, apresentado pela irmã do Nuno Markl, senti a voz de Paulo Futre dentro de mim, para que pudesse passar mais uma noite comigo mesmo descansado na cama, entre os lençóis e cobertores, porque sabia que o amanhã seria diferente. A minha mãe estava doente na cama, bem como os pequenos. Até a minha irmã estava doente. E eu voltei a ligar, mas não podia ir, sob pena de nãoe star com nenhuma mulher, regressar a casa, à minha casa. Basileira do carago, nunca mais esquecerá as noites em que passara em branco pensando nela, porventura pensando no sexo que tive com ela, bem desbragado e desgrenhado, pensava nisso para me consilar e finalmente entregara a tese na secretaria da faculdade para apreciação, no dia seguinte, haveria de rumar a Riachos paera estar lá a dar carinho aos pequenos e continuar esta obra. A minha contingência estava sendo paga a peso de ouro, a minha filosofia também, tinah dinheiro para o bilhete e não podia ir às meninas, como de outras vezes, quando entramos nessas órbitas ficamos malucos, pelo que eu escolhi ficar são... Depois, mais uma vez vi Elisabeth e fiquei pensando que podíamos ir dar um passeio e, no fim de estar farto da cidade nuiversitária, fiquei, não sei porquê, com voltade de lá voltar vezes sem conta...

# 45,

Depois percebi que não estava fazendo nada em Lisboa, que não valia a pena sob gaja nenhuma e senti saudades da mãe, dos pequenos, do velhote, até da minha irmã que sempre me chateava a cabeça. Senti vontade de ir, pegar no primeiro comboio e ir, ainda que ficasse sózinho, lá, durante a noite, também aqui ficaria sózinho, porque o real não existia, o virtual tinha tomado conta de tudo e o mundo estava marado e perdido, por mais que me esforçasse não conseguia, por vezes ensaiava o desejo de deixar Lisboa... Estava farto de ser simpático, estava farto de ser antipático, uma família de ciuganos me insultava, este mundo não tinha conserto e ainda assim eu continuava a grassar, cumprindo um certo papel social que não me dixa sexo, amigos, dinheiro, sustento... Tudo em nome de uma obra e de uma coerência que poucos tinham, ainda que recebendo diplomas e tudo e mais alguma coisa... Sim, muito cof cof, muita cumplicidade, mas continuava a dormir sózinho. Estranha soxiedade esta em que precisava de fazer uma tese de doutoramento em Filosofia para arranjar mulher, sociedade doente, mais doente do que o meu convento e o meu seminário. Mas, enfim, nem a América seria paneceia, eu esqueci o mundo aos 15 anos e lá moro desde então, todos os outros são loucos e sempre estive na minha razão. Sociedade doente... Talvez me tenha de bater com os meus inimigos sob uma certa forma de afastamento, de distanciação, própria dos antropólogos, talvez os meus inimigos sejam os escritores, os antropólogos, os filósofos, os sociólogos, tudo aquilo que sou, talvez seja eu o maior inimigo da academia, sem ter inclusivé ido à televisão...nem conto com isso, sou como Saramago, um escrivão de coisas certas e coisas incertas que se afastam, espasmodicamente. Assim é a vida, quando nos julgamos extraordinariamente espertos, aparece sempre alguém melhor do que nós e ainda bem, isso deixa-nos descansados e em estado de paz, próprios e dedicados para a filosofia.... Se é de putas que se trata, ou de porno, podia ter ido hoje, altura em que

recebi, mas não aconteceu, porque tinha muito mais coisas a fazer e cehgo a casa e estou sózinho, que faço? Bebo um pouco, penso na minha mãe, na minha família, se devo prestar a minha presença a Lisboa mais alguns dias ou se deverei regressar para os pequenitos que precisam de mimm, de mimo, embora a minha irmã não seja a favr. Qualquer um sairia porta fora, até ao Cais do Sodré, a pronto de foder qualquer coisa, nem que fosse o buraco de um tijolo, mas eu por aqui fico, mais nova-iorquino do que lisboeta... Afinal, o Futre é apenas um tipo que dava uns pontapés na bola e que recebia por isso, como aliás Danny e outros, mais ou menos especialistas na ginga e na revianga de que eu nunca lucrei grande coisa, nem sequer pito.



# 46,

Sempre precisei de uma mulher para me dar força, para estar a meu lado. Mas, por uma razão ou outra, nunca tive. Nunca tive grande carinho da parte das mulheres, embora nunca tenha sabido porquê. Tem a ver com o contexto cultural em que tenho vivido, os outros fazem as coisas um pouco à margem do que eu faço e penso. Nunca estive no mainstream nem terei sido bafejado por sorte, ajudas, coisas favoráveis. Sempre tive de lutar e ainda assim, consegui pouca coisa aos olhos dos outros e a meus olhos terei conseguido grandes e mais grandes coisas. Os outros têm mulheres e gozam com elas, quando eu, na minha intelectualidade, não tenho nada disso nem vejo mulheres a oferecem-se-me, por mais bom aspecto que tenha. Por outro lado, talvez a minha falta de sorte tenha a ver com uma necessidade de adaptação às condições que o quotidiano proporciona.

# 47,

A pouco e pouco, à medida que passei a estudar filosofia, de modo mais assertivo desde 97, apercebi-me lentamente que a maior parte das pessoas é louca de nascença, reage a estímulos, interiores e exteriores e esta clarividência aumentava à medida que deixei de ver pornografia, porque umas pessoas têm isso nelas mesmas nos genes, outras o adotam como refúgio para a falta de sentimento e carinho nas suas vidas. O certo é que nunca pedi a nenhuma mulher para ficar comigo (ou terei pedido, mas não me lembro). Sim, vêm que té escritor e acabam por achar-se superiores a ti, criar armadilhas mais ou menos lógicas e macacadas do género. Muitos acham-se bem superiores só porque casaram e têm filhos, porque são sucedidos profissionalmente, portanto, há sempre um agressivo teor de comapração nas relações sociais que se torna patente na esfera doméstica e as relações entram em decadência, os serviços sexuais aumentam, porque muitos homens se vão desdobrando em várias relações. Se eu estivesse em Paris talvez fizesse o mesmo. Lá, as mulheres são lindas e o compromisso é mais complicado. Por aqui são medianas, encontrtra-se uma beleza de quando em vez, mas o compromisso é mais possível, não vou dizer provável, porque os argumentos que tens de ter são estritamente materiais, as ditas coisas de que elas gosta, casa, dinheiro, carro, passeio, jetset. Por outro lado, alguém se pode arrogar de ter conhecido Deus? O que é Deus? Os deuses, do quotidiano, da celebração. E se Deus somos todos nós, na perceptiva durkheimiana, ainda que a maior parte faça as partes do Diabo, eu podia, sob a hipótese de ter conhecido Deus, "usá-lo" a mau favor para conseguir algo, quero dizer que essa seria a maior arma. Mas apenas nos países subdesenvolvido se acredita num Deus que já tinha a dar e a Igreja é mero teatro, em certo sentido. Talvez o tenha perdido e não o queira reencontrar, porque me encontrei, estou tu cá tu lá com ele. Chego a casa para descansar uns dias. Abro uma garrafa de vinho e vai dar esta noite para continuar a minha narrativa. Vou ao café, falo com

uma, duas pessoas e apercebo-me de que ninguém se importa e que, de certa maneira, eu me preocupo e há, na realidade, poucas pessoas dessas. Olha, a minha mãe e a minha irmã preocupam-se demasiado e não se lhes pode dizer nada, estão hipersensíveis. Esta conjura do português começa a fazer sentido na minha vida, porque há o outro lado que eu vejo de favoravelmente bom. Além do meu talento e persistência. Tá tudo maluco e ainda nem sequer chegou o verão. Bem, acho que vou enlouquecer um pouco. No fundo, sempre tive por amiga a escrita e continuo o meu caminho, como se o mundo fizesse as vezes de Deus, como no *Timeu*, como se fosse eter benfazejo mais do que o próprio Deus enquanto o meu corpo dura por aqui. Quanto mais não seja, a nossa felicidade é termo-nos uns aos outros, estamos encostados uns aos outros, tentando uns ou outros ser melhores do que uns ou outros, mas tudo bem, isso e do devir é a maior segurança que temos, senão seria uma grande chatice. Eu estava na Casa do Jardim, novamente, nunca diria que é uma chatice, porque eu tenho a vida que tenho, espero melhores dias, de algum modo descobri-me novamente, não naquilo que não fiz, mas precisamente naquilo que fiz. Descobri que, depois de tanto tempo, de tanta mulher que nunca deu em relação duradoura, estava fazendo qualquer coisa de certo, ou seja, o doutoramento servia-me de testemunho e não mero canudo, mesmo que daqui a algum tempo pudesse mergulhar nas mulheres novamente, precisamente por ter algum desgosto amoroso. Por falar nisso, Lily estava ainda em Barra Mansa e eu esperava por ela, talvez viesse dentro de alguns meses, talvez nunca viesse, era o tipo de mulher que me permitia ter uma outra relação, mas eu não estava especialmente interessado nisso. A tentação de deixar a filosofia, após mais de vinte anos de estudo, não me ocorria e começava já a preparar-me para dar aulas e fazer a investigação conducente ao pósdoc. Mas "precisava" de uma relação, por cá, ainda que o sonho América estivesse bastante vivo, coisa que, por falta de dinheiro (e trabalho, por cá), ainda não se tivesse realizado, ainda que o meu sobrinho já lá tivesse ido três vezes. A relação com os meus irmãos, que piorara consideravelmente nos mais recentes meses, melhorava agora um pouco e aproximava-se a Páscoa, estaríamos talvez (todos) de novo em Riachos para receber o padre da aldeia. Claro que a este ponto eu poderia ter ido já à América, como muitos

antropólogos e filósofos portugueses, mas de facto, estava numa espécie de êmbolo de produção e inspiração, produzia teoria (social, essencialmente) quase todos os dias, não havia dia em que não escrevesse na folha em branco qualquer coisa, separadamente com o seguimento desta obra. Sim, eu estava ali para descansar os dias de uma aventura que me podia ter custado a vida, sentia que me tinha livrado de uma grande chatice mental e neurológica. Não sabia bem o que fazer em diante, ou seja, tinha alguns projectos, mas optei por ficar distraidamente atento, para usar a expressão de Blanchot Falei com uma polícia novinha no comboio, na vinda para cá, sim, a maior parte dos problemas do homem são essencialmente humanos, o que quer dizer muita coisa. Estava junto dos meus pais, o meu pai estava um pouco alheio, mas sentia a sua aprovação, não sabia bem para o quê, mas, ao lado da mudez e silêncio da minha irmã, a minha mãe parecia estar bastante chatiada comigo, nem sequer lhe podia dirigir a palavra. Sim, poderia ter ido bastante longe e ainda irei, se tivesse tido uma academia que me tivesse ajudado, dado a mão, porque eu tentei até à exaustão e com os filósofos não tento mais porque sei que é ainda mais difícil, que são todos uns cabeças no ar que repetem as teorias dos clássicos. Mesmo em Riachos e nas três cidades mais próximas, suponho que grande parte das pessoas não percebe o alcance das minhas ideias, que poderiam ter alguma repercussão internacional se não estivesse tanto só e desaguarnecido, como aliás está também um pouco Danny, mas levarei a minha adiante, ainda com algum trabalho, sinto-me cansado mas ainda com bastante energia para fazer bastantes coisas, entre as quais dar aulas, investigação ou algo mais que apareça. Talvez possa sair do esquecimento a que fui votado tão novo, ou uma espécie de celebridade anónima para fazer troça e aproveitar ideias e sentimentos, sim, sinto-me roubado, mas tenho bastante mais para dar e não peço nada de especial, nem sequer a felicidade, pois isso, juntamente com um ordenado, é coisa a alcançar muito em breve. E ouvia, antes de me deitar, aquela canção que ouvira vezes sem conta, "here without you", deitado na cama ou no sofá, fumando, com a cabeça entre os dedos...

# 48,

Não acreditava em vitórias morais, o meu esforço pouco dependia dos outros, embora existisse em função dos outros, mas tinha de se materizar num emprego, em algo de mais palpável, não era tarde, ainda tinha 50 anos, podia quando muito trabalhar mais quinze anos, seja, estar por Lisboa, talvez almejar uma viagem de trabalho ou lazer a outro qualquer lugar para apanhar umas luzes e escrever um pouco mais e melhor. Depois, pensei, no meio da noite, porque a minha mãe estava lixada comigo. Eu havia feito a barba com a máquina do meu pai, na semana anterior e não lavara a lâmina, imagino o pavor dele ao ver os meus pêlos lá instalados, se calhar entrou logo em pânico pensando que eu tinha sida ou coisa parecida. Sò podia ser isso. Mas eu não tinha, claro com os velhotes é assim, entendo perfeitamente, aliás, há cinco meses que não estava com ninguém. Sonhava em dedicar-me exclusivamente à literatura, mas a filosofia atraía-me mais, mas de algum modo tinha de abandonar as coisas do mundo. Mas bom, deixemos essa história para outra ocasião. Defendo agora e, finalmente, que a ideia de Durkheim em "Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse" de que o Deus, ou os deuses, são uma "criação", uma emanção, do grupo em momentos de efervescência (os pólipos da alma colectiva) socialmente, não é incompatível com a ideia -actual- de um Deus ou "deuses" bem-fazejos, em certo sentido, ou seja, a divindade pode tanto ser uma criação humana, no sentido estritamente marxista, ateu (embora haja crentes marxistas) como uma "existência fora do âmbito" da esfera da acção humana que depois se concretiza por intervenções diversas no campo do mundo. Desenvolverei esta ideia mais adiante dentro de algumas linhas. Lily colocou um post no facebook onde referia que o Brasil é o terceiro país mais ignorante do mundo, coisa com a qual não pude concordar, por achar o saber uma coisa relativa e não ser fanático nesse

aspecto. Para mim é o mesmo que dizer que a Dinamarca é o país mais feliz do mundo, pois o conceito de felicidade é relativo, passa-se nos mais diversos momentos da vida do homem ( e da mulher), ou seja, a felicidade "prepara-se"? Não será qualquer coisa que tem, em certo sentido, a ver com Deus? Uma coisa ora inesperada que se vai construindo sem que dêmos conta disso, fora de nós, além de nós, de certa maneira, por uma inteligência ordenado, um demiurgo?

Depois, antes de me deitar quase obrigado, por não ter outro remédio senão dormir e descansar, enquanto a rádio passava vários êxitos recentes, fiquei pensando no que o meu irmão me disse, "se um tipo pensa com a cabeça de baixo tá perdido". Isso fazia muito sentido, pois ultimamente não havia pensado com outra cabeça senão essa, melhor, pensaria com as duas, mas talvez lhe diria um dia que há-de ser melhor não pensar apenas com a de cima, mas com as duas... Isso é puro dinamite mental e orgânico... Quando, depois de ter entregue a tese, pensava que era o maior, lembrava-me do Doug Stanhold e baixava a bolinha... e entregava-me ao devir do devaneio mental de poder fazer alguma coisa séria e significativa com a minha vida. Levantome, depois de vários bicharocos a comerem o meu corpo e coisas do género e lembro-me de uma gaja do Rossio que passou por mim com outra tipa me ofendendo como que dizendo que eu era um chato e um tipo que nunca se sabe desenrascar, como se tivesse atrás de mim uma séria conspiração contra alguém. Essas são as que dóem mais. No entanto, nenhum incentivo de coragem evidentemente claro, nada, apenas críticas e observações. Maldita filosofia que pouca gente leva a sério e que não permite ganhar dinheiro algum para que possa continuar a ser feita. Desde esse dia, resolvi manter a barba que já tinha crescido. Havia muitas pessoas, resolvidas, claro, mas talvez eu o estivesse mais, não tinha carro nem precisava, tinha uma relação virtual e várias reais, de certo modo fui ficando desiludido com as pessoas que nunca viriam ter comigo para coisa nenhuma, de modo que deixei de contar com algum tipo de ajuda e sugestão de quem quer que seja. Profissionalmente, talvez tivesse ido muito mais longe que muito, que com a sua concretude apenas queriam provar alguma coisa, eu não tinha nada a provar, havia feito tudo e ainda havia muita

mais coisa para fazer. Sentia-me constrangido em Vermoil, a minha mãe estava cansada, baralhada, velha e não parava de me recriminar e fazer observações sobre tudo e mais alguma, observações por vezes bastante estúpidas. Talvez eu estivesse numa parcela da realidade que não era acedível por qualquer pessoa, sim, tinha mesmo a impressão de que muita gente não me compreendia, ainda que alguns percebesse alguma coisa do que fazia e de certo modo me admirasse. Pensei em fazer um pósdoc noutra área, embora me sentisse feliz com esta. Eu era, como fora, um tipo sempre diferente, de lancinantes alucinações, impuras verdades que doíam muito a minha gente, sabia que estava sendo observado e tentava levar as coisas, o dia-a-dia, em low profile, sem grande desgaste, porque a experiência me ensinava a isso. É claro que, em tudo isto, eu bem gostaria de estar viajando pelo mundo, descobrindo outras coisas, mas o meu mundo também tinha e detinha a sua beleza extrínseca, deparei-me com a ideia de que nem precisava de ir a Nova Iorque para ser feliz, podia muito bem ficar por aqui anos e anos, daí o certo sentido medieval deste meu mundo de felicidade. Estava com os meus pais, até certo ponto não me importava, procurava mulher pela internet, mas sentia um sentimento de solidão atroz, os vizinhos não falavam connosco, talvez porque nem a mãe nem o pai quisessem, eu não puxava grande conversa com elas. Pensava por vezes, quando não inventava a alegria, que era demasiado atroz para mim, eu não merecia essa situação, no fundo não havia vivido grande vida, tendo passado entre os 30 e os 45 quase sempre doente. Será que a minha obra valia alguma coisa, sob os meus diversos pontos de vista?

# 49,

Grande parte das pessoas procura evitar coisas chatas, que dêem trabalho, porque não têm paciência e têm medo de ser rejeitadas, por isso vão andando na onda, até que a sua vida, num certo ponto, deixa de fazer sentido. E eclipsam-se em si mesmas. Encontrar uma pessoa produtiva que é simpática com os outros, é raro. Revela uma grande consciência (do mundo) e paixão de viver. Por isso, a maior parte das pessoas está sempre numa registo de ponto de fuga, talvez porque não tenham estudado a vida, certas coisas e têm geralmente aversão ao estudo, para elas a vida é uma coisa séria a evitar. Eu faço filosofia essencialmente porque não tenho queda para ela, porque se tivesse não me dava conta de um certo conjunto de sentimentos que por ora experimento. Naquela noite adormeci, um pouco contrariado, pensando em Lisboa, um pouco desalentado. Riachos estava silenciosa, os pequenos estavam com a velhota e o meu pai fora para as patuscadas. A solidão é atroz. Não conseguia dormir, a tristeza esbateu-se na lista de livros para ler na poltrona, fui buscar as ceroulas e envolvi o meu corpo num cobertor e comecei mais uma sessão de estudo. Nesse dia tinha tirado algumas notas importantes para a minha filosofia e pensei em fazer um manual de Antropologia, como como já tinha feito de Antropologia Filosófica, a ideia desapareceu. No fundo, estou no lugar onde fui feliz e onde cherou, na minha infância e adolescência. Nem tudo foi assim tão mau. Nem tudo é assim tão mau. Depois, a pouco, fui sendo mais sensato: deixei de me preocupar tanto, a realidade parece ter-me domesticado e a lus das evidências, Tirava enorme prazer da vida, havia tirado dela bastante, como o winzip extrai inúmeros ficheiros de um só golpe. Não me sentia na obrigação de dar aulas, nem arranjar emprego para ser feliz, fui fazendo planos e alimentando esperanças para viver mais dez, vinte ou até trinta anos, fazendo sempre alguma coisa. A própria ideia da América, na figura de Nova Iorque,

não me perturbava muito. Podia até ficar para sempre em Riachos, tinha lá livros, tabaco, comida, a Casa do Jardim. Iria à vez a Lisboa para me atualizar de uma ou outra ideia ou obra, para falar com alguém. De facto, não nem chateava nem um pouco...

Há poucas coisas vindas do Nada. O Homem, por exemplo, foi feito da conjunção de vários factores a partir do Nada, o Homem é também criador, alguns nem por isso, custa mais criar do que construir, porque o construir requer uma aprendizagem, um dom desenvolvido ao longo do tempo, tem de obedecer a uma planta, a um projecto, a uma ciência. Mas muita arte é pura maluquice e maluco fica também quem procura sentido nas coisas do mundo, ou seja, pontes, ligações entre tudo no Todo. Por exemplo, a filosofia não analisa somente o sentido da vida, mas também e sobretudo qual a melhor forma de ser feliz. Por isso é que grande parte da filosofia, clássica ou contemporânea, é uma seca, um ciclo e círculo vicioso que só sabe quem faz aquilo toda a vida. É bom para engenheiros, matemáticos e químicos ou desportistas, que procuram um sentido para "alavancar" a sua vida. O humanista inunda-se e chafurda no húmus, não sai nunca dessas areias movediças... Enquanto isso, o personalismo faz um certo sentido. Toda ou nenhuma gente ouve o antropólogo, que é uma espécie de saco de batatas, enquanto o sociólogo oportunista ocupa lugares de governo e acha que é, nesse sentido, tudo interessante. A minha raiva contra a maior parte dos docentes do ISCTE e até colgas, que nunca me haviam dado aquela palha, bem para como outras pessoas, como Ricardo Vieira, que eu culpava por não ser melhor antropólogo, ia afrouxando à medida que traçava objectivos para a minha vida. Eu vira muita merda na net e o meu espírito, se falava muito, se se aprofundasse um ou outro termo, ficava confundido e entravam em cena logo cenas e ideias das mais esquisitas. De modo que me custava continuar a ler. Posso dizer que ninguém em Portugal apostara tanto quanto eu, talvez no mundo até, na filosofia e na antropologia e não sabia se isso iria continuar. Aparentemente, não havia nenhum resultado à vista, eu continuava desempregado e a minha mãe bastante deprimida e cansada e, de resto, toda a família. Também os pequenos estavam cansados e baralhados, talvez porque eu, não sei bem por que via, havia posto muita coisa em causa. Mas

continuava naquela casa, com os meus pais e o resto da família, ambos vivos...

A minha ida a Leirena talvez tivesse aplacado a minha raiva para com Ricardo, não conseguia esquecer, talvez fosse uma espécie de herói de Dumas, enquanto em Riachos havia meia dúzia deles que diziam falar e troçavam de mim desde há anos, quase desde pequeno, tal como Carlos Pimba, a quem fizera num aviso no seu facebook. Enchia-me de raiva por dentro sempre que o via, deixava-me mal disposto, o tipo. Decidi andar normalmente, fazer as minhas coisas, ainda que com ele na cabeça, por vezes por vias inesperadas e aguardar o que ele faria. Bastava dirigir-me uma palavra, nem que fosse de reconciliação, coisa que nunca iria acontecer, para desencadear qualquer coisa como uma série de pontapés e murro. Ele também era picado por vários que não gostavam de mim, inclusivé primos meus, como Salvio e Calinas, que estava no hospital com um cancro de pulmão. Eram estes os meus inimigos de estimação, fidadais, inimizadas eletivas...

# 50,

E então, antes de escrever um pouco mais, pus-me a ler "Santuário", de William Faulkner, a minha irmã fora para Palumbar e deixara por cá o pequeno e davam as canções na TV. Tudo aquilo que, de literatura tenho escrito se deve à minha mãe e de filosofia ou antropologia, ao meu pai. No dia seguinte voltava para Lisboa, mais uma semana entre o Oriente, a Baixa e o Aeroporto até Domingo, dia de Páscoa. Tinha um absurda vontade de fazer sexo, não sabia se levaria muito tempo até o fazer com alguém, nem tinha vontade de me tocar, aprendia a apreciar as mulheres sob o ponto de vista das emoções e da inteligência e de uma certa maneira também eroticamente...ao limite da suportabilidade. Em outras ocasiões, no passado, pagara bastante caro pelas minhas ambições, tentar ir aos EUA, o doutoramento, até, por pouco não ficara louco, frenético, não respeitando sequer o meu cansaço e simplicidade de pensamento. De modo que, ainda pensando em Lily, comecei a dar prioridade ao coração e a aproveitar melhor a vida e a tirar imenso prazer de certas coisas simples, como os passarinhos que estavam no andar de baixo, à entrada do atelier, dos momentos com o Brady, o cãozinho podengo, dos prazeres à mesa com a família. A relação com o meu pai melhorou consideravelmente e eu aceitava o mau feitio e aflições da minha mãe. Comece a entender melhor o meu cunhado e respeitá-lo mais e a não chatear tanto a minha irmã. A meio da noite ainda pensava em Brígida, a empregada do café, uma vez ou outra, espaçadamente. Sempre tivera, mais ou menos, planos na minha vida, quando estava muito tempo aborrecido ou abananado, traçava decididamente, como se lesse (isso) na natureza e na minha natureza, planos sobre o que fazer, a curto, médio e longo prazo. É claro que gostava de estar viajando pelo mundo e isso, essa falta de meios para o fazer, entristecia-me, mas procurava alternativas para estar ocupado, não era uma pessoa negativa e isso

ajudava muito, por vários tombos que dava levantava-me lodo a seguir, seguindo em frente. Poderia ter sido um poeta razoável, mas preferia ir andando, pensamento após pensamento, naquilo que era a minha aventura, qualquer coisa tudo menos banal. Sim, tinha algumas dezenas de páginas para acabar esta obra e pensar em algo depois, talvez "Neblina" e "Brisa", sob o mesmo tom, mas deixando de falar tanto sobre mim. Poderia ter sido um grande antropólogo e ainda assim o era de certa maneira, com os meus meios e recurso. Podia ter sido, no extremo da moralidade (ou falta dela), um grande actor (porno também) ou grande cineasta, mas estava no meio termo de tudo isso, tudo o que mais custa mais frutos dá para ti e para os outros e quando fazer qualquer coisa pelos outros fazes por ti mesmo.

Sim, os meus planos havia sido traçados já há algum tempo, avançar para um pósdoc, o que não era forçoso, continuar a frequentar certas bibliotecas, onde se inseria a dos Dominicanos, em Benfica, entre outras. Além disso, se as coisas não corressem bem, podia dar aulas no ensino secundário, podia fazer inúmeras coisas, se não pudesse dar aulas no superior, o que não era forçoso, mas plano que eu gostava de explorar para explanar as minhas ideias. Ainda estava um pouco revoltado com a comunidade científica portuguesa, mas aí não sabia o que fazer, se fosse fazer parte, não convinha estar a estragar o assunto. Eu nunca fora megalómeno, inclusivé filosoficamente, sempre fui ambicioso, mas não demais, sempre bastante realista, mesmo no que diz respeito a Nova Iorque, sabia que podia ir até lá um dia, fazer esta ou aquela coisa.

Eu, Joseph Taigen, o eminente intelectual português, escapara outrora para um convento da vida social que levava em adolescente e naquele tempo estava a viver no mesmo espaço, uns quarenta anos depois. Eu, que fugira da vida social, era agora apaixonado por ela, tirando prazer disso, mesmo que por vezes custasse e apetecesse fugir, gostando sobremaneira de estar entre as pessoas e de as ajudar segundo o meu conhecimento. Um pouco de psicologia, da outra psi também, umas migalhas, um pouco de ciências sociais, de literatura e filosofia. Tinha o perfil, naqueles dias, para ser uma pessoa importante. Mas não forçava. Ainda era novo. Tinha muito para

escrever, para ler, conversar, aprender, fazer desporto, acompanhar o caminho dos meus sem ser metediço ou tonto, tótó. Procurava ainda o amor, ainda que um certo contato sexual momentâneo também me satisfizesse. Lia Simmel e Weber, Virilio e Eco...

A CMTT passava "Emmanuelke" e a protagonista pedia-me amizade no facebook. O miúdo fora para a cama e os velhotes já dormiam. Sentia alguma tristeza por não perceber dentro de mim mesmo concretamente o que fazer. Talvez fizesse certas coisas apenas para me convencer de que tinha valor, talvez para me sobrepôr aos outros, não sabendo bem o que queria da minha vida. Estava talvez, apenas, a envelhecer, ficando mais maduro, mais à-vontade, mais rico, mais analítico. Por isso resolvi manter a barba, branca na sua quase totalidade, por uns meses, até ao verão. Curiosamente, tinha usado pêra na altura em que me estava a licenciar. Bons tempos, em que conheci a minha primeira namorada, Maria Carlos. Quis estar e ficar com ela, mas ela não quis. Depois, andei conduzindo o velho Opel todas as semanas até à Brandoa, atrás de Vitupéria, ainda minha prima, depois Miriam, em Palumbar, a médica que nunca mais esqueci e Lily, que fora fazer uma pós-graduação ao Brasil, até Catódica, que estava esquecendo porque a sua presença desvanecera-se num barco cruzeiro, num braço fraco...E, tinha valido a pena, vinte anos depois, ter uma tese em filosofia e a possibilidade, finalmente, de um trabalho? Não sabia ao certo, por dentro de mim acreditava que sim, que os tempos iriam ser melhores e que a minha família ficaria mais feliz, menos sobrecarregada mentalmente, mais justicada do que eu próprio, embora isso os contentasse também, depois de tanto tempo de, afinal, trabalho árduo, que havia culminado nos dois anos de duas teses e doze livros...

Pensava um pouco mais na finitude humana e isso metia-me medo, pavor até, mas fazia-me também um homem melhor, um homem bom e condicionava, libertando, a minha ação, humanamente falando. Ainda tenha algumas reservas sobre o tipo de tratamento que iria sofrer na discussão pública da tese. Uma coisa era certa: ela não fora comprada ou encomendada, eu grassara bastante durante mais de um ano ao escrevê-la e se formos bem a ver, levou-me mais de dez anos a fazer, outros se

poderia gabar de ter feito a sua em menos tempos, vá lá, um anos, dois, no máximo, ou três, a duração do doutoramento. Mas eu sabia que tinha ali um texto de valor, muito importante até. Mas preocupava-me mais com o que aconteceria depois, tentando descansar e manter-me calmo para o que viesse a acontecer, o que viesse aconteceria. Por isso, cada vez mais tinha vontade de sair de casa, andar pela cidade, no metro, fazer a minha vida regular e descobrir coisas novas.

Por vezes, a memória da dor, da in-felicidade, é tão grande que nos esquecemos que estamos sendo felizes, que já o somos de certa maneira, porque queremos coisas e mais coisas que nunca acabam, sem olhar aos gestos simples, a um cãozinho, a um gatinho, a uma formiga debaixo da sola do nosso sapato. Depois, como que afastei de mim a ideia de um Danny que nunca alimentara uma amizade que em grande parte era tida por mim como qualquer coisa de seguro, como se fosse uma afinidade eletiva, uma infância em comum, alguma coisa que está alojado na nossa mente e que ora nos incomoda ora nos sublima. Perdem-se amigos, por um lado, ganham-se por outro. E eu continuava desempregado e as forças baixavam um pouco, a minha mãe não me dava descanso, implicava por tudo e por nada, não me apetecia quase nada ir para Lisboa mas por Riachos quase nada tinha a fazer...

Encontrei Danny, lendo o jornal no Alcamen. Sábado seguinte haveria música ao vivo. Cumprimentei-o e perguntei pela Clara. Não iria estar lá para a ver nem para a seduzir. Estaria contemplando os mistérios de Cristo e Santo António, depois de regressar de mais uma semana de Lisboa...

# 51,

Incêndio na Notre Dame, que quase desaparece. Henry-Lévi talvez escreva um artigo sobre a eliminação de um dos símbolos (religiosos) da Europa. Sim, queria viver com uma mulher, coisa que nunca me aconteceu, se vê demasiada TV acabas por entrar em pânico e desperdiçar a mulher que tem, sobre a qual fizeste compromisso, cansas-te à procura de nada, do Nada e acabas por bater nela, como se ela fosse culpada de alguma coisa. No fim da tarde, estava cansado mentalmente, não há pior forma de cansaço, porque afinal todos dizem, mais ou menos, apenas disparates. Rubish. O mundo não está feito para mim, porque há uma certa instalada transcendência do mal, a consciência colectiva é essencialmente pagã, a não ser em certas épocas históricas. Aos 25 podia ter iniciado o doutoramento em Antropologia. Teria acabado, no máximo, cinco anos depois. Com trinta, teria já o doutoramento. Agora, tenho 49 e ainda ando nisto. Não é notável o meu amor pelo saber? Que mais fazer? Ronaldo acaba por marcar, creio que a Juventus irá seguir em frente, tinha muita coisa para dizer, acumulada, mas retenho-me no meu pensamento, no meu sentimento. Daqui a nada entro em plena meditação. É claro que não esqueço os seios da jovem nos Restauradores, acompanhada de um jovem imberbe. Ela nem sabe que eu estava disposto a largar de tudo por aquele par de mamas, ou não, esquecer a obsessão e sair do corpo, sem entrar numa onde religiosa e evangélica. Afinal, os humanos agregam-se, apaixonam-se, apenas pelas características físicas, nada mais. Não é nenhum mistério, é a lei da vida. Deserto. A nossa terra está se desertificando, ficando seca. Trouxe um cato de Riachos e em poucos dias cresceram duas pontas bem compridas, apenas com cinza e água, como que chamando por mim. Miriam voltou a ligar-me e quer vir para cá. Tarde me apercebi que os meus antigos colegas e professores, de duas ou três universidades, usaram de seonestidade contra mim, violando regras éticas que tinham a ver com a minha capacidade de representatr uma

ciência ou uma filosofia. Porém, não me sentia revoltado, mas aliado. Poderia fazer outras coisas bem mais interessantes...

Naquele dia a meio da semana, tomei Quietiapina e comecei a ter alucinações negativas e creio que, mesmo me sentindo mal na altura, rendido na cama, mais tarde ficaria bem mais disposto, no dia seguinte, quero dizer.

# 52,

Uma das maneiras para conseguires algo é sentires-te injustiçado, um coitadinho, um lamechoso da zona residual da sociedade. Porque a sociedade tanto esquece e joga para o lixo, quanto aproveita e reaproveita o Ego macerado pelas bocas do mundo. Olhava para mim e via um homem cheio de cicatrizes sociais, por ser antropólogo e filósofo bastante marcado pela crítica e opinião dos outros, um pouco psicólogo que ajudava os outros e que tinha mais tino do que muitos que se fechavam em diversos consultórios, Fazia um serviço público e não recebia nada por isso. Esse é o Taigen que eu conheço, leva pancada e não responde e afinal, é o maior sem ser o maior aos olhos do público, do povo, porque afinal há muitos escaladores sociais e eu não quero ser um deles. Se eu fosse advogado e precisasse da lei para me defender, muita gente estaria já no chilindró às minhas custas. Mas não sou, e tolero tudo e mais alguma coisa, sendo antropólogo e não ganhando nada com isso a nível académico e económico. Duas dúzias de blocos de notas, mais do que cinquenta livros. Alguma importância deve ter...

Era noite, não tinha mais nenhum centavo, acabara a cerveja que havia comprado no Minipreço, tinha um pote de café e via o Porto jogando com o Liverpool. Um pouco pessimista, mas conformado, talvez esperançoso. Sou um ser destapado e sincero, não tenho aparências, não me interessa primariamente este mundo, estive quase do outro lado por mim próprio, em relação a muitos, os activos e animados, estive mesmo do outro lado, longe, onde há paz e a persistência do EU integrado no Mundo. Depois, a solidão extrema pode ajudar a criar grandes obras de arte, mas já não vão a tempo de salvar o seu autor da infelicidade, ainda que tenha fama, fama sem proveito. A mulher deve servir o homem, ou seja, servir a sua cabeça numa bandeja, a quem?, como a mulher de Herodes fez a João Batista?

# 53,

Depois, fiquei pensando uma coisa: a solidão torna as pessoas gay, mas a relação também. A solidão tira a pessoa da tendência gay, a relação também. Depois de algum tempo de ansiedade, pedi 10 euros à minha irmã e voltei por algum tempo a ser feliz. Nessa noite não tomei Quietapina, queria estar sólido, sóbrio, lúcido, embora tivesse já bebido duas garrafas de cerveja e uma coca-cola. Miriam em breve regressaria do Brasil, mas creio que não para se encontrar comigo. Era um pouco adversa a homens, como a maior parte das mulheres naquele tempo. Pensava na minha irmã, no que ela me tinha ajudado para chegar onde cheguei, no meu irmão também, que me ajudava ultimamente. Tinha ainda diversas pendências intelectuais, como um projecto de investigação em Letras, e dois lugares de professor, um de filosofia social e política, outro de filosofia da linguagem. Estava me custando bastante receber críticas na rua, mas o que sonhara estava acontecendo, estava tornando-me uma figura pública, pelo menos em Moscavide e no Metro da cidade (rsrsrrsrs). Depois, percebi que não devia confiar em toda a gente, em qualquer pessoa, a cidade e mesmo o local onde vivia, estava cheio de maningâncias e rasteiras de toda a ordem. A maior parte das pessoas, sinto, tinha talvez raiva por mim, por não ser vão mais vezes, ao mesmo tempo eu procurava espalhar simpatia e talvez a maior parte do tempo fosse feliz, ainda que sem companhia. Eles admiravam-me e ao mesmo tempo tinham uma atitude de indiferença. O monhé onde passei a ir, deixando o anterior, enganou-me em um ou dois euros nessa noite, mas tudo bem, talvez tivesse a ter com a hora adiantada do serviço, já pelas onze.

# 54,

Tomei umas notas no caderno da sala, tirava imenso prazer pela escrita à mão com qualidade e essas ideias ainda estavam separadas das que aqui plasmava, não sabia como nem porquê? Dois dos meus médicos disseram-me em tempos, há uns anos, que nunca conseguiria fazer coisas, projectos, tarefas, de longo prazo. Pois, a minha tese é o reflexo de uma certa anterioridade a tudo isso, ou seja, quando eles me disseram isso já eu estava fazendo a tese, que eclodiu naqueles tempos, quase chegando a uma segunda década do século XXI. Eu sabia que a tese era boa, tinha uma argumentação simples, forte, irrefutável, passava pelo Direito, pelas diversas ciências sociais e humanas. Talvez fosse mais forte do que muitas, como as de Derrida, Foucault ou até Bergson, talvez mesmo do que a de Sartre, sobretudo porque incluía o tema do “social” relacionado à filosofia, com a ajuda da etnografia. Por isso era também inovativa, sem ser absoluta ou filosoficamente chata... Depois, a pequenita tinha “engatilhado”, se posso assim dizer, ou seja, estava já relacionando as palavras e aprendia os conceitos e entabulava-os uns nos outros, falava sózinha, entretida, e isso era sinal de elaboração e capacidade de abstração, no lugar onde eu e os meus irmãos havíamos passado a infância. Mesmo que estivesse algum tempo entretida no Roblox e no Youtube. O pequeno era um barra de relacionar as coisas e creio que o meu cunhado se sentia bastante feliz naquele tempo, mesmo que não tivesse grande dinheiro que, diga-se, graças à ajuda do meu pai e da minha mãe, não fosse o mais importante. Eu estava em Lisboa em negação constante, pouca gente gostava de mim, ou seja, muita gente gostava de mim, estava à espera da discussão da tese para começar qualquer coisa e não conseguia sair da minha história, traçar-lhe uma pílago e abandoná-la, morta, inanimada, jazente, depois de deixar para o lado uma mulher na cama, rendida e satisfeita, absorta no desejo. É claro que não era já

claramente antropólogo, era mais, devido à geografia que percorria, um filósofo, ou seja, acabaria em Leirena, Conímbriga e Palumbar os meus dias, com algumas idas a Lisboa, mais tarde ou mais cedo, porque me sentia efetivamente só em Lisboa, ainda que o meu desejo de viver com alguém esbarrasse numa liberdade de viver só, para a construção de uma obra que ia de vento em popa e que, como o vinho do Porto, melhorava com o Tempo....

# 55,

Era cada artista, se eu me ocupasse com a vida dos outros, nada mais fazia, passava o tempo a lavar sanitas e eu não queria isso, ninguém, pretensiosamente, queria isso, porque eu já estava noutra onda... É claro que eu já me sentira na América algumas vezes, mas gostaria de ir lá ver a coisa ao vivo, fazer não sei o quê, imerso na solidão em que estava andava aos saltos na cama não dormindo coisa nada de jeito. Gostava de ir, com as forças que tinha, como aquele grupo de reformados que vira na estação do Oriente. Aliás, projeção da minha vontade e inteligibilidade numa certa ideia de América, pretendendo sempre ir para lá, talvez tenha prejudicado a minha inserção social num Lisboa que, ora quer saber ora não quer saber, sendo que as miúdas nem estão para aí viradas, para o meu projeto de vida, vastamente conhecido do grande público. Sim, enquanto não tinha um amor para passar o tempo dos corpos comigo, almejava dar aulas na faculdade, passando a quase necessária iniciação e regresso ao ensino secundário. O meu corpo, retido em casa, alojava uma mente perturbada, com inúmeras ânsias de sair voando por uma cidade que conhecia. Quando saía de casa, estava lá fora olhando os placards publicitários e cruzava olhares por diversas mulheres, a belíssima ucraniana no metro, a jovem morena na estação do Oriente, aguardando o sinal passar para passar por mim e eu passar por ela. Mas, quando chegava a casa, enterrava-me e entregava-me, de novo, aos mais diversos pensamentos e via quase tudo como perdido, precisava de falar com alguém mas nunca descobria essa pessoa na minha cabeça. Tinha a pulsão para sair, ir até ao aeroporto, ao oriente, à Baixa, mas nesse dia fui à faculdade e lá encontrei Nina e combinámos um café para a próxima semana. Vladir não estava lá no seu lugar, talvez tivesse ido embora por eu por lá aparecer, não queria parecer chato...

# 56,

Tirei a jaqueta fofa e mantive a camiseta às flores, vesti uma camisola por cima dela, azul, para sair, comprara tabaco. Mas, ao mesmo tempo, não me apetecia sair e pensei, sei lá, o quê, como tinha feito um esforço descomunal nos últimos tempos e julguei estar habilitado a descansar um pouco, pois ninguém me tinha pedido tal esforço, tinha sido por minha livre iniciativa que o tinha levado a cabo. No dia seguinte, o meu irmão viria para chegarmos até Riachos passar a Páscoa. Estava dormente, ainda que ansioso, vazio, sem ideias para continuar qualquer coisa, com o ânimo um pouco em baixo, talvez porque não visse nem sentisse frutos das minhas actividades. Por vezes, a minha vida era tão ridícula que me dava vontade de rir, quando chegava a casa a meio da tarde e nada tinha que fazer. Mas nunca me arrependiria de ter vivido, isso nunca. Não tinha um carro para dar umas voltas, sair de Lisboa, Lily desaparecia do horizonte, enterrada na sua fibromialgia e eu, sem dinheiro, pairava em casa com a TV acesa, sem fazer realmanente grande filosofia, preocupado, tentando tirar qualquer coisa da cabeça. Sim, descrevia o meu quotidiano e estava longe dos mais diversos relatos novelísticos. Sim, mas por outro lado, a minha loucura era absolutamente sã, mesmo a doença que eu tinha estava mais ou menos controlada por mim mesmo e inclusivé tinha as suas vantagens, porque depois de um abatimento e calculismo, eu tirava sempre novas ilações para os meus livros e motivo de alegria no relacionamento com os outros, que andavam na sua maioria bastante abatidos por fatores os mais diversos, atacados por doenças mais ou menos conhecidas. A TV acesa podia significar parolice ou bastardia, saloice, mas eu sentia-me mais ou menos bem, voltando a acordar mais ou menos bem, conseguindo vestir-me bem de manhã e sair de casa, andar pela cidade, caminhando ou tomando os mais diversos meios de transporte. Por outro lado, dado que não aparecia ninguém na minha vida, já não sentia vergonha por isso ou vergonha por estar sózinho, isso

acontece a muita gente e mesmo voluntariamente. Talvez eu quisesse, como muitas pessoas, mostrar que tinha alguém, só para ser aceite ou coisa parecida. Tim vivia com os pais, perto de minha casa e passava nela bastante tempo. Talvez estivesse, um pouco como eu, à espera que os pais partissem para partilhar com outra pessoa o seu espaço. Eu era o mais pleno e acabado exemplo de como a cidade pode ser atroz e cercear a vontade pura de uma pessoa se relacionar com os outros, ou seja, estava há muito tempo em Lisboa, o tempo suficiente para fazer amigos, bastantes amigos, mas, por uma razão ou outra, isso não acontecia, não sabia bem se tinha algo a ver com a minha orientação sexual, pouco definida, pouco clara e precisa, se tinha a ver com a bebida, de que abusara nos últimos meses. Mas na casa anterior não tinha também feito grandes amigos. Por isso, tinha uma vida difícil e complicada, a não ser o meu carácter descontraído e relaxado, as coisas podia sempre ser bem piores.

# 57,

Sim, pode-se dizer que tive de roubar para fazer a tese, roubar livros, ser preso, hospitais, tudo isso, num trabalho que, diria, durou uns vinte anos. A redação da tese foi feita em poucos meses, num jacto, tendo projectado a sequência no terceiro capítulo da mesma. Custou-me bastante, mas deu-me bastante prazer e julgo que tudo isso reverte em favor da comunidade, não só filosófica e científica, mas também a comunidade dos homens e mulheres do senso-comum, digamos, especialistas noutras áreas. Oxalá pudesse continuar o meu trabalho e investigação, em Portugal, as coisas boas, como esta e outra, tardam em aparecer, mas acabam por aparecer, por isso gosto deste país. De modo que, nessa tarde de Primavera em Abril, optei por ver o Benfica e não me preocupar demasiado, arrumei a casa, a cozinha, as retretes, depois olhei para a minha cama e sonhei descansar, descansar, ainda que tivesse forte pulsão para procurar uma mulher, para uma coisa ou outra, e trazê-la ao meu reduto para a cobrir de beijos. Não tinha cerveja nem uísqui, mas tinha um pote de café e ia bebendo água para manter as vias urinárias desimpedidas. Comprei tabaco no melhor café de Moscavide e ainda fui tentado lá voltar, afligia, quero dizer, até a mim mesmo me dava aflição estar em casa a uma hora destas, numa época destas do ano e pensava na minha mãe, como havia sofrido por mim e nos meus irmãos, que viviam com pouco e que era tempo de levarem uma vida mais desafogada, bem eu chegasse a trabalhar. Claro que pensava no meu pai e na sua irredutibilidade e me ajudar. De algum modo, senti que lhe iria suceder, aqui em Lisboa e em Riachos e a ideia agradava-me, não era nem um Big Men nem o contrário, apenas eu cada, todos os dias, falando com uns e outros e procurando persistir com intensidade e prazer.

# 58,

Nina dividiu-se em duas, dada a sua natural fenoménica ambivalência e uma parte foi para o Júlio de Maltus (o grande tabu da sociedade portuguesa) e a outra para o Miguel Bombordo. Ah! Também passou pela clínica do Lobo Antunes que, é como soi dizer-se um ganda maluco, que escreve tudo o que lhe vem à ideia e sem nenhum rigor histórico, geográfico ou de outra ordem. Mal por mal, preferia o Saramago, não foi à toa que ganhou imensos prémios, mas também o Tavares ganha e não é grande espingarda. É notável como um sujeito como eu não tem advogado, sabendo que tem ainda algumas dívidas, que não paga porque não tem de pagar, já deu muito, aliás, não paga porque não pode. Um sujeito como eu, que nunca entrou numa sala de audiências para nada, dada a judicialização da sociedade, como no Brasil e nos EUA, passa ao lado de muita coisa, boa e má, sabendo-se que a Faculdade de Letras fica em frente da de Direito... Depois, percebi que o anti-clericalismo grassava no meu país; enquanto alguns acreditava pela primeira vez, outros acreditavam de novo. Muitas pessoas negavam a religião até ao fim das suas vidas, como se a vida fosse uma espécie de guerra ou *vendetta*, como se estivessem lutando contra o próprio Deus que os criou, relacionando socialmente uma fachada de bons crentes com uma desconfiança íntima face ao catolicismo. Muitas dessas pessoas viravam para o evangelismo e nem se davam ao trabalho de conhecer outras religiões ou fazer um pouco de meditação. Eram pessoas em pleno desarranjo mental, cuja vida apenas servia para vingar qualquer coisa ou se vingarem dos outros, numa luta que não lhes dava descanso nem mesmo a elas próprias. Muitas troçavam da pessoa de Cristo e facialmente poderiam troçar do islão, do judaísmo, muitas vezes imitando, simulando, comportamentos próprios da cultura americana, caricaturando Cristo como um drogado e, pessoalmente, troçando de mim em várias circunstâncias apenas por ter estado ligado à religião e quase ter sido frade. É claro que, não por isto, mas

por mim mesmo, voltei a acreditar, essa era o meu maior trunfo e estava singrando, os objectivos de ser professor aumentavam e estava relaxado, não teria de exigir muito mais de mim mesmo. As relações degradavam-se porque as pessoas se sentiam frustradas, tinham tanto, trabalho, mulheres e homens, casas, carros, festas, que nada fazia sentido. Talvez não tivessem a religião. Se experimentassem a estar um quarto de hora dentro de uma igreja para deixar a mente libertar-se, talvez conseguissem chegar a qualquer coisa, a uma espécie de paz onde não há palavras. Mas não, continuavam a persistir no mesmo erro e ver a religião não apenas como mais um recurso na paz e bem, no caminho da felicidade, mas alimentavam uma espécie de mesquinhez que poderia ter a ver com uma relação oscilante e misturada entre pagão e sagrado na sociedade, o que não condenava, algumas pessoas desconsideravam-me por não ter casado, por não ter filhos, por ter ido a prostitutas, fazendo crer que a heterogeneidade seria condenável, entufando a sociedade de leis e mesquinhezas que não interessavam nem ao menino Jesus. Depois, pensei, eu devo ser muito importante para ser tão falado e tanta gente me querer mal, será um espécie de controlo que eu tenho das coisas e das ideias que mete nervos? Será a tese? Bem, depois pensei, tenho de lutar, não posso desistir, estou nisto sózinho (ou não) há anos, não posso dar parte de fraco, mas também não posso ser fanático, nunca o fora, talvez a respeito de algumas coisas, como a droga, coisa que eu experimentar por duas ou três vezes, sim, o problema devia ter sido esse, devem pensar que eu vou recorrer à droga, como aconteceu na morada anterior, devem pensar isso, mas não, sou mais forte, se ainda não aconteceu até agora, dificilmente irá acontecer daqui para a frente, porque cada vez mais deixo de dar importância a umas críticas, quando dou alguma, até demasiada, a outras; o meu cérebro começava a aquecer, a carburar, um autêntico músculo mental que se desenvolvi no espaço e que me fazia integrar cada vez mais na paisagem, umas vezes o homem estava integrado, outras não, gerando um fenómeno de integração desintegrada de que o homem não se podia livrar, que, exercendo algum poder, o poderia conduzir ou ao bem-estar ou à desgraça. Sim, talvez devesse utilizar as vozes que ecoavam na minha mente (eu ouvia com a mente, de certo modo) a meu favor, au-delá de psicólogos e outros terapeutas, de forma que me ia

curando a pouco e pouco, chegava a casa e reparava o meu cérebro da exposição citadina com meditação, com água que bebia, com alguma comida razoável. O meu desejo para voltar a correr, por isso e por outras coisas, aumentou de novo, pois sentia-me bem fisicamente e queria sentir-me cada vez melhor.

# 59,

Consegui evitar um diferendo com o meu cunhado e tudo ficou mais pacificado, não só porque deixei de ser fanático mas porque baixei um pouco a guarda face a uma exigência teórica enquanto planteava as mais diversas situações. Pego no manual de Filosofia do décimo ano, que deu origem ao título da minha tese e lembro-me, em Braga não nos deixaram ficar os manuais, também é um pouco obstrusa a lógica da tríade pobreza-castidade-obediência, mas tudo bem, são fases da vida. Não tinha a mesma inspiração "rasgada" de outros tempos, muitas vezes o meu espírito decaía num certo pormenor do mundo exterior, não tinha nada de especial para fazer, mas persistia, os pensamentos intrusivos e oblíquos eram fortemente violentos, mas eu ora os apagava imediatamente (o que fazia com que voltasse com força) ora não dava assim tanta importância ao que pensava. Podia parecer estranho, podia estar viajando pelo mundo enquanto antropólogo ou diplomata, mas estava em Riachos, bastante feliz por ter ainda os meus (pais) comigo, e era eternamente grato ao cosmos por tudo isso. É claro que tinha consciência da finitude, acho que a temos todos mais ou menos um pouco, senão não teríamos, todos nós, um lado mais humano e bondoso. Via um pouco da CMTT, a tv dos crimes e dos escândalos, eu sabia que a sociedade era isso, mas era muito mais, abri uma garrafa de um vinho que estava nas prateleiras da sala, provei um pouco, soube-me a pouco, não deixava de pensar na discussão pública da tese, o pequeno estava nos computadores, que havia ficado em Riachos com a pequena, decerto a minha irmã faria amor nesse dia e ainda bem, que fossem felizes e eu, ainda estando só, embora falasse com Lily pelo facebook, sentia-me só. Descobria, uma certa forma de humor sabedoria tosca e brejeira de fazer os outros sentirem-se bem...isso fazia-me sentir feliz, eu não era uma pessoa negativa, muito longe disso... Ali, naquele canto do mundo, todos dormiam menos o meu sucessor, o pequeno Samuerl... Fumava sempre um último cigarro antes de me deitar. Foi o que

fiz nessa noite e via a minha vida como algo de válido, algo de necessário acontecer, algo de prever certa coisa e sentido bonito e interessante. Acreditava que só um grande amor me podia salvar da maníaca doença que me afligia, qualquer coisa que me arrebatasse desta vida e ao mesmo tempo a reafirmasse, ou seja, eu talvez estivesse adiando a felicidade ou negando o meu próprio (e de Boécio, claro), de eternidade do mundo. Sabia que partiria dentro de algum tempo, talvez pouco depois dos meus pais, talvez ficasse a minha mão mais um pouco depois de mim e comecei a pensar que todos os meus calculismos eram radicalmente desnecessários, mas mesmo assim não me conseguia libertar deles e, concluía, tinha de aplicar toda a minha aprendizagem em os controlar e viver com eles. Se Riachos pertencesse a Nova Iorque não fazia mal e pertencia já de certa maneira, até Lisboa. Todo este tempo pensando em Lily, a minha namorada portuguesa nunca mais aparecia, estava numa de duas casas que tinha, a Casa do Jardim, bebendo um pouco de vinho e pensando (ou não) em estar em Lisboa, nada demais tinha a fazer por estes dias senão atentar nos compromissos que tinha de evária onde lá por baixo, o meu velhote já tremia das pernas enquanto ressonava, a mão parecia estar bem. A ideia de a minha mãe e o meu velhote estarem por aqui e eu poder cuidar deles, agradava-me. Nunca fora muito ambicioso, em termos de status e vida social, ou até o fora em termos intelectuais, mas isso não me levava muito longe, Lisboa permanecia uma janela aberta e, depois disso, Nova Iorque, como uma outra janela, uma porta que podia abrir, franquear e depois voltar para trás, para a minha casinha. Naquele Sabado bebera uns cinco copos de vinho e meia dúzia de cafés, umas cinco cervejas, era o meu entretém desde há uns seis meses, a bebida. Se calhar até tinha algum problema no fígado, sentia dores. A minha obra e a tese não seriam mais divulgadas por vontade minha, para publicar tinha de pagar e a tese estava sendo traduzida para inglês. Talvez tivesse desistido um pouco dessa divulgação, especialmente das obras destes dois, três anos, umas 12 obras, porque comecei a ser efectivamente feliz através de uma vida simples e sincera. Naquela noite, não me apetecia ficar na cama. O génio da família tinha chegado de Lisboa e estava brincando ao computador com Fáfá. Todos os outros estavam deitados. Bebi meio copo de vinho, fumei o último de seis cigarros desse

dia e fui-me deitar. Não tive dores de cabeça nesse dia. Acordo cheio de pensamentos intrusivos, quando defeco, quando me visto, lá consigo ir ao café comprar tabaco e falar mais ou menos com Luigi, peço ao meu irmão vinte euros para ter a possibilidade de ir até Lisboa, dia 25 de Abril estarei por Lisboa. Uma forte dor de cabeça, como que um formigueiro, me projecta de novo para o atelier e logo para a escrita, não surgem grandes personagens, é certo que estou deprimido, a pequena faz os trabalhos e revela todo o seu mau feitio, bem como a minha mãe, como que me passam um atestado de incapacidade a cada coisa que faça, a cada coisa que diga, o meu pai aparece, mando-lhe umas observações mais ou menos sinceras e ele caga um peido, como se não se importasse com o que penso. No entanto, estou ali, aqui, ainda sempre disponível, sempre ajudando. A grande parte das pessoas que vejo está deprimida, para tudo e mais alguma coisa, eu estou também, mas tudo resulta dos colossal esforço que tenho feito para a tese, para a escrita. Tem, assim, uma justificação...

# 60,

A coisa estava funda, a minha preocupação, quando fora a Pombais, ouvira certos e variados comentários, alguns dirigidos e mim e outros não. Estaria perto de conseguir qualquer coisa de significativo, Menas, a senhora da tipografia, desejou-me Boa Páscoa e eu via nisso um sinal de que a tese estava bem encaminhada, mesmo não sabendo se teria de pagar emolumentos. Vida escrava e maldita, aquela daquele tempo, enquanto muitos não faziam nada de especial com a sua vida, apreciando os outros e a si mesmo em termos de vanglória pessoal, outros, como Eva e outros mais, faziam qualquer coisa, eu próprio também procurava fazer alguma coisa, materializar alguma coisa. O certo brilhantismo que eu possuía, vá lá, na escrita, era "compensado" com momentos mais ou menos depressivos, mais ou menos maníacos que demoravam cada vez menos tempo a passar, pois estava entretido com diversas coisas, não sabendo ao certo se o meu projeto de pós doc iria para a frente. O certo é que o final desta obra iria coincidir com a discussão da tese, seria, portanto, o final desta narrativa, quando os meus sentimentos por Lily iam refreando, abrandando, mas seduzia-me a ideia liberal de ter uma segura e estar pronta para as outras, eu precisava disso para me sentir forte e alimentar uma certa resistência face às agruras da vida. Por vezes ainda vinham ainda certos itens de rejeição dos outros face à minha pessoa, mas eu iam-me habituando, afinal a escrita era a minha terapia e o cansaço não era senão uma passagem para algo de mais significativo, para mim e para os outros. Eu estava, quase irremediavelmente, fora do mundo, noutra mundo, como o Príncipezinho, buscando as raízes de qualquer coisa, qualquer objecto de sentimento, que não sabia à partida bem o que seria. Eu estava desejando uma mulher como nunca, mas talvez pressentisse que não encontraria (encostaria) nenhuma até discutir a tese, ainda que fosse um pouco velho para tal e outros o tivessem conseguido mais cedo, aos vinte e cinco, mas nunca uma antropologia filosófica do

teor daquela que eu propunha, ou seja, fazer filosofia a partir da antropologia social, particularmente do trabalho de campo. Sim, estava na altura de me sentir o melhor, por isso não levantava vôo vezes frequentemente porque tinha receio de enlouquer, o meu objectivo era claro, o resultado das bolsas ainda não tinha aparecido, estranhamente, o prazo para os dois cargos de professor a que concorrera terminava dentro de duas semanas, não sentia necessidade alguma de me masturbar nem de ver imagens obscenas...nada, minha mente voava para os lugares onde poderia estar, mas não estava (lá), estava ainda em Riachos, sentia uma forte tensão na minha cabeça, mas nem um incentivo e um pai que não reconhecia nada, nem a minha irmã (nada) me dizia, afinal de contas estava a fazer uma coisa que poucos se atreveriam a fazer, com riscos inerentes a essa démarche relacional entre antropologia (social) e filosofia. Era chato, por vezes sentia-me um chato, sempre a puxar -para cima, nomeadamente, sempre a forçar novas ideias... Mas estava tudo bem, nada de muito mau me acontecera e aos meus, outros não teriam a mesma sorte. O artista procura o humano onde ele não existe, o jornalista não, procura algo apocalíptico que possa mudar a sua vida. O etnógrafo jamais pode ser romancista porque ele não tem grande imaginação, tal como o sociólogo, procura e provoca factos para os relatar. O filósofo nada no Nada. Estava eu nestas questões até ter um suporte económico para, ainda que com consideráveis reticências, voltar a estudar a filosofia pura e dura e sabia que tal podia advir apenas do trabalho, do dar aulas. A depressão é um medo de existir (Gil), como se forças diversas e esquisitas, mas absolutamente poderosas, nos fizessem recuar ante a vida e a biografia, um registo mais ou menos esquemático dos nossos pensamentos em termos de mapa mental.

# 61,

Consegui evitar um diferendo com o meu cunhado e tudo ficou mais pacificado, não só porque deixei de ser fanático mas porque baixei um pouco a guarda face a uma exigência teórica enquanto planteava as mais diversas situações. Pego no manual de Filosofia do décimo ano, que deu origem ao título da minha tese e lembro-me, em Braga não nos deixaram ficar os manuais, também é um pouco obstrusa a lógica da tríade pobreza-castidade-obediência, mas tudo bem, são fases da vida. Não tinha a mesma inspiração "rasgada" de outros tempos, muitas vezes o meu espírito decaía num certo pormenor do mundo exterior, não tinha nada de especial para fazer, mas persistia, os pensamentos intrusivos e oblíquos eram fortemente violentos, mas eu ora os apagava imediatamente (o que fazia com que voltasse com força) ora não dava assim tanta importância ao que pensava. Podia parecer estranho, podia estar viajando pelo mundo enquanto antropólogo ou diplomata, mas estava em Riachos, bastante feliz por ter ainda os meus (pais) comigo, e era eternamente grato ao cosmos por tudo isso. É claro que tinha consciência da finitude, acho que a temos todos mais ou menos um pouco, senão não teríamos, todos nós, um lado mais humano e bondoso. Via um pouco da CMTT, a tv dos crimes e dos escândalos, eu sabia que a sociedade era isso, mas era muito mais, abri uma garrafa de um vinho que estava nas prateleiras da sala, provei um pouco, soube-me a pouco, não deixava de pensar na discussão pública da tese, o pequeno estava nos computadores, que havia ficado em Riachos com a pequena, decerto a minha irmã faria amor nesse dia e ainda bem, que fossem felizes e eu, ainda estando só, embora falasse com Lily pelo facebook, sentia-me só. Descobria, uma certa forma de humor sabedoria tosca e brejeira de fazer os outros sentirem-se bem...isso fazia-me sentir feliz, eu não era uma pessoa negativa, muito longe disso... Ali, naquele canto do mundo, todos dormiam menos o meu sucessor, o pequeno Samuerl... Fumava sempre um último cigarro antes de me deitar. Foi o que

fiz nessa noite e via a minha vida como algo de válido, algo de necessário acontecer, algo de prever certa coisa e sentido bonito e interessante. Acreditava que só um grande amor me podia salvar da maníaca doença que me afligia, qualquer coisa que me arrebatasse desta vida e ao mesmo tempo a reafirmasse, ou seja, eu talvez estivesse adiando a felicidade ou negando o meu próprio (e de Boécio, claro), de eternidade do mundo. Sabia que partiria dentro de algum tempo, talvez pouco depois dos meus pais, talvez ficasse a minha mão mais um pouco depois de mim e comecei a pensar que todos os meus calculismos eram radicalmente desnecessários, mas mesmo assim não me conseguia libertar deles e, concluía, tinha de aplicar toda a minha aprendizagem em os controlar e viver com eles. Se Riachos pertencesse a Nova Iorque não fazia mal e pertencia já de certa maneira, até Lisboa. Todo este tempo pensando em Lily, a minha namorada portuguesa nunca mais aparecia, estava numa de duas casas que tinha, a Casa do Jardim, bebendo um pouco de vinho e pensando (ou não) em estar em Lisboa, nada demais tinha a fazer por estes dias senão atentar nos compromissos que tinha de evária onde lá por baixo, o meu velhote já tremia das pernas enquanto ressonava, a mão parecia estar bem. A ideia de a minha mãe e o meu velhote estarem por aqui e eu poder cuidar deles, agradava-me. Nunca fora muito ambicioso, em termos de status e vida social, ou até o fora em termos intelectuais, mas isso não me levava muito longe, Lisboa permanecia uma janela aberta e, depois disso, Nova Iorque, como uma outra janela, uma porta que podia abrir, franquear e depois voltar para trás, para a minha casinha. Naquele Sabado bebera uns cinco copos de vinho e meia dúzia de cafés, umas cinco cervejas, era o meu entretém desde há uns seis meses, a bebida. Se calhar até tinha algum problema no fígado, sentia dores. A minha obra e a tese não seriam mais divulgadas por vontade minha, para publicar tinha de pagar e a tese estava sendo traduzida para inglês. Talvez tivesse desistido um pouco dessa divulgação, especialmente das obras destes dois, três anos, umas 12 obras, porque comecei a ser efectivamente feliz através de uma vida simples e sincera. Naquela noite, não me apetecia ficar na cama. O génio da família tinha chegado de Lisboa e estava brincando ao computador com Fáfá. Todos os outros estavam deitados. Bebi meio copo de vinho, fumei o último de seis cigarros desse

dia e fui-me deitar. Não tive dores de cabeça nesse dia. Acordo cheio de pensamentos intrusivos, quando defeco, quando me visto, lá consigo ir ao café comprar tabaco e falar mais ou menos com Luigi, peço ao meu irmão vinte euros para ter a possibilidade de ir até Lisboa, dia 25 de Abril estarei por Lisboa. Uma forte dor de cabeça, como que um formigueiro, me projecta de novo para o atelier e logo para a escrita, não surgem grandes personagens, é certo que estou deprimido, a pequena faz os trabalhos e revela todo o seu mau feitio, bem como a minha mãe, como que me passam um atestado de incapacidade a cada coisa que faça, a cada coisa que diga, o meu pai aparece, mando-lhe umas observações mais ou menos sinceras e ele caga um peido, como se não se importasse com o que penso. No entanto, estou ali, aqui, ainda sempre disponível, sempre ajudando. A grande parte das pessoas que vejo está deprimida, para tudo e mais alguma coisa, eu estou também, mas tudo resulta dos colossal esforço que tenho feito para a tese, para a escrita. Tem, assim, uma justificação...

A coisa estava funda, a minha preocupação, quando fora a Pombais, ouvira certos e variados comentários, alguns dirigidos e mim e outros não. Estaria perto de conseguir qualquer coisa de significativo, Menas, a senhora da tipografia, desejou-me Boa Páscoa e eu via nisso um sinal de que a tese estava bem encaminhada, mesmo não sabendo se teria de pagar emolumentos. Vida escrava e maldita, aquela daquele tempo, enquanto muitos não faziam nada de especial com a sua vida, apreciando os outros e a si mesmo em termos de vanglória pessoal, outros, como Eva e outros mais, faziam qualquer coisa, eu próprio também procurava fazer alguma coisa, materializar alguma coisa. O certo brilhantismo que eu possuía, vá lá, na escrita, era "compensado" com momentos mais ou menos depressivos, mais ou menos maníacos que demoravam cada vez menos tempo a passar, pois estava entretido com diversas coisas, não sabendo ao certo se o meu projeto de pós doc iria para a frente. O certo é que o final desta obra iria coincidir com a discussão da tese, seria, portanto, o final desta narrativa, quando os meus sentimentos por Lily iam refreando, abrandando, mas seduzia-me a ideia liberal de ter uma segura e estar pronta para as outras, eu precisava disso para me sentir forte e alimentar uma certa resistência face às agruras

da vida. Por vezes ainda vinham ainda certos items de rejeição dos outros face à minha pessoa, mas eu iam-me habituando, afinal a escrita era a minha terapia e o cansaço não era senão uma passagem para algo de mais significativo, para mim e para os outros. Eu estava, quase irremediavelmente, fora do mundo, noutra mundo, como o Príncipezinho, buscando as raízes de qualquer coisa, qualquer objecto de sentimento, que não sabia à partida bem o que seria. Eu estava desejando uma mulher como nunca, mas talvez pressentisse que não encontraria (encostaria) nenhuma até discutir a tese, ainda que fosse um pouco velho para tal e outros o tivessem conseguido mais cedo, aos vinte e cinco, mas nunca uma antropologia filosófica do teor daquela que eu propunha, ou seja, fazer filosofia a partir da antropologia social, particularmente do trabalho de campo. Sim, estava na altura de me sentir o melhor, por isso não levantava vôo vezes frequentemente porque tinha receio de enlouquer, o meu objectivo era claro, o resultado das bolsas ainda não tinha aparecido, estranhamente, o prazo para os dois cargos de professor a que concorrera terminava dentro de duas semanas, não sentia necessidade alguma de me masturbar nem de ver imagens obscenas...nada, minha mente voava para os lugares onde poderia estar, mas não estava (lá), estava ainda em Riachos, sentia uma forte tensão na minha cabeça, mas nem um incentivo e um pai que não reconhecia nada, nem a minha irmã (nada) me dizia, afinal de contas estava a fazer uma coisa que poucos se atreveriam a fazer, com riscos inerentes a essa démarche relacional entre antropologia (social) e filosofia. Era chato, por vezes sentia-me um chato, sempre a puxar -para cima, nomeadamente, sempre a forçar novas ideias... Mas estava tudo bem, nada de muito mau me acontecera e aos meus, outros não teriam a mesma sorte. O artista procura o humano onde ele não existe, o jornalista não, procura algo apocalíptico que possa mudar a sua vida. O etnógrafo jamais pode ser romancista porque ele não tem grande imaginação, tal como o sociólogo, procura e provoca factos para os relatar. O filósofo nada no Nada. Estava eu nestas questões até ter um suporte económico para, ainda que com consideráveis reticências, voltar a estudar a filosofia pura e dura e sabia que tal podia advir apenas do trabalho, do dar aulas. A depressão é um medo de existir (Gil), como se forças diversas e esquisitas, mas absolutamente poderosas, nos

fizéssem recuar ante a vida e a biografia, um registo mais ou menos esquemático dos nossos pensamentos em termos de mapa mental.

# 62,

Não, não culpo os meus pais, nem sequer o meu pai, para ele e eles os dois, bastava ter ficado na aldeia e ter uma ou outra obra para fazer, enquanto engenheiro ou arquitecto, não têm, como outros têm, o sentido do legado do escritor, nem sei a repercussão da minha obra, apenas procuro uma certa quantidade de dinheiro para fazer a minha filosofia e, não o tendo, faria uma certa forma de literatura. Afinal, é um acto de coragem um sujeito que pouco trabalhou abandonar tudo e fazer filosofia, puxar para cima, bem para cima, sem o incentivo do pai, de ninguém, absolutamente ninguém. Por isso me deixei de importar tanto com as coisas, as pessoas e as ideias. Mesmo o facto de ser antropólogo deixou de fazer sentido, de fazer sentir e marcar algum tipo de necessidade. Embora me sentisse entrar numa espécie de redoma junguiana que seria o inconsciente colectivo, não abusei disso, desse status, para o fazer, a sua manipulação, fazer reverter a meu favor, porque afinal, estava tão sózinho quanto o tempo em que havia nascido, nú, sem cabelo, gritando ao mundo como um homem revoltado (Camus, Platão). Sim, em diversos momentos da minha vida fui pessimista, mas tinha razões para isso. Mesmo as filosóficas, dei conta delas. Não meti para dentro, numa insondável dor num mar de Nada, de Vazio. Tirei a coisa cá para fora e vejo moralistas até nos mais jovens. Lily tinha razão, o irmão do meio, que devia ter saído rapariga, é um pouco o bode expiatório da família, tem de gritar mais alto, de abrir mais a boca, de inventar mais (desculpas e outras coisas) para poder garantir o alimento, literalmente. Porque o alimento do espírito ele sabe bem onde o procurar e encontrar. Não esperava mais do meu pai e desistia de estar perto dele, quando a minha irmã e o meu irmão não faziam isso. Breve breve, brevemente, estaria de novo em Lisboa, também sózinho, mas absolutamente com outras perspectivas. Homens como ele há muitos, afinal, também eu sou um pouco assim, eu

e meus irmãos fazemos a intermediação pelas gerações. Amigos, onde estavam eles, começava-me a lembrar dos defeitos de Victor, talvez para o esquecer, talvez para me esquecer e seguir em breve. Havia despachado Danny e sentia por isso um grande alívio, lembrando-me das vezes que ele gozava de mim. Tinha alguns, na internet, nada mais. Esperava, com a vinda do trabalho, a encontrar alguém. E, lembrava-me, ainda que apajando o meu, que ele podia ter feito uma ligação de TV para a Casita, mas ainda não o havia feito, em todos estes anos. Ou ela talvez não estivesse preparada para isso, não sabia ao certo. Eram pontos de bastante insensibilidade que o meu pai sempre teve, coisa que vinha sendo mais corrente nos últimos tempos a partir da minha mãe, que sempre me defendera diante dele, sempre irascível, insuportável, afinal, para pouca coisa, no que me diz respeito, pois quase tudo o que fiz na vida foi quase tudo à minha custa, mesmo sem grandes ajudas de fora...

Mais adiante, fui até à Igreja Nova ver o meu saldo, para ver se podia regressar a Lisboa no dia seguinte e se não é a minha surpresa que vejo o Colinas no café, estava cansado e triste, confuso, talvez se devesse à defesa da tese, algo confundido porque não tinha inserido grandes citações, mas decerto que não teria feito plágio, mas nestas coisas nunca se sabe, o bom é estar preparado, convinha não embandeirar em arco, chovia imenso e parecia-me que Lily estava ansiosa para vir para Portugal, pois foi ao banco aflita com dinheiro, o meu pai estava um pouco em baixo, ele ressentira-se bastante com o meu questionamento filosófico, a minha mãe também, a minha irmã também, o meu irmão não tanto, porque sempre fora um pouco filósofo, como eu. Mas creio que estavam, apesar dos meus abalos, todos mais ou menos bem e isso reflectia uma tese de grande valor, teórico e antropológico, não de uma filosofia pura, mas partindo de uma filosofia dos factos para considerações diversas sobre a fenomenologia das relações sociais. Estava cansado, doíam-me os músculos, Lily partira o joelho e eu também, nesses dias, num piton junto ao multibanco. Eu sempre fora muito intimista e emocional, agora, entrando na filosofia, tinha de ser racional q.b., tinha de ter calma e esperança no mundo. Pelo menos no meu, nos meus. Um grande avanço literário-epistemológico, mesmo em termos de teoria literária, seria eu falar na primeira pessoa, a partir de um tempo futuro, como fosse uma espécie de

Jacques Tati debruçado sobre uma criança, ou seja, eu não estava na época do romance, romaneava-se pouco, havia muitos livros de auto-ajuda, contudo as pessoas nunca como naquele tempo praticavam tanto sexo. Isso era revelador de uma grande ansiedade, de uma evidente falta de fé, entre outras coisas, frutos de uma desconstrução que começara depois de 74, em que se seguiram épocas de abundância, alternadas com outras de grande e cruel privação, talvez devido a isso, a esse ondular, a essa frequência de um vão colectivo da existência, a Tv servia de palco público de uma subjectividade partilhada, como se estivessem os portugueses, por alguns minutos, por meio dos programas da Cristina Ferreira, em suspenso, pensando e existindo todos ao mesmo tempo, esse magma que criava diversos deuses e relegava um Cristo histórico para a tribuição do carácter de actor sideral em toda a linha, como em "A Bíblia", com um jovem actor na berlinda, o mesmo que aparecia na mini-serie a partir de uma pequena estação de comboios a caminho da Beira Interior. Podia estar a enveredar por uma grande chatice na minha vida, a filosofia, ler filosofia, dar aulas de filosofia, creio que o poderia fazer no ensino superior, pois tinha na minha mente um sistema de pensamento em torno do qual orbitavam as abundantes leituras e autores, só precisava de acertar mais algumas e alguns para saber tudo e mais alguma coisa em antropologia filosófica, muita coisa (não tudo) em filosofia, em antropologia, que me ia escapando um pouco, mas, hellás, só sabia que nada sabia...e estava cansado, queria que viesse logo a discussão da tese para poder desacansar, acabar o livro e preparar um ano lectivo desde esse Abril até Outubro do mesmo ano. Em todo o caso, penso mais ou menos isto: o grande mal da sociedade é puramente lévi-straussiano, ou seja, o homem procura a melhor das mulheres para se exhibir, para mostrar, demonstrar ao item social, à sociedade, que tem um bom partido, a sua acção (rousseauiana) é guiada pelo que pensam os outros, sendo difícil e complicado fazer valer socialmente a sua imagem pessoal... Talvez seja apenas este o problema, tanto de índole ética quanto estética (simbólica) e económica. Noutra vertente, talvez a sensação, nítida na nossa mente, do tempo a passar (também no nosso corpo e nas plantas em redor) seja mais reconfortante do que o tempo estático que é sempre reflexo de um sentimento de tristeza e incompletude que tem sempre a

ver com o amor, ou seja, parafraseando, há entre nós Portugal, um sentimento trágico da vida (humana, vegetal, animal), uma questão que tem muito a ver com os espasmos do Cristo na cruz e, logo de toda a cristandade que treme por ele e por nós, futuros transmissores e reservoires de uma fé dócil, esparsa, quase inexistente, porque deu lugar ao secularismo e ao ateísmo, uma fé e um pensamento frágil, débil (Vattimo).

Os velhotes descansam. Recebo uma proposta sexual do José Castelo-Branco, que rejeito, tou tramado, alguma gente pensa que sou gay ou bi. Talvez esteja sendo por estes meses em que tenho bebido e preparado a entrega da tese. Talvez tenha sido, sem no entanto me entregar a nenhum homem ou mulher, sim, talvez a palavra, a expressão e o sentimento, sejam esses, não me entreguei ainda, por isso continua acesa a teoria e a práxis na minha mente, na forma da tese em antropologia filosófica ou metafísica e no enésimo livro desde há dois anos, ou seja, doze volumes de (quase todos) cento e oitenta páginas, nunca é demais lembrar isso. E continuo trabalhando, tirando notas avulsas, algumas para a defesa da dissertação outras para mim mesmo, questões que vão aparecendo na minha mente, é claro que há (bastantes) filósofos mais brilhantes do que eu e até antropólogos (talvez mais), mas de certa maneira também sou sociólogo e teólogo, falta-me colmatar algumas falhas no meu sistema, que eu todo o caso já se fechou e já se re-abriu de novo, com inserções de teologia, etologia e psicologia social. Estudo os passarinhos do meu velhote, que se reproduziram bastante em poucas semanas, uns seis no total. Uma gatinha preta a quem a minha mãe dá comida deitou cá pra fora quatro gatinhos na raíz protegida de uma árvore, ao fundo do quintal. Talvez leve um para Lisboa...nem que seja preto, eu até nem sou racista e bastante daltónico, por sua vez...e nem sequer supersticioso. Não procuro nada de especial nesta vida, demonstrar, ou talvez procure, inconscientemente, provar que não sou deficiente, inválido, provar que mesmo com um toc se pode estudar e saber de filosofia, ensinar filosofia, demonstrar todo e qualquer tipo de saber...

# 63,

Eu podia estar chegando a um ponto de realização e re-conhecimento público de algum significado para o meu futuro, mas estava carente, faziam quatro meses que não estava com nenhuma mulher, todos temos as nossas taras, os nossos impecilhos mentais e a maior parte do tempo somos tolhidos por eles; mesmo que sejam coisas do mundo, a filtragem moral tem a ver com a nossa vontade de ir em frente, de ser mais, a simples vontade de Ser e encontrar o ponto de equilíbrio o mais rapidamente possível e que assim que o tem, assegurar mantê-lo o mais tempo possível sob nossa alçada... Depois, podia ter sido o que se chama um galã, um playboy, um garanhão...se não tivesse óculos, se não soubesse muita coisa sobre o mundo, se não tivesse começado a ler livros aos doze, mas ainda posso e quero ser, os estereótipos do intelectual, do dandy, do sedutor estão interligados, a intelectualidade é uma das formas de sedução, talvez a mais íntima e reconfortante... Tinha cabeça cheia de coisas, ideias, ideais talvez não, corpos, mas ainda estava viva a minha força, o meu querer de vencer, não me queria deitar logo, era quase uma da manhã e recomeçara a chover. Tinha uma certa vontade de ir ao café, tinha dois cigarros, talvez procurasse uma ideia, um sentimento, que aplacasse o meu tenso e violento espírito, acometido por pensamentos mortais e de toda a ordem, cruzados na mente, uns acerca da morte outros do sexo, entre muitas imagens provindas de uma certa forma de esperar o éden em mim e nos outros, especialmente a minha mãe. Estava absolutamente cansado e não já servia a estratégia de meditar em pé, ou em andamento, de um lado para o outro e em círculos do estúdio, a estratégia mental para procurar um pensamento em mim que me sossegasse a mente, que se retorcia em mil e um números, equações, sologismos. A vida estava triste, difícil para mim, eu sempre me esforçara, mesmo quando, entre a escrita dos livros, estava de cama horas a fio e sobretudo nestes dois

últimos anos em que mudei de casa. Pressentia a natureza (do social) prenhe à vista de mim mesmo e de alguns dos meus...esperava mais um pouco, mais umas duas semanas e depois, logo viria e veria o que fazer...ou talvez continuasse a viver normalmente, fazendo tudo (numa nova versão), para que sentisse e transparecesse, um certo sentimento de completude. O objectivo da rádio, nos meus dias, era manter a moral em alta, ter uma companhia. Contudo, a doença grassava, logo ao acordar, mas não era doença, era maldição, qualquer coisa mais grave do que um toc, uma sentença que me mantinha nintimamente só num inferno que poucos sabiam existir em mim. Sim, por mim talvez tivesse um toc homossexual, como diziam os médicos e psicanalistas, como corria pela net. Mas era hetero, nem sempre o fora, a maior parte do tempo fora gay, em outro tempo fora bi, mas assumia-me como hetero, procurava viver com uma miúda, uma mulher e isso não me saía da cabeça, embora tal desejo não fosse tão persistente quanto antes. Não tinha grande ambição de ser isto ou aquilo, o quotidiano banal seduzia-me mais, pegar em coisas sem sentido, repetidas vezes, e dar-lhe uma roupagem conceptual, estar pronto, estar solícito, estar feliz. Talvez o meu velhote tivesse razão: "tanta coisa por causa de um buraco"...

# 64,

Todo o lisboeta, alentejano ou transmontano é mouro e pouco católico. Em Lisboa respeitam-se mais os estrangeiros do que, por exemplo, os espanhóis e mesmo os filhos de emigrantes portugueses em França, que defendem uma certa maneira de ser português, da região norte-centro à qual a maior parte do habitante de Lisboa nem sequer está a par ou compreende. Por vezes, as pessoas nem gostam de nós, simplesmente, ou estão tão deprimidas que não se contagiam com uma pessoa bem-disposta, parece-lhes logo alegre (gay), quando, por exemplo, em Copenhaga, seria o maior dos amchões cobridores. Viro a cara para o lado, como quem dá a outra face, evito turras, chega de conflitos, eles se quiserem que se enervem, a expensas de mim mesmo. Não me vejo obrigado a dar aulas no superior, embora tivesse capacidade e sistema para o fazer, talvez acabe uns anos numa escola secundária, num liceu e, depois de ir a NY, enverede por uma carreira universitária. Mas não é mister. Era para trazer um gatinho para me fazer companhia, mas ele está ainda debaixo das saias da mãe. Trouxe um cacto, que despontou numa semana com alguma água e cinza de cigarro, com duas pontas que eu interpreto, simbolicamente, como a minha presença na casa e a da mulher que há-de vir, talvez seja apenas e tão maravilhosamente Lily...as outras servem para encher chouriço. O homem faz-se sisudo porque tem o frente de aguentar uma relação que é só para inglês ver. Há muitos por aí assim. Rezo para que não me torne um desses.

# 65,

Muitas vezes levantamos demais a cabeça para o fio, o fim do horizonte, e a solução está mesmo debaixo do nosso nariz. Tanta coisa com a América e porventura ela não me daria mais do que maluquice e isso já tenho que chegue. Mas também já desejei em silêncio e no escuro bastantes vezes e...nada, como se alimentasse qualquer coisa de sobrenatural em mim, além de mim e não fosse atreito à praticidade das coisas e dos sentimentos. Com muito sacrifício e humildade, eu tinha chegado a qualquer coisa de significativo, tinha assentado arraiais mais uma vez na capital, enquanto a vizinha da frente fechava a janela. Eu fiz o mesmo. Conheci por meio de um anúncio uma jovem de 18 anos, recebi uma de 19 para aluguer do quarto e tudo isso quase me fez desistir de Lily, deixei durante umas horas de alimentar uma certa coisa em relação a ela, não por ser preta, mas porque não tinha grande corpo e era mais velho do que, de modo que estava como que procurando uma agulha no palheiro e fui ficando convencido de que poderia ter uma “pitinha”, uma novinha, sem que isso fosse necessariamente pedofilia. Ela iria conhecer, de certo, um miúdo sem experiência, porque não eu, então? Porque não um homem mais velho??? Qual a diferença, se ela permitisse? Seja como for, nesta situação bem dramática e enfiuzada, talvez não tivesse muita sorte, não estava desesperado, não era, nem de londe nem de perto, o Secretário, da selação, como dizia Danny, que ficara para trás com os seus factos sociais (tudo menos fenómenos sociais totais) e o Ricardo, que ora era sociólogo e deixara de ser antropólogo, mesmo tendo tido condições para tal, o cromo.

# 66,

Mais pra mais, chega-me viver com certas consolações e fazer a minha prosa, antes era mais poética do que é hoje, porque talvez esteja um pouco desencantado com o mundo. Chega-me o orgulho do meu irmão e da minha irmã em me terem como irmão (curioso, aplica-se tanto a ele como a ela, “irmão, como se fosse um “fratelo”), o orgulho dos meus pais por ter chegado a algum lado, a algum lugar, enquanto Heidegger dizia o que lhe apetecia da sua cátedra, tal como Malinowski ou Iturra, pessoas que vou esquecendo para me ocupar de outras questões. A cola Pica-Pau, feita de farinha, está-se acabando e eu começo a desligar-me de certas coisas, de certas teorias, inclusivé o estruturalismo, para estar mais virado para um olhar atento mas desinteressado das coisas do mundo. Já não me preocupam tanto as pessoas, já não me preocupam. Já quase nada me preocupa e liberto-me das seguranças mentais de uma doença e da viralidade de certas coisas da internet e ainda de alguns livros e autores, porque, afinal, não tenho (e talvez nem sequer caminhe) para uma ligação institucional, liberto-me das seguranças sem me sentir inseguro. Isso é a liberdade. Quando aliada à felicidade, nada há de mais portentoso na natureza, na humana e na outra. O meu corpo faz parte da paisagem e tenho algum arrependimento de não ter sido geógrafo, apenas fui um vago professor de geografia. Por isso, não insisto tanto na filosofia, mas mais na cultura, nem me preocupa tanto o amplexo, ainda que o deseje profundamente, podia ser “qualquer” mulher, eu tenho esse dom de ser ou não ser esquisito quando bem entendo, porque, afinal, tenho a Lily pensando em mim.

# 67,

A meu modesto ver, ainda que expert numa certa filosofia, o sentido da vida está em recolher alegrias, sentimentos, como o faz a abelhinha face à flor, como o faz o agricultor que conduz ao cabaz, à cesta, os frutos da terra, as maçãs, as framboesas, os morangos. Nunca estive em NY, acho que se lá tivesse não regressaria tão cedo, antes de mais porque é perigoso apenas se procurarmos o perigo. Em certo sentido, pode ser bastante pacífico, se dermos o litro, se dermos o corpo às balas, se nos confundirmos com os outros com o que somos e não somos, se nos confundirmos com a paisagem sem deixarmos de ser quem somos, num certo regimen de autenticidade tão louca quanto filosoficamente lógica. É claro que é uma sociedade extremamente sexista, como é a nossa, embora em menor grau, mas creio que é mais difícil entender Tóquio do que Nova Iorque, embora noutro sentido, não sei bem qual, é exatamente a mesma coisa, digo, no sentido em que estar aqui, ali ou acolá, é exatamente a mesma coisa, pois a certo ponto não nos preocupamos tanto com cientificidade (das relações, dos encontros, dos crimes e violentas acusações) nem com arrebatamentos (e arrebatamentos) filosóficos...

De modo que o meu objectivo, a partir daquela noite de Abril, vésperas de um 25 de Abril, seria sorver o tutano da vida e da condição humana, ir mais devagar, fruir mais o momento, o sentimento, um belo cigarro. Sim, resolvi ir à Portela, de novo, para comprar uns maço de Peter Stuyvesant...

# 68,

Na rua da Estefânia encontrei vendendo fruta uma velha idosa que conhecia desde há alguns tempos dos tempos no hospital, que me disse quando lhe comprei uns moranguitos: “Aprende a respeitar os teus olhos e o que entra por eles dentro. Lembra-te que há cegos felizes que não querem ver e há quem tenha grandes olhos e esteja cego desde sempre”. Sim, lembrei-me do “Ensaio sobre a Cegueira”, do Saramago, muitos estão cegos, embora eu prefira a cegueira do capitalismo norte-americano à lucidez do socialismo. Assim, no final do mês que estaria a viver, saberia alguma coisa dos dois concursos para professor e do concurso para investigador, enquanto aguardava pela solicitação face à entrega da tese com vista à respectiva discussão. Dava a mim mais um mês para me preocupar sem me preocupar grande coisa, o grosso da coisa estava feito, lutava contra este país apequenado ante a sua própria herança histórica e sabia que os turistas olhavam para um português orgulhoso dele mesmo e deles mesmos também, porque por outra maneira nada ou quase nada, tenuamente teríamos a ver com os tempos das descobertas, de vidas em excesso como as de Dom João VI, que trouxera uma tamanha quantidade de ouro do Brasil e deixara para trás um país quase subdesenvolvido, que eu admira contudo bastante, e viria a enterrar em vários mosteiros e igrejas tal minério valioso, adiando para quase nunca uma revolução industrial que estava já começando a norte, numa certa ilha. Mas...de quem é a culpa? Talvez seja nossa, de todos nós, um pouquinho para cada um de nós, por vezes achamos que a vida tem um sentido libertário a nosso respeito, ou capitalista, noutra sentido, esquecendo-nos do teor moral que nossa acção e discurso representam e expandem no ar, para os ouvidos dos outros. Sim, um país pequeno, onde tudo se sabe, de um momento para o outro, com excesso de comunicações, de telecomunicações, quando o interior está ficando sem gente...

# 69,

Depois, concluí, a meio da noite que a maioria das mulheres vai com qualquer um e logo com aquele que lhe garantir sustento e festas. Concluí que a maioria das mulheres que se riam ou sorriam para mim, eu bem sei que a cidade é pequena e que tudo corre, seria não por admiração, por gostarem de me ver, mas por troça, gozo perverso de ver o meu sofrimento, o modo como eu corria para as coisas e atrás das coisas, como que desejando que eu sofra mais, quem sabe instigadas por jornalistas e meus antigos professores, não todos, mas concerteza alguns, para além de muita miudagem. Por isso, aprendi a não me preocupar tanto com este Portugal que, ao fim de tanto tempo, não me dava emprego e ainda me considerava deficiente, para não dizer doente mental, quando muitos eram esquizofrénicos e ocupavam altos cargos, na banca, nas empresas, no governo. Creio até que seriam a maior parte deles. Só porque não conseguia dormir. Sim, eu, praticamente doutorado em Filosofia, tinha a minha Lily, longe, e por perto era complicado arranjar uma miúda, pelo que resolvi mais uma vez colocar um anúncio numa revista e logo choveu uma quantidade de telefonemas, umas, santa mãe, para coisar outras só para falar, fosse por dinheiro fosse por outra coisa, a maior parte das vezes adolescentes que queriam ouvir uma voz mais velha e tinham a crica em brasa por vez o padrasto fornaciando sua mãe. Puxa! Então, eu resolvi ficar mais um pouco na cama, estava um pouco cansado e estava nesta de me vangloriar das conquistas amorosas e já deixara para trás William Blake (Ser qq.coisa...), mas ainda tinha o Ezra Pound na mochila para ler no metro... Eu via por aí muito kalimero que só se ocupava de tramagâncias de todo o género, quando eu, sujeito de alta estirpe intelectual, me via afoito a inúmeras aventuras, desagradáveis, grande parte delas, para arranjar um bom pedaço para fazer alguma coisa, trincar ou coisa assim. Muitos “toscos” queriam ter a minha argumentação e qualificações e muitos intelectuais, filósofos ou não, queriam ter o meu à-vontade nas

coisas do sexo e das relações, com ou sem álcool, sim, eu já passara a fase do mérito, não estava para segurar quase coisa nenhuma, talvez até ao fim do mês, quem sabe, mas era coisa de surdos, de surdos-mudos, coisa minha e eu não estava muito disposto a inventar mais coisa nenhuma, apenas me preocupava com a minha saúde e sanidade mental.

# 70,

À medida que as coisas aconteciam, que descobria, por exemplo, os mistérios insondáveis das mulheres, mais ou menos letradas, mais ou menos polidas, notava que tinha mais vontade de escrever e dava comigo à mesa da secretária do Atelier Aurora...esta é a última consideração de carácter objectivo que faço nesta obra... Havia muitos escritores que caíam no engodo de escrever sobre mulheres, pormenorizadamente, dizendo uma ou outra coisa acertada. E porque não fazer uma filosofia dos afectos, das emoções, já que se havia feito uma antropologia de tal faceta do discurso e comportamento, do pensar, com, por exemplo, David LeBreton? De modo que sabia tanto do mundo que desisti de ser humanista, em teoria, se é que era isso que ele fazia, teria ultrapassado Lobo Antunes e Saragamo, de longe M. Tavares e outros mais que diversos autores, no entanto, continuava a minha demanada, a minha quest e a procura de acabar este livros, não tinha pressa nem tão pouco era gay ou bi, ponto. Vivia o desencanto de não ter ninguém na cama comigo e, sinceramente, achava-me o maior, mas não estava nem aí, como diz o brasileiro, porque afinal era um monstro da literatura, da filosofia, da ciência social, pronto a deixar tudo isso para trás, coisas sem significado, objectivos a que nos agarramos e que nunca acontecem, tara, transas, manias e maningâncias só para termos algum afecto e talvez seja esse o grande domínio do futuro, porque a humanidade está perdendo o sentido do afecto e do modo de o aplicar, ou está ganhando, por outra via, não sei em que sentido. E fora a última vez que mostrara o meu quarto para alugar, isso sim, como engodo para transar, arranjar mulher e qual o problema, ficaria em casa nesse dia e nada aconteceria e ao mesmo tempo isso seria acontecer tudo, porque o melhor está além da vida e não nela contido, tão pouca coisa...

# 72,

Sim, há algum sentido de injustiça em tudo isto, enquanto vejo uma TV que se aproveita das desgraças dos outros para contemplação pornográfica da morte dos outros, há comentadores que se pavoneiam ora da política ora do futebol e eu, depois de ter falado com Dolores ao vivo, sempre precisado, reconheci que ela nada queria comigo, apenas queria entrar em minha casa, porque sou famoso e não quebro, enquanto aguardo por Leia, por que toque à campainha e de cubra de beijos, de preferência sem pagar. A maior parte dos portugueses faz a merda e depois vai à igreja e ao psiquiatra, eu não preciso nem de uma coisa nem de outra, afinal de contas apenas está em causa uma tese, depois outra, um emprego como professor. A coisa deu para o torto, conheci uma miúda, dos seus trinta anos, que precisava de setenta euros para medicamentos dos seus pais, que passavam mal. A coisa nunca corre como tu queres e a literatura serve sempre uma certa regionalidade e uma visão da infância. Não sabia como arranjar dinheiro para lhe dar e aos medicamentos para os pais, dentro de dois dias. Por vezes olhava para os cargos que outros tinham e que eu nunca tive, talvez nunca quisesse ter, talvez desistisse de tudo, porque tudo isto já me estava a enjoar, porque desistir não é perder, mesmo face a uma sociedade que alimenta um circo a propósito de coisas que nada acrescentam ao Ser. Na verdade, cada um é o que procura, o que sofre e o que ganha, tomar os seres por igual é um grande erro, porque a maior parte persiste no erro julgando-se superior aos outros e eu havia passado para sempre a porta daquilo que me propusera fazer, ou seja, há muito que esse doutoramento devia ter chegado, pelos trinta e na minha idade ainda continuava procurando essa realização que me proporcionaria um cargo de professor, para o qual eu não alimentava grande tempo e ocupação de tempo. Na verdade, aquele que vence, vence pelos outros, é um palhaço, não vence por ele mesmo, isso é mais do que certo, de modo que vivia numa certa náusea das coisas, de não ter

mulher certa com quem falar e decerto que não a encontraria na faculdade, já havia passado o tempo.

# 73,

No fundo, acho que toda a gente, de uma maneira ou de outra, procura aceder e controlar a consciência colectiva. Outros não se preocupam com isso e levam a sua vida noirmalmente. Eu sou um desses, cheguei lá e não me preocupo com grande coisa, apenas quero levar a minha vida o melhor que posso sem grandes chatices. Já tive que chegue e sem grande proveito. Antes que este texto termine ou implique a minha morte, vou descansar um pouco. Já fiz muito, agora não depende mais de mim.

# 74,

Retido em casa, pouco percebia do que se passava com os outros, comigo sabia eu bem, uma queria dinheiro e a outra desligara o telefone, quando eu apostava numa e noutra, nas duas. Estava bloqueado e bebia uma cerveja, era tarde e fazia sol, o problema é sermos demasiado romântico, apostar numa pessoa só todas as queixas, lamentações e condimentos do mundo. A escrita é progressiva e eu não o era mais, nunca mais, talvez tivesse voltado a ser analítico, como na juventude, talvez ainda esperasse qualquer coisa de um mundo que me deu pouco...ou muito, não sabia ao certo, a poesia é a menos subvencionada das artes e eu tanto acreditava quanto deixava de acreditar, porque a solidão do criador era bastante avassaladora para a minha saúde. Já não lutava contra os tipos da FCSH, da NOVA e muito menos da Católica, nem procurava ser um professor que diz tudo e até é psiquiatra do andante andarilho. Estava na minha, deixando passar o tempo, fumando os meus cigarros, mentando acesos os meus desejos de encontrar um emprego, não me deixar levar pela emoção, como sempre, calculando, encontrando no meu juízo particular uma forma de felicidade...

# 75,

A brasileira é uma mulher que precisa de espaço, de distância, de pensamento e ilusão. Por vezes é desrespeitada por cá porque ora não se consegue adaptar, não compreende o carácter do homem português, que olha para ela como um animal sexual. A portuguesa é mais inocente mais mais cruel, como a ucraniana, tem bom coração e não se importa de ficar deprimida por privação, enquanto a brasileira, para satisfazer o seu desejo, precisa dessa matriz europeu da localidade e da precisão, pois se sente perdida por cá, em Lisboa, em Portugal. O país tem muitos problemas e quem não ajudar senão português? Essa é sua obrigação, pois o do norte da europa apenas procura o que não tem no seu país, como o africano e o brasileiro, o asiático, procuram o que não há no seu país. A trajectória das migrações, do movimento dos indivíduos, é imparável e não pode ser regatada, quando digo que o racismo não existe pretendo dizer que o africano e o brasileiro têm de esquecer e partir para outra, quando no fundo é ele que irá ser o futuro europeu, pelo menos no sul, já está sendo. Um certo Barradas fundou um partido de extrema direita que iria concorrer às eleições europeias e isso fazia um certo sentido, pois grande parte dos cidadão não se sabiam comportar democarticamente, e voltamos à questão do racismo e dos direitos de cidadania, ous eja, muitos defendem os direitos humanos e dos povos, diferentes entre si, em público, na arena mediática e meia-volta atraíçoam esses princípios, quando por vezes os radicais, seja de extrema-direita seja de extrema-esquerda, são mais lógicos e fazem mais sentido, porque afinal defendem um certo princípio universalmente aceite, localmente aceite, que é o direito dos povos à sua história, herança histórica, na localidade em que vivem. Ou seja, o racismo não é só branco, é também vermelho e amarelo, negro, por vezes, porque não tem a ver com a condição económica e social, mas com o grito de humanidade que cada um lança quando se sente injustilçado. Como eu mesmo me senti ao longo do tempo, discriminado por ser

espanhol em Portugal, francês em Portugal e, dito termo, português em França...mesmo que no papel sempre tenha sido português...Esse é o maior sofrimento que se pode ter, sem ter acesso a mulheres, que não sejam ucranianas, a capital, a emprego digno, a prestígio social...porque o que se fala na rua é muito bonito e há muitos que tudo têm e abusam disso...

# 76,

Muitos (antropólogos) andam meio mundo à procura dos mais variados motivos de escrita, de polemização em universidades, onde se aproveitam das alunas imberbes, eu vou até ao aeroporto e vejo mais nisto tudo do que qualquer um , até norteamericano que tenha assignado um contrato académico. E não perdoos aos meus contemporâneos o terem-me esquecido e deixado só porque, afinal, não tenho de pagar nenhuma coisa por não estar no mainstream e sabem que mais, no futuro quem vinga não é o mainstream, mas a lateralidade, por isso eu estou um pouco além, fazem o que fizerem, vós, do mainstream sedado com drogas e álcool, vocês são uns tristes. Eles abandonaram-me, não me deram a mão, mas eu não me ressinto disso, porque, afinal, não quero o que eles querem, nem sou o que eles são, ainda que deseje, mesmo não cumprindo o meu desejo, sou maior, muito maior do que eles, porque não só combino franciscanismo com intelectualidade, mas porque o vago de mim mesmo é bem mais poderoso que alguma palavra que eles possam dizer ou escrever...

# 77,

E chego ao nó da questão: enquanto muitos se importam com a minha condição (psicológica, solitária), outros nem por sombras adiantam alguma coisa. Não tinha necessidade de envolver-me em querelas físicas com cromos que apenas fazem o que são mandados para fazer, não tem explicação, mas mesmo assim isso acontece, quando julgas que está tudo bem e respeitam à quando elas dão o volte face, não é porque se preocupem com uma ou outra mulher, apenas é porque são tóinos e querem capitalizar seja como for. O básico do ser humano é só fazer merda no seu território e, quando vai para território alheio, estranha a merda que não pode fazer e anda de mansinho. Eu nunca fui assim, sempre fui um tipo bastante diplomático, estivesse onde estivesse, em Portugal e em França, porque em Espanha era e sempre fui eu mesmo. No fundo, o sujeito actual apenas quer gajas e aquela confusão toda que vê nos sites porno, ou seja, fusquilhar o maior número de mulheres possível para se gabar disso num café de aldeia. Eu sou assim. A vida não tem nada de mais extraordinário, nem em baixo nem em cima, quero dizer, nem na antropologia nem na filosofia, ou seja, quando estamos nos mais altos píncaros do pensamento mental, encontramos-nos sós e precisamos de fazer meditação, mas isso tem tudo a ver com o encontro de uma lma-gémea com que possamos estar uns tempos, provavelmente casar, provavelmente beber um uísqui.

# 78,

Depois, pensei: “Ando eu a condicionar o meu pensamento, porventura o meu sentimento, pelo que a sociedade pensa ou não pensa!” Estranho não é? Sobretudo porque não tinha contrato algum para professor de faculdade, ordem da filosofia, nem sequer a discussão de uma tese, pela qual ainda teria que pagar...quando muitos fazem o mesmo (be...não, nunca o mesmo) aos 30 anos. Mas combinar antropologia com filosofia, do ponto de vista etnográfico, neste país ninguém fez...como eu, obviamente, claro que bebi um pouco, mas enquanto Sartre foi génio pela extensão, eu o sou pela precisão, quando ainda estou só... Assim, eu sou tão ao centro que passo ao lado, o escritor não é feito para grande e arrebatados amores, é feito para as maiores das desilusões, e nem é isso que o leva a escrever.... Depois, estive no Cais do Sodrá, passei pelas putas e disse a uma, cheíanha e falado: “Olha, vai lá a minha casa ver se eu limpei o cú!”

# 79,

Sim, serei eu feliz? Não era mais feliz se tivesse uma companhia, nem que fosse um gato de olhos revirados? É complicado encontrar-se uma mulher fiel, mas nem todos os homens querem isso, a maior parte não são todos egoístas nem mesquinhos, por vezes prescindem de transar com a sua para que ela esteja com outro (só para satisfazer uma fantasia ou uma parcela da sua realidade mental), desde que ela apareça à noite na cama e possam discutir sobre o assunto. Outros são possessivos, elas possessivas e nisso tudo acaba em faísca, em pouco tempo. A mulher quando vê um homem tolerante e discreto, como eu, ainda que gostando bem da coisa em si, de certo modo resgatando a mulher em perda, fica desarmada, porque está habituada ao “deus” protector, que dá conta do impasse social em termos de força física e dominância sobre o espaço, o território e os outros machos. O ser humano só entende a imensidão das emoções, mais ou menos matemáticas, o amplexo de significação fenomenológica que um certo Lévinas terá descrito, quando está em perda, ou seja, todo o sofrimento é saber, resta saber se mais adiante será utilitário ou não.

# 80,

A minha luta não é por uma questão teórica, académica, eu já resolvi isso há algum tempo. É pelo emprego a que tenho direito: paparoca. No entanto, mesmo sendo cientista social, estou sózinho e só tenho praticamente a minha família, que me subvenciona para produzir um conhecimento de que os outros, a maior parte dos outros, que não creio que seja toda a gente, pois os mais iluminados estão na órbita da sua poesia, os outros, grande parte deles, se aproveitar para gerar lucro e prazer deles mesmo, fazendo sofrer outros, não tanto como eu. Serão felizes? Isso não importa muito, porque a felicidade nada tem a ver com o cinema americano ou o zen, nem tão pouco com ciência social, instrumentalizada por governantes e outros, criminais até, de aspecto e alma sórdida. No entanto, aquele que tudo sabe, permanece só, sem grandes mulheres, quando o Deus lá de cima, que vós invocais para tudo e mais alguma coisa, tem várias, mais do que aquelas que merece.

# 81,

Sim, a maior parte dos romancistas americanos nunca se esforçou realmente, nem inspiração nem transpiração. O resto é marketing. “A eternidade das coisas do mundo” bla bla bla.

Pouco depois de ter chegado a casa, pousei a mão sobre a minha testa. Estava quente. Comi uma sopa. No dia anterior havia estado com uma jovem e alguns receios se levantavam acerca disso. Não estava especialmente preocupado com a representação social de mim mesmo, numa sociedade aparentemente liberar mas por outro lado bastante mesquinha e conservadora. Contudo, naquele fim de tarde, estava em paz comigo mesmo e não tinha nenhuma condenação a fazer à minha pessoa. Por onde andava, à saída de casa, no aeroporto, fosse onde fosse, ouvia umas bocas, a maior parte das vezes não ligava, já não respondia. Via muitos casais levarem vidas sociais, actores, etc, com grandes festas, grande efusividade, e perguntava-me se seriam felizes. O homem, em grupo, cria deuses, como falou Durkheim. Dava-me a ideia de que a maior parte das pessoas que eu via, tão apressadas em viver, tão concentradas no instantes, criavam toda a espécie de deuses que podiam, talvez para se defender da sua própria volatilidade, fragilidade, talvez até inocência face aos perigos que o mundo de hoje representa para qualquer ideal...

# 82,

Decidi, quase ao fim da tarde, não ficar até final do mês por motivos de saúde, e estou extremamente cansado e a minha resistência tem limites, vou descansar perto dos meus, não fico cá o fim-de-semana, ou até meio da semana que vem, pois teoricamente nem no final do mês me irão dizer algo acerca das propostas de emprego e da tese e sua discussão. Os vizinhos praticamente não me falam, mandei Danny às fâvas há já algum tempo, apenas consigo uma forma de entendimento superior com o meu protetor, o meu pai, mesmo o que irmão esquiva-se a qualquer, ao diálogo, não sei, talvez fale demais e ele nem sequer queira que lhe ligue. Acho que me está ajudando porque não tem outro remédio, para não ir pedir aos de fora. A minha irmã nunca começa um diálogo, coisa que eu tenho bem cá por casa com os vizinhos de cima falando horas e horas sobre mim. Que ganho eu com isto? O a solução do mistério da humana condição? É demais para um homem só. E tenho fome, a maior parte do tempo, pouco fumo, pouco bebo. Ensaiei qualquer coisa de perigoso para a minha vida que afinal vai ajudar outros, provavelmente os jovens. Mas isso faz parte do ofício de ser escritor, não faz?